

Material Didático-Pedagógico

**COLEÇÃO PEDAGÓGICA A MENINA DO PEQUI: LIVRO
LITERÁRIO INFANTOJUVENIL E GUIA PEDAGÓGICO PARA O
ENSINO DE CIÊNCIAS COM SUGESTÕES DE ATIVIDADES
SOBRE EDUCAÇÃO CTSA**

VOLUMES I e II

**IVANI JACINTO DA COSTA
NÍLIA OLIVEIRA SANTOS**

UMA HISTÓRIA DE FOME, SONHOS
E ESPERANÇA NO CERRADO GOIANO

A Menina do Pequi



IVANI JACINTO DA COSTA
NÍLIA OLIVEIRA SANTOS





Universidade
Estadual de Goiás

MESTRADO PROFISSIONAL EM
ENSINO DE CIÊNCIAS

MATERIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO

**COLEÇÃO PEDAGÓGICA A MENINA DO PEQUI:
LIVRO LITERÁRIO INFANTOJUVENIL
E GUIA PEDAGÓGICO PARA O ENSINO
DE CIÊNCIAS COM SUGESTÕES DE ATIVIDADES
SOBRE EDUCAÇÃO CTSa**

**IVANI JACINTO DA COSTA
NÍLIA OLIVEIRA SANTOS**

ANO - 2026



2026

A Menina do Pequê

**IVANI JACINTO DA COSTA
&
NÍLIA OLIVEIRA SANTOS**

**NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA
DE MEMÓRIA BASEADA EM FATOS REAIS**

Autoras:

Ivani Jacinto da Costa

Nília Oliveira Santos

Projeto gráfico, diagramação e ilustrações:

Lannder Cunha de Freitas

Catálogo na Fonte

Universidade Estadual de Goiás

Biblioteca do Câmpus Central – Sede: Anápolis – CET

C837m Costa, Ivani Jacinto.

A menina do pequi : uma história de fome, sonhos e esperança no cerrado goiano / Ivani Jacinto da Costa; Nília Oliveira Santos.– Anápolis-GO, 2026.

166 p. il (Material didático-pedagógico: Coleção pedagógica a menina do pequi)

Produto Educacional integrante da Dissertação: História à mesa no Ensino de Ciências: conexões entre literatura infantojuvenil, alimentação e educação CTSA. Mestrado Profissional em Ensino de Ciências - Câmpus Central – Sede: Anápolis – CET, Universidade Estadual de Goiás – UEG, 2026. Orientadora: Profa. Dr^a. Nília Oliveira Santos.

1.Educação CTSA. 2. Memórias - Literatura infantil. 3. Identidade territorial. I. Costa, Ivani Jacinto da. II. Santos, Nília Oliveira. II. Título.

CDU 37

Elaborado por Sandra Alves Barbosa – Bibliotecária – CRB 1 / 2659

Aos meus filhos,
Murilo Henrique e Victor Hugo,
razão do meu viver.

Aos meus irmãos,
Maria Helena, Celso e Ivanilda,
com quem compartilho memórias
e a força da nossa história.

Aos meus pais, *Guiomar e Joaquim José,*
e ao meu irmão, *José Jacinto,*
que partiram, mas permanecem vivos
na minha história e em tudo o que sou.

In memoriam.

Su- má- rio

05

O DINDINHO PEDRO ... 71

A ESCOLA ... 75

CASAS DE PASSAGEM ... 81

02

O BICHINHO DO MATO ... 27

DONA GENOVEVA ... 34

A MERENDA ... 37

04

CHUVA, DOCES E POESIA ... 55

FÊ, FOLIA E FARTURA ... 59

A DESPEDIDA ... 63

01

A PERGUNTA ... 17

O SONHO DA ESCOLA ... 18

O PIRATA ... 21

03

A MENINA DO PEQUI ... 41

O HOMEM DO SACO ... 47

A GAMELEIRA ... 51

06

O TRABALHO PRECOCE ... 85
O LOBO EM PELE DE CORDEIRO ... 89
A PARTIDA ... 90

07

A FORÇA DE UMA MÃE ... 95
OS PERIGOS DA RUA ... 96
O POMAR DAS JABUTICABAS ... 99

08

O CHORO DE JÚLIA ... 105
LUCAS E AS MOEDINHAS ... 108
O SÍTIO DO MATEUS ... 112

09

O SONHO INTERROMPIDO ... 121
AS FADAS MADRINHAS ... 125
O DOMINGO NA FEIRA ... 129

10

NOVOS RUMOS ... 135
A CASA DA RAINHA ... 139
O ADEUS ... 142

Epílogo

A SALA DE AULA ... 147
IGUALDADE NAS DIFERENÇAS ... 149
A MENINA DO PEQUI PERMANECE ... 150

GLOSSÁRIO ... 156

*MAPA DO
ESTADO DE GOIÁS



Ivani Jacinto

IVANI JACINTO DA COSTA é professora, nutricionista e mestre em Ensino de Ciências pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Licenciada em Pedagogia, em Letras Português/Inglês e em Letras Português/Espanhol, atua por cerca de 30 anos na Educação Básica.

A Menina do Pequ nasce de suas memórias autobiográficas, transformadas em narrativa literária. Mora na cidade de Inhumas, Goiás.

NÍLIA OLIVEIRA SANTOS é licenciada em Química pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), com especializações na área de ensino, mestrado em Ensino de Ciências e doutorado em Educação em Ciências pela Universidade de Brasília (UnB). É docente do ensino superior na UEG, onde atua também no Programa de Mestrado, desenvolvendo pesquisas nas áreas de Educação CTS, formação de professores, materiais didáticos e processos de ensino-aprendizagem.

Nesta obra, contribui como orientadora acadêmica, fortalecendo o diálogo entre memória, literatura e educação. Mora em Goiânia, Goiás.



Nília Oliveira

Prefácio

Há histórias que informam. Outras emocionam. E existem aquelas que conseguem fazer as duas coisas ao mesmo tempo, além de aproximar o leitor de experiências humanas carregadas de memória, cultura e afeto.

Nesta obra, a autora abre as portas de suas memórias e convida o leitor a percorrer, com sensibilidade e delicadeza, experiências vividas em meio ao Cerrado brasileiro, revelando paisagens, sabores, costumes, relações familiares e saberes construídos ao longo de sua trajetória.

Durante a leitura, sinto o cuidado e a sensibilidade presentes em cada detalhe escrito. Os cheiros da comida no fogão, as árvores, as conversas, os costumes, as expressões regionais e as vivências da infância aparecem de forma acolhedora e viva, e isso desperta identificação, emoção e encantamento. Mais do que recordar experiências, a autora compartilha partes de sua própria história e valoriza memórias que permanecem guardadas na lembrança de quem as viveu.

Com esta obra, percebo possibilidades de pensar e repensar reflexões e atividades relacionadas à cultura, alimentação, território, identidade, meio ambiente e sociedade a partir dos princípios da Educação Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente (CTSA). O guia pedagógico construído para acompanhar a leitura apresenta caminhos e possibilidades para o desenvolvimento de

discussões, práticas e atividades em sala de aula, o que contribui para experiências educativas mais contextualizadas e próximas das realidades vividas pelos estudantes e amplia as possibilidades de trabalho pedagógico com estudantes e professores.

Uma das grandes riquezas deste trabalho está justamente em aproximar a Educação CTSA das histórias de vida, o que abre caminhos para compreender que ensinar e aprender também acontece por meio das memórias, das culturas, dos sentimentos e das experiências compartilhadas entre diferentes sujeitos e territórios.

A delicadeza presente na escrita da autora encontra nas ilustrações de Lander um importante complemento visual, capaz de aproximar ainda mais o leitor das experiências, paisagens e afetos retratados ao longo da obra.

A leitura desta obra representa um convite para caminhar pelas memórias da autora, sentir os detalhes de cada experiência apresentada e reconhecer a potência existente nas histórias construídas a partir da vida, da cultura e dos afetos. Sinto-me lisonjeada por acompanhar a trajetória de superações dessa autora, que enfrentou desafios, medos e dificuldades para construir e compartilhar esta obra conosco. Aqui temos um presente para estudantes, professores e pesquisadores que acreditam na educação como espaço de encontro, reflexão e transformação social.

POR DRA. NÍLIA OLIVEIRA



Apresentação

OLÁ, QUERIDO LEITOR, QUERIDA LEITORA!

Meu nome é Ivani Jacinto. Sou professora há trinta anos, pesquisadora, nutricionista, mestre em Ensino de Ciências e mãe de dois amores — Murilo Henrique e Victor Hugo — que, assim como eu, aprenderam desde cedo o valor da educação.

Quando eu era criança, vivi dias difíceis, conheci a fome, as carências e muitas ausências — experiências que hoje compreendo também como expressões da insegurança alimentar. Mas também conheci o afeto, a coragem, a amizade e a força dos sonhos. A obra *A Menina do Pequeno* nasceu dessas memórias e do desejo de tocar o coração de quem lê.

Desde pequena, sonhava com a escola como possibilidade de transformação, embora também tenha vivido ali momentos de exclusão. Ainda assim, não desisti. E foi nesse mesmo espaço que encontrei a oportunidade de mudar minha história, tornando-me professora e mestre.

Por isso, em minha profissão, carrego comigo o compromisso de contribuir para uma escola mais acolhedora, sensível às crianças, aos jovens e adultos que chegam com fome, para que outras crianças não precisem passar pelas carências que marcaram a minha infância.

Esta história nasceu como parte do Produto Educacional da minha dissertação de mestrado intitulada **"Histórias à mesa no Ensino de Ciências: conexões entre literatura infantojuvenil, alimentação e Educação CTSA"**, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade Estadual de Goiás. Durante todo o percurso, contei com o incentivo e acompanhamento da minha orientadora, professora Dra. Nília Oliveira Santos, que assinou esta obra como coorientadora.

Espero que, ao caminhar por estas páginas, você encontre não apenas a minha história, mas também se identifique com ela ou se lembre de alguém que já viveu situações de insegurança alimentar e vulnerabilidade social, e perceba que as dificuldades fazem parte do caminho, mas nunca devem ser maiores do que a vontade de aprender, sonhar e seguir em frente.

Com carinho,
Duda, A Menina do Pequê

*Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.*

*Eu sou aquela mulher
que ficou velha,
esquecida,
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
contando estórias,
fazendo adivinhação.
Cantando teu passado.
Cantando teu futuro.*

CORA CORALINA



01



A pergunta

A sala de aula estava silenciosa até que uma mãozinha se levantou lá do fundo.

Era Lázaro, meu aluno de olhos atentos e barriga roncando baixinho. Todos os dias, ele aguardava a hora da merenda com grande expectativa, como quem encontra ali um verdadeiro alívio para a fome.

Naquele dia, o cheiro da galinhada tomou conta da sala, e ele, com a tigela já vazia nas mãos e um semblante em que a fome ainda fazia morada, olhou para mim e perguntou:

— Professora, posso repetir? — perguntou ele, com a voz meio tímida.

Por um instante, o tempo pareceu parar. Aquela pergunta simples, feita com fome e inocência, tocou fundo o meu coração.

— Claro que pode, Lázaro! — respondi, com ternura.

Enquanto ele corria feliz para a fila, aquele cheiro, aquela cena e aquela alegria de repetir o lanche foram se misturando às lembranças da minha própria infância.

As paredes da sala foram sumindo, as vozes dos alunos ficaram distantes e, num instante, eu já não era mais a professora.

Eu me vi pequena outra vez, aos seis anos de idade., de pés descalços, no sertão de Goiás, sonhando com um prato de comida e um futuro melhor...



O sonho da escola

Lá estava eu, acordando cedo no nosso casebre de pau a pique, cercada de irmãos, fome e sonhos. O sol ainda nem tinha aparecido direito quando a voz de mamãe ecoou da cozinha:

— Crianças, hora de levantar!

O fogo crepitava no fogão à lenha, e o cheiro do mingau se misturava à fumaça do cerrado. Mamãe já preparava nosso café da manhã.

— Mãe, o que a gente vai comer hoje? — perguntei, esfregando os olhos, enquanto a barriga roncava baixinho.

Mamãe era uma mulher bonita, sua pele tinha o brilho morno do sol do cerrado, cabelos negros e estatura mediana, mas de uma grandeza impossível de medir. Com o lenço amarrado na cabeça e um olhar manso, cheio de cuidado, respondeu:

— Hoje tem mingau de abóbora, Maria Eduarda.

— Mingau de novo, mãe?

— É o que temos, minha filha. — respondeu mamãe, com aquele olhar manso, cheio de ternura e perseverança. — O amor faz render.

Sentados ao redor da antiga mesa de madeira, já lascada pelo tempo, observávamos a panela fumegante, esperando o sinal. Mamãe mexia a colher de pau como quem reza, tentando transformar o pouco em suficiente.

Éramos cinco irmãos: eu, Ritinha, Bento, Lena e Zeca.

Eu, Duda — era assim que meus irmãos me chamavam — tinha os cabelos ondulados e olhar curioso, sempre queria entender o mundo ao meu redor.

Ritinha, com nove anos e cachos marcados, tinha um jeito sereno e ponderado, que às vezes fazia a gente esquecer o quanto ainda era pequena.

Bento, aos onze, era o mais animado da turma. Tinha a pele branca, que o sol da roça vivia pintando, e um riso fácil que contagiava.

Lena, com doze anos, já anunciava que seria uma linda moça, de cabelos lisos, com uma alegria faceira no olhar e uma esperteza que ninguém enganava; era a líder da nossa pequena tropa.

Zeca, o mais velho, com catorze anos, de cabelos pretos, tinha uma beleza cintilante, e quando falava, parecia entender do mundo.

— Mãe, eu não vou querer — disse Zeca. — Vou merendar na escola.

— Eu só quero um pouquinho, mãe — completou Lena. — Hoje a professora disse que vai ser galinhada.

— Uai, maninhos, tínhamos que ter avisado pra mãe, né? — disse Ritinha. — Agora quem vai comer esse tanto de mingau que ela fez?

— Pode deixar que eu como a parte de vocês! — falou Bento, sorrindo e passando a mão na barriga. — E ainda vou guardar espaço pra galinhada!

Dos cinco irmãos, somente eu ainda não estudava.

Naquele tempo, o mingau era o lanche, o almoço, a janta e, muitas vezes, o nosso sonho. Cada dia tinha um sabor: de fubá, de araruta, de quibebe, de abóbora. Quando não era mingau, havia outros preparos simples, como molho de jiló, de chuchu ou de taioba.

Enquanto eu comia, sonhava com o lugar para onde meus irmãos iam todas as manhãs. Na minha imaginação, era um mundo mágico: além de aprender a ler, eles ainda comiam comida gostosa.



O Pirata

A escola ficava logo depois da estrada de terra, do outro lado do pasto de capim-colonião.

De manhã, eu via o movimento da casa mudar quando eles começavam a se ajeitar para sair. Era caderno, cartilha e lápis sendo guardados na capanga, cabelo sendo penteado às pressas, pés ligeiros no terreiro e um sorriso no rosto, como se estivessem indo para o paraíso.

Foi numa dessas manhãs, enquanto meus irmãos pediam as bênçãos para minha mãe, que o desejo apertou ainda mais dentro de mim.

— Eu também quero ir, mãe.

Mamãe olhou para mim com doçura, ao mesmo tempo que os acompanhava até a porta.

— Ainda não é sua hora, menina.

— Mas eu quero aprender a ler...

— Vai aprender. Cada coisa tem seu tempo.

Eu fiquei calada, segurando aquela vontade no peito, enquanto via meus irmãos seguirem rumo à porteira.

Foi então que o Pirata se achegou para o meu lado. Era um vira-lata caramelo, com uma mancha branca no olho esquerdo, que o tornava ainda mais bonito. Esperto como gente, ele parecia entender quando a tristeza apertava antes mesmo de eu dizer qualquer coisa.

Sentava-se perto de mim, com as orelhas levantadas e o rabo varrendo o chão, enquanto olhava na mesma direção que eu, como se também soubesse que ali, depois da porteira, começava um mundo que eu ainda não podia alcançar.

Depois que eles iam, a casa parecia ficar mais quieta. Mamãe seguia com seus afazeres, e eu ajudava no que podia: guardava os talheres no garfeiro, varria o terreiro e, entre uma tarefa e outra, brincava com o Pirata no chão de terra batida.

Mas era ao sol do meio-dia que meu coração começava a bater diferente. Eu ficava na porta de casa a esperar o retorno de meus irmãos da escola e o Pirata comigo, a farejar o ar e empinar as orelhas, sempre atento.

Enquanto ficávamos ali olhando a porteira, outra coisa já ocupava meu pensamento: o que mamãe iria arrumar para a gente comer no almoço — Tomara que não seja mingau de novo, eu pensava.

Bastava um ruído mais longe, uma poeirinha no caminho ou um riso vindo da estrada, e o Pirata já disparava a

latir, alegre, como se quisesse ser o primeiro a anunciar a chegada deles.

Logo meus irmãos apareciam na porteira, cheios de vida, com os pés empoeirados, as capangas atravessadas no peito e o rosto aceso de sol. Vinham falando alto, um cortando a conversa do outro, como quem trazia nas mãos um punhado de novidades.

O Pirata pulava em volta deles, abanando o rabo e Bento ria e fazia festa com ele. Zeca fingia que ia correr atrás, só para o cachorro sair desembestado pelo caminho de casa. Lena ajeitava a capanga no ombro e Ritinha já vinha querendo contar tudo de uma vez.

Eu, porém, queria saber primeiro daquilo que mais me encantava.

— Como é a escola? — perguntei, com os olhos arregalados.

— É um sonho! — dizia Lena. — Tem quadro verde, giz branco, e a professora fala bonito.

— E é brava também, né, Zeca? — completava Rita.

Meu irmão olhava para ela com aquele jeito de quem dizia, sem falar: “depois eu te pego!”.

Eu andava ao redor deles enquanto falavam, como se juntasse pedacinhos de um mundo que ainda não era meu. Cada palavra deles ia montando dentro da minha cabeça uma escola bonita, cheirando a caderno, merenda boa e futuro.

Mas havia uma curiosidade que apertava mais forte dentro de mim, e eu logo tratava de perguntar:

— E o que teve de lanche hoje?

— O lanche é a melhor parte! — disse Bento. — Hoje teve rosca e suco de groselha.

Eu fechava os olhos e imaginava o gosto daquela merenda. Minha boca até salivava. Era como sonhar acordada. Quem preparava o lanche escolar era a própria professora, dona Genoveva, e o cheiro se espalhava longe anunciando esperança.

Naquele chão duro, onde quase tudo faltava, eu, sem entender direito as coisas grandes da vida, entendia ao menos isso: quem ia para a escola voltava de barriga cheia, mais animado e feliz.

À noite, deitada no colchão de palha, eu desenhava letras imaginárias com o dedo no ar. A palavra "professora" era a que eu mais gostava de inventar. Eu ainda nem sabia escrever, mas já sabia o que queria ser.

Enquanto esperava o sono chegar, cantava baixinho:

Um dia vou pra escola,

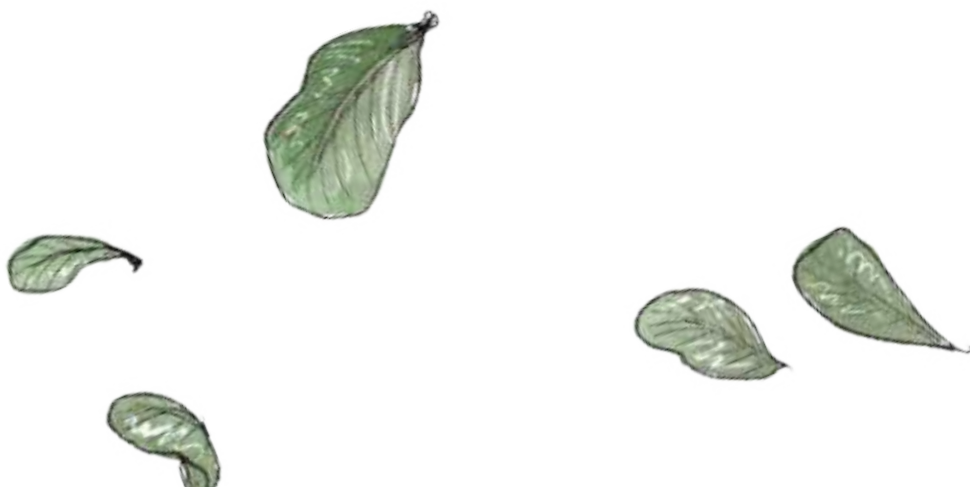
aprender e ensinar,

lanchar e ter futuro,

pra mamãe se orgulhar.

O cerrado era meu livro. O vento que passava entre os pequizais era quem virava as páginas. E eu lia o mundo pelas cores das flores dos ipês e pelo som da enxada do meu pai.

Mas, antes que a escola se abrisse para mim, ali, naquele cerrado goiano, a vida ainda haveria de me ensinar muitas coisas e me conduzir por aventuras que ficaram guardadas para sempre na memória.





02

*O bichinho do mato*

Éramos agregados em um sítio no cerrado goiano, em tempos de muita seca no sertão. Nossa casinha era pequena, de pau a pique, com chão de terra batida. As paredes tinham rachaduras por onde o vento passava, e o teto, coberto com folhas de bacuri, deixava a chuva pingar. Mas ali moravam a fé e o amor.

Meu pai, Seu Joaquim, era um homem de braço forte e coração manso. Alto, de cabelos loiros e olhos azuis, era tão branco que ganhou o apelido de Joaquim Vermelho. Trabalhava na roça de sol a sol. O pagamento pelo serviço raramente vinha em dinheiro. Às vezes, recebia um pouco de gordura de porco, arroz em casca, farinha de mandioca ou feijão.

— Pai, o senhor vai trabalhar onde hoje? — eu perguntava.

— Vou lá pra fazenda do seu Raimundo capinar a roça. Ele prometeu um pouco de arroz.

— Mas o senhor não cansa?

Ele sorria, ajeitava o chapéu surrado e dizia:

— Canso sim, mas fome cansa mais.

Aquelas palavras ficaram guardadas em mim. Quando papai voltava da roça, trazia algum alimento nas mãos e os olhos cheios de poeira. Mas, no olhar, havia sempre um brilho de esperança.

Naqueles dias, os ipês mostravam suas cores, amarelos e roxos, e balançavam ao vento como se anunciassem tempos melhores. Mamãe dizia que eles floriam quando Deus queria lembrar a gente de que o cerrado também sabia rezar. Mas, mesmo com as flores, a vida seguia dura.

O Pirata andava atrás da gente como se fosse mais um de casa. Dormia encolhido perto do fogão, corria pelo terreiro, latia para as galinhas e, quando eu ficava triste, se deitava aos meus pés, como se entendesse cada silêncio meu.

À noite, o colchão de palha era nossa cama, nosso refúgio e, sem que soubéssemos, também escondia perigos. Entre as palhas viviam percevejos, pulgas, piolhos de galinha e o barbeiro. Naquele tempo, ninguém sabia que ele era perigoso. Para nós, era só mais um bichinho do mato.

Nos domingos, a fome dava trégua à nossa casa. Mamãe pegava no quintal um franguinho caipira e o preparava com todo capricho. Quando havia pequi, o almoço ficava ainda mais especial.

— Hoje é dia de banquete! — gritava Bento.

— Vai com calma, menino — dizia mamãe, mexendo a panela. — Nem tirei do fogo ainda.

Eu me achegava perto do fogão, de olho no molho amarelinho.

— Mãe, pequi é comida importante? — perguntei.

— É sim, filha. É o nosso ouro do cerrado. Pequi é comida de quem tem raiz. É comida de gente forte e da nossa terra.

— Então por que o Zeca não come, se é tão gostoso? — perguntei.

Mamãe sorriu de canto, sem parar de mexer o almoço.

— Nem todo mundo sente o gosto das coisas do mesmo jeito, minha filha.

Era verdade. Zeca não gostava nem do cheiro do pequi.

— Eu quero é frango, não quero pequi — resmungava ele.

Bento fazia graça:

— Pode passar o pequi dele pra mim!

— Mãe, sabe a Clara, filha da dona Aurora? — disse Ritinha. — Lá na escola, ela também é igual o Zeca: tem merenda que ela não come de jeito nenhum.

Lena entrou na conversa:

— E, na hora do recreio, ela não gosta de brincar com ninguém. Todo dia fica lá no pátio, empilhando gravetos, com toda atenção do mundo.

Mamãe sorriu de leve, sem parar de mexer a panela.

— Cada criança tem seu jeito, minhas filhas. Tem umas que gostam mais de conversa e de correria. Outras gostam mais de ficar quietinhas no seu canto.

Meu pai, que aos domingos descansava da roça para estar com a família, aproveitava o tempo para consertar a cerca do quintal. Mas, quando o cheiro do almoço se espalhava pelo terreiro, ele se achegava devagar, respirava fundo e dizia:

— Hoje o almoço está cheiroso demais.

— Está mesmo — respondia mamãe. — Hoje tem frango caipira com pequi.

— Então é fartura — dizia ele, rindo.

Na hora de servir, a gente cercava a panela como quem cerca uma festa. Mamãe ia colocando a comida nos pratos, e o falatório se misturava ao cheiro do caldo quente.

— Pra mim, um pedaço de frango bem grande — pedia Bento.

— Pra mim, sem pequi — avisava Zeca, lá do canto.

— Eu quero o peito de frango — pedia Ritinha.

— Mãe, eu quero o pescoço e os pés — dizia Lena.

— E pra Maria Eduarda, será que sobrou a asinha? — perguntava mamãe, sorrindo, enquanto me servia.

Quando havia pequi, porém, junto com o carinho vinha também o aviso de sempre:

— Presta atenção, minha filha... pequi é traiçoeiro. Tem que roer a polpa com cuidado, pra não espinhar a língua.

— Mamãe sempre me lembrava disso, porque certa vez eu me distraí, feri a língua toda e chorei de dor.

E depois completou:

— O pequi é assim... primeiro a gente aprende, depois a gente gosta.

Eu já tinha aprendido. O segredo do pequi não estava na pressa, mas no jeito.

O Pirata ficava por ali, abanando o rabo, certo de que logo também ganharia a sua parte naquele banquete.

O almoço virava festa. De barriga cheia, ainda restava a expectativa da sobremesa — um instante raro, reservado aos domingos. Bento mal terminava de comer e já perguntava à minha mãe:

— O que teremos de sobremesa hoje? — dizia, passando a mão na barriga.

— É segredo! — respondia mamãe, rindo.

E assim, só nos restava esperar a surpresa que mamãe nos reservava. Então, Lena e Ritinha começavam a juntar as panelas para lavá-las no córrego que corria nos fundos de casa. Mas mamãe logo avisava:

— Façam o quilo primeiro, meninas.

Era um tempinho de sossego. Ficávamos quietos, deixando a comida assentar no corpo. Então vinha uma paz mansa, dessas raras, de barriga quente e coração aliviado. Meia hora de descanso bastava, e mamãe já nos liberava.

Na porta de casa havia um banco comprido, de madeira já gasta pelo sol e pela chuva, que, depois do meio-dia, se deixava cobrir pela sombra do ipê-amarelo. Meu pai, Bento e Zeca sentavam-se ali, proseando e escutando as notícias e as modas caipiras no rádio de pilha.

Passado o repouso, Lena e Ritinha pegavam as pesadas panelas de ferro e as colocavam na cabeça. Mamãe me entregava a minha tarefa: lavar os copos de alumínio. Então, descíamos com as vasilhas para a beira do córrego. O Pirata chegava antes de nós e ficava por ali, latindo e nos protegendo.

Enquanto isso, minha mãe ficava na cozinha, preparando a sobremesa. Quando terminava, ela pegava dois pratos esmaltados, chegava à porta da cozinha e batia um no outro. O barulho ressoava até a beira do córrego. Então, rapidamente juntávamos as vasilhas e subíamos, ansiosas para saber qual seria a sobremesa daquele dia.

— Que cheirinho bom! — dizia Bento.

— Quem adivinhar ganha uma volta no Trovão — propôs Zeca. Trovão era o cavalo da roça, e era Zeca quem o montava para ajudar meu pai no campo. — Quem arrisca?

— Eu sei — Bento foi o primeiro. — É canjica!

— É banana com açúcar — tentou Lena.

— Certeza que é bolinho de chuva — foi a vez de Ritinha.

Eu nem arrisquei adivinhar, pois tinha medo de montar no Trovão.

Então mamãe tirou o pano que cobria a travessa, e nós nos maravilhamos com um delicioso arroz-doce cremoso.

—Eu quero com canela! — anunciou Ritinha.

Saboreamos aquela sobremesa com gostinho de quero mais. Enquanto comíamos, papai nos contou que havia buscado o leite para o arroz-doce na fazenda do seu Divino, que morava ali, pras bandas da Colônia dos Alemães.

Naquela casa simples de pau a pique, o fogão era o centro de tudo, e cada refeição trazia uma lição: a de transformar o pouco em bênção e a de manter o amor aceso, mesmo quando a vida apertava.

Minha mãe sabia coisas que nenhum livro ensinava. Mesmo sem saber ler, entendia que comida era amor, cuidado e resistência.

À noite, deitada, eu olhava para o teto e pensava: um dia, quero estudar para entender por que a comida alimenta o corpo e também o coração.

Foi naquela casa, entre a fumaça do fogão, o cheiro do pequi e o Pirata farejando cada canto, que a infância me ensinou muitas coisas. Eu ainda não sabia, mas, naquele chão de roça, a escola logo haveria de se aproximar de mim de um jeito inesperado.



Dona Genoveva

Certa tarde, a professora dos meus irmãos, dona Genoveva, apareceu lá na roça. Eu a vi de longe, ainda na porteira, porque o Pirata já tinha anunciado sua chegada com seus latidos. Vinha montada a cavalo, de chapéu branco e postura firme, levantando poeira pelo caminho até parar diante da nossa porta.

Mamãe, que estava ocupada com seus afazeres, ajeitou o lenço na cabeça, limpou as mãos no avental e foi recebê-la.

— Boa tarde, professora! Apeia do cavalo e vamos entrar pra tomar um cafezinho.

Dona Genoveva sorriu e respondeu:

— Boa tarde, dona Diomara. Hoje não posso demorar. Passei por aqui para trazer um pouco da merenda que sobrou na escola. Hoje faltaram algumas crianças e sobrou lanche demais.

Eu fiquei por perto, admirando aquela professora montada no cavalo, com jeito de quem sabia muitas coisas. Mas,

quando ouvi que ela tinha trazido um pouco da merenda da escola, meus olhos brilharam na mesma hora. Enquanto isso, eu segurava o Pirata junto de mim, porque ele insistia em latir para o cavalo marrom, de pelo brilhante, todo desconfiado. Então eu dizia baixinho ao seu ouvido:

— Calma, Pirata... eles são nossos amigos.

Mamãe pegou a matula com cuidado e agradeceu:

— Deus lhe pague, professora. Essa merenda chegou em boa hora. A seca anda castigando muito a nossa região... Quem sabe Deus se compadece e manda chuva logo pra nossa terra.

A professora sorriu com brandura e disse:

— Deus há de mandar, dona Diomara. Ouvi na rádio que até dezembro ela chega. Mas, enquanto não vem, a gente se ajuda como pode.

Então, mamãe aproveitou para perguntar:

— E as crianças, como vão na escola? Melhoraram as notas? Da outra vez, as notícias não foram tão boas.

Quando meus irmãos ouviram aquilo, espiando lá de dentro da casa, se entreolharam e foram se aquietando, como quem já imaginava que vinha bronca.

Dona Genoveva abriu um sorriso tranquilo.

— Melhoraram, sim. As crianças estão se comportando melhor e também melhoraram nas lições. A senhora e seu Joaquim estão de parabéns pela educação que dão a elas.

Mamãe respirou aliviada.

— Graças a Deus — disse, com a mão ao peito.

Depois disso, minha mãe já foi logo chamando o Zeca e mandou arrumar uma matula pra professora, cheia do que tínhamos de melhor para oferecer naquele momento: abóbora e mandioca.

— Leva, professora, pra ajudar na merenda da escola. Eu faço questão.

Agradecida, a professora se despediu, mas, antes de partir, olhou para mim e disse:

— Dona Diomara, sua menina tem um olhar muito esperto. Assim que tiver idade, leve ela pra escola.

Mamãe sorriu, orgulhosa.

— A coitadinha vive pedindo pra ir.

— Então isso é sabedoria... não é teimosia — respondeu a professora.

E partiu, sob o trote firme do cavalo.

Mamãe olhou até ela sumir na estrada. Depois chamou meus irmãos, que vieram ainda ressabiados. Então disse:

— Viram só, meus filhos? Nem sempre a professora vem aqui só pra dar bronca. Às vezes, ela também traz elogios — e abriu um sorriso acolhedor.

Aliviados e felizes, meus irmãos correram para abraçá-la, como quem finalmente pudesse soltar o medo e guardar no peito só a alegria daquela notícia.

Aquela cena marcou meu coração. Ali, sob o sol do cerrado, mãe e filhos unidos, eu entendi que, naquele chão duro onde quase tudo faltava, mamãe sabia de uma coisa muito importante: a educação era o caminho que podia nos levar mais longe.



A Merenda

Depois que dona Genoveva se foi, nos reunimos na cozinha. Mamãe colocou a matula sobre a mesa, e eu já não me aguentava de curiosidade.

— Mãe, o que tem na matula? — perguntei, quase subindo na mesa para enxergar melhor.

Bento respondeu antes dela:

— Hoje foi dia fartura na escola. Teve sopa de macarrão e depois a professora serviu esse lanche.

Mamãe abriu a matula devagar, e lá dentro havia um bolo de mané pelado, bonito e cheiroso, que encheu a cozinha de alegria.

— Ô trem bom! — disse Lena, se aproximando.

Mamãe então pediu:

— Bento, vai ali no quintal e traga uns limões pra eu fazer uma limonada.

Num instante, ele voltou com os frutos nas mãos. Mamãe preparou a limonada, cortou o bolo e serviu cada um com ternura no olhar.

Eu comi aquele lanche como se fosse o melhor do mundo. O bolo era macio, úmido, cheiroso, e a limonada parecia completar a festa.

Enquanto a gente comia, Ritinha implicou com Bento:

— Já vai pegar outro pedaço? Lá na escola você também repetiu bolo e macarrão.

Bento sorriu, sem a menor vergonha.

— A professora disse que pode comer à vontade e que as brincadeiras de criança ajudam a gastar a energia do que a gente come.

Depois deu uma mordidona no bolo e completou, todo satisfeito:

— Eu já corri muito hoje no quintal, então posso comer de novo.

Todo mundo riu.

Mamãe balançou a cabeça, sorriu daquele jeito manso dela, enquanto repartia mais um pedaço.



Naquele dia, sentada à mesa da cozinha, comendo o bolo que vinha da escola, eu senti como se um pedacinho daquele mundo também tivesse chegado até mim. Ainda não era minha hora de estudar, mas o cheiro da merenda, o sabor daquele bolo e a alegria dos meus irmãos já faziam a escola morar dentro dos meus sonhos.





03

*A Menina do Pequi*

O sol do cerrado queimava o chão, e o ar cheirava a poeira e fruta madura. Era tempo de pequi e, onde morávamos, esse fruto era mato. Caía aqui, caía ali, e a gente já conhecia de longe o cheiro forte que ele deixava pelo caminho.

Uma vez por semana, depois do almoço, nós saíamos com as latas nas mãos para catar pequi e vender na beira da estrada. Era uma ajuda para comprar alguma coisa para casa, e papai ficava contente quando a gente voltava com umas moedinhas no bolso.

Zeca, mesmo torcendo o nariz para o pequi, fazia aquele trabalho com honra, porque sabia que aquilo era uma

forma de ajudar nosso pai e aliviar um pouco as dificuldades da casa.

— Quem pegar o pequi maior ganha! — gritava Zeca, e saía na frente.

Lá de longe, mamãe ainda recomendava:

— Peguem só os maduros e os de vez!

A gente se espalhava pelo pasto, misturado aos pequi-zais, juntando, escolhendo e enchendo as latas devagar. O cheiro do pequi grudava em tudo: no cabelo, na roupa e nas mãos. Para nós, aquele cheiro tinha gosto de fartura.

— Esse é o melhor cheiro do mundo! — eu dizia.

Ritinha logo provocava:

— Melhor que o cheiro do mingau?

E eu respondia, sem pensar duas vezes:

— Melhor! Mamãe disse que pequi é ouro que nasce do chão!

Minha lata era a menor de todas, mas eu fazia questão de enchê-la até quase transbordar. Depois, seguíamos para a beira da estrada com as latas nos ombros e os olhos compridos de esperança. Nem sempre passava alguém. Às vezes era só uma carroça, um cavaleiro ou um ônibus barulhento, que levantava poeira e seguia viagem. E nós ficávamos ali, à espera.

A nossa maior esperança era a caminhonete leiteira do seu Divino. Quase sempre era ela que parava. Quando nós a avistávamos ao longe, o coração já batia mais depressa.

O Pirata também já conhecia até o barulho dela. Bastava ouvir o motor que se aproximava, e ele saltitava pelo caminho, abanando o rabo sem parar.

Naquele dia, seu Divino vinha com Alberto, seu filho, que estudava com meus irmãos na mesma escola. Ele e o Zeca tinham mais ou menos a mesma idade e altura. Assim que os dois desciam, faziam uma festa danada com o Pirata. Seu Divino ria, Alberto se abaixava para afagar sua cabeça, e o Pirata pulava feliz da vida ao lado dos dois, como se também soubesse que aquela visita sempre trazia coisa boa.

— Ô, Zeca, hoje vocês capricharam! — disse Alberto, pegando uma das latas.

— Caprichamos mesmo — respondeu Bento, todo animado. — Hoje eu catei até pequi escondido no capim.

Alberto riu.

— Desse jeito vocês vão esvaziar o cerrado.

— Ainda sobra muito — respondeu Lena, entrando na brincadeira.

Enquanto os meninos conversavam, Alberto seguia ajudando o pai. Pegava uma lata aqui, ajeitava outra ali, e ainda sobrava sorriso para todo mundo.

Ritinha, que não deixava passar nada, cruzou os braços e provocou:

— Eu vou contar pro seu Divino que, lá na escola, você fica todo sorridente quando a Lena aparece.

Na mesma hora, Alberto ficou vermelho, Lena fuzilou Ritinha com o olhar, Bento caiu na risada, Zeca deu uma cotovelada no irmão, e até seu Divino olhou de lado, desconfiado do rebuliço.

— Ô, Ritinha, para com isso! — disse Alberto, rindo sem graça.

— Eu não falei nada demais — respondeu ela, se divertindo. Depois emendava — E a Clara? Por que não foi na escola hoje?

Alberto coçou a cabeça e respondeu:

— Hoje a Clara acordou diferente... qualquer barulho incomodava ela. Nem quis vestir a roupa da escola. Ficou lá no cantinho dela, quietinha, sem querer brincar nem conversar. Mamãe achou melhor não forçar.

Eu achei estranho. Para mim, a gente só faltava à escola quando estava doente de verdade. Fiquei pensando como alguém podia ficar em casa só porque não queria falar ou brincar.

Enquanto isso, seu Divino seguia recolhendo os pequis com seu jeito simples e amistoso. A minha latinha ele sempre deixava por último. Então pegava minha lata, olhava bem pra mim e dizia:

— Essa aqui é especial.

Eu sorria, sem entender direito.

Lena, curiosa, foi logo perguntando:

— Especial por quê, seu Divino?

Ele deu um sorriso manso e respondeu:

— Porque é da Menina do Pequi — explicou seu Divino — essa menina não carrega só pequi. Carrega um mundo de sonhos.

Depois despejava os frutos da minha latinha com todo cuidado, tirava do bolso algumas moedas e colocava na minha mão.

— Toma aqui, Menina do Pequi... guarda direitinho. Sonho também se planta.

Eu segurava aquelas moedinhas como quem segurava uma coisa muito importante. Nem sabia explicar direito, mas sentia que aquele nome tinha encontrado morada dentro de mim.

Seu Divino também gostava de conversar com Zeca, porque meu irmão era rápido nas contas.

— Zeca, soma pra mim quanto deu.

Zeca fazia a conta ligeiro e logo respondia o valor certo. Seu Divino acertava o pagamento e dizia:

— Toma aqui, Zeca. E já pode colher mais pra semana que vem. É encomenda! Lá na cidade o povo faz até fila pra comprar!

Antes de entrar na caminhonete, seu Divino ainda olhou para ele e falou:

— Rapaz, lá pras bandas da cidade de Goiabeiras, meu irmão toca uma venda e está precisando de um moço bom nas contas igual a você. Se tiver interesse, depois eu converso com seu pai.

Zeca ficou diferente na mesma hora. O rosto dele se acendeu com aquela possibilidade, como se já estivesse enxergando um pedaço novo do futuro. Mesmo vivendo na roça, Zeca sempre dizia que seus sonhos iam mais longe, para além da porteira da nossa casa.

Quando a caminhonete ia embora, levantando poeira pela estrada, a gente ficava ali olhando, apertando as moedinhas na mão e fazendo planos. Nosso dia já parecia ganho. Papai havia de ficar feliz com aquela ajuda, e nós também voltávamos para casa mais contentes.

Seu Divino sabia que estávamos em tempos de vacas magras. Com o tempo, cheguei a pensar se ele vendia mesmo os pequis ou se comprava só para nos ajudar.

Naquela época, eu só sabia de uma coisa: quando ele parava a caminhonete e me chamava de Menina do Pequi, era como se eu ganhasse muito mais do que moedas. Eu ganhava um nome, um carinho e um sonho.

Mas a beira da estrada não guardava só pequi, risadas e esperança. Guardava também medos de criança.



O Homem do Saco

Às vezes, insistíamos em ficar mais um pouco na beira da estrada, brincando ou colhendo frutos do cerrado em pastos vizinhos — cagaita, jatobá, gabioba, murici, cajuzinho-do-cerrado e ingá. Cada fruto tinha seu sabor peculiar. Ali no cerrado, eles se revezavam nas estações, como um presente da terra, garantindo fartura espalhada pelo pasto ao longo de todo o ano.

Mamãe sempre nos avisava:

— Não tardem, meninos! O homem do saco anda por aí!

Eu morria de medo. Diziam que ele pegava crianças desobedientes e levava pra longe. Um dia, de longe, vimos um homem vindo pela estrada, com um saco nas costas. Mas, antes mesmo de a gente entender direito o que estava vendo, o Pirata começou a latir sem parar, com as orelhas em pé e o corpo todo alerta.

Meu coração disparou.

— É ele! — gritou Bento.

— Corre! — berrou Lena.

Sáímos em disparada, tropeçando, chorando e deixando para trás os frutos que tínhamos colhido. O Pirata veio por último, correndo atrás de nós, como se quisesse nos guardar daquele perigo.

Chegamos em casa esbaforidos, e eu me enfiei debaixo da cama, com o coração batendo no pescoço.

Meus irmãos sabiam que eu morria de medo do homem do saco e do carro da polícia. Bento, sempre arteiro, aproveitava disso e começava a imitar a sirene:

— Uuuuuu! Lá vem o fusquinha da polícia!

Eu me encolhia toda e gritava:

— Para, menino! Tô com medo!

Eles riam alto, como se o medo fosse só mais uma brincadeira de fim de tarde. E, quanto mais repetiam, mais eu chorava, mais meu rosto esquentava e se avermelhava. Foi assim que nasceu o apelido:

— Olha a Arara Vermelha chorona!

Diziam aquilo rindo e quanto mais eles me chamavam assim, mais eu chorava. Já estava se tornando rotina.

Um dia, mamãe percebeu meu choro e chamou meus irmãos para perto.

— Apelido que machuca não é brincadeira— disse ela, com jeito firme.

Eles ficaram quietos, meio sem graça.

— Foi só brincadeira, mãe... — Disse Lena, tentando explicar.

— Mas ela não gostou — respondeu mamãe. — Sua irmã tem nome, e por sinal, é muito bonito.

Naquele instante, o silêncio tomou conta. Mas bastava mamãe não estar por perto para que a travessura recomeçasse. Enquanto um fazia o barulho da sirene, o outro me provocava:

— Lá vem a Arara Vermelha!

E eu chorava de novo, sentindo o rosto arder. Com o tempo, fui percebendo uma diferença que eu ainda não sabia explicar. Enquanto seu Divino tinha me dado um apelido que me engrandecia, aquele outro me fazia sentir desconfortável e triste.

Certa noite, mamãe foi ao meu quarto, colocou-me no colo, enxugou minhas lágrimas e, olhando nos meus olhos, explicou que, quanto mais eu desse importância ao apelido, mais ele ganharia força.

Então, aos poucos, fui aprendendo a não me abalar tanto. Já não chorava como antes, nem respondia de imediato. Assim, devagarinho, meus irmãos foram perdendo a graça e, por fim, acabaram desistindo.

E foi nesse amor imperfeito, barulhento e verdadeiro que eu cresci.

Ainda assim, havia dias em que meu corpo parecia não acompanhar a força que eu tentava ter. Às vezes, eu fraquejava. Estava ali, brincando, correndo, pulando, quando a ton-

tura chegava, as pernas amoleciam, o mundo rodava e as vistas escureciam.

Mamãe gritava, em desespero:

— Ela deu amarela de novo!

Minha irmã Lena corria, me pegava no colo, me abanava e me dava água com açúcar.

E, quando eu tornava a abrir os olhos, via o rosto das duas sobre mim: o de mamãe e o de Lena, minha irmã que era, muitas vezes, mãe também. Lena me abraçava forte e dizia:

— Um dia, maninha, tudo isso vai mudar... nossa mesa vai ter fartura, e você vai ser forte como merece.

E eu me agarrei àquela esperança. Lá fora, os ipês floriam. O amarelo das flores parecia prometer que dias melhores viriam. Mas o corpo fraco não deixava esquecer a realidade. Era o preço da fome.



A gameleira

Nos fundos do quintal do nosso casebre, perto do riacho, havia uma árvore imensa: a gameleira. Debaixo dela, a vida acontecia. Era ali que a gente colocava o balanço de corda, amarrado num pau, e voava alto.

— Mais alto! — eu gritava. — Quero tocar o céu!

Mas diziam que a árvore era mal-assombrada. Contavam que um menino havia caído do balanço e se machucado. Então ele saiu à noite procurando cura para o ferimento e nunca mais voltou. Os galhos, que de dia davam sombra e abrigo, sob o luar pareciam braços assustadores e ninguém chegava perto.

Mesmo assim, durante o dia, era ali, à sombra da gameleira, que eu sonhava. Fazia arte com o barro e inventava uma vida diferente. Ali, o mundo cabia nas minhas mãos pequenas. O barro moldava nosso mundo.

Às vezes, brincávamos de cozinhadinha. Ritinha e eu fazíamos do barro a nossa cozinha. Dele saía o fogão, as panelas

e os talheres. Papai dizia que o barro daquela região dava sustento para muita gente na cidade.

Enquanto moldávamos a argila, Bento se ocupava de construir a fazendinha: cercas de gravetos, animais feitos de sabugos de milho, carros feitos de chinelo de borracha. Zeca se espalhava no pasto montado no Trovão, tratando e apartando algumas poucas cabeças de gado para o dono da terra que nos abrigava. E Lena ajudava minha mãe a estender as roupas no varal de arame farpado.

Ao final da tarde, eu dizia para a minha mãe:

— Um dia vou ter uma cozinha de verdade, com comida todo dia e panela cheia.

Mamãe respondia, sorrindo:

— E vai, minha filha. Porque quem sonha de barriga vazia, quando se farta, alimenta o mundo.

Foi debaixo da gameleira que aprendi, sem saber o nome, uma lição importante: sonhar também era uma forma de resistir.

Meus sonhos ainda eram de barro. Mas logo a vida me levaria para caminhos bem diferentes.





04

*Chuva, Doces e Poesia*

O ano terminava devagar, com o sol do cerrado se escondendo atrás dos morros. Mamãe dizia que dezembro era tempo de colheita e de promessa, tempo de renovar a fé.

Naquele ano, papai havia pegado uma safra à meia que rendeu um pouquinho mais. Pela primeira vez, ele voltou da roça com as mãos cheias e um sorriso diferente.

— Amanhã é dia de ir pra cidade! — anunciou, com brilho nos olhos.

— Pra cidade mesmo, pai? — perguntei, com o coração disparado.

— Pra cidade sim, menina. Vamos comprar fazenda pra costurar roupa nova.

Acordamos ainda no escuro, com o galo abrindo o dia. Mamãe esquentou o café e preparou um bolo de arroz pra levar de matula. Era a nossa marmitta.

Seguimos até a estrada, onde pegamos carona na caminhonete do seu Divino. O Pirata, que havia nos acompanhado até a porteira, ficou choramingando, querendo ir junto. Seu Divino tratou logo de acalmá-lo:

— Ô, amigão, daqui a pouco sua família está de volta! — disse ele, antes de acelerar a leiteira.

Enquanto meus irmãos e Alberto, iam atrás, na carroceria, eu e meus pais seguíamos na frente, na boleia. De lá, dava pra escutar a algazarra dos meninos pelo caminho. E cada solavanco da estrada, cheia de costela de vaca, fazia meu coração bater mais forte de alegria.

Goiás Velho nos recebeu com cheiro de doce e ruas de pedra. Entramos na Igreja do Rosário para a missa. Eu olhava tudo: as velas acesas, o eco das vozes, os santos nos altares.

De repente, a chuva desabou. Caiu forte, barulhenta, batendo no telhado como se quisesse abrir o céu. Depois de tanto tempo de seca, o cerrado parecia agradecer cada gota. A gente ficou ali, encostado no banco, esperando a chuva passar.

Papai, preocupado, murmurou:

— Tomara que o Rio Vermelho não transborde... Quando esse rio resolve crescer, ninguém segura.

Ao ouvirmos aquilo, ficamos ali cabreiros, torcendo para não ser naquele dia que o rio fosse ficar furioso.

A chuva demorou, mas, quando amansou, o rio estava cheio e corria ligeiro. Dessa vez, porém, não saiu da linha. Ao sairmos da igreja, descemos a ladeira de pedras. Dava até vontade de brincar de amarelinha nelas.

Ali, quase na entrada da ponte sobre o Rio Vermelho, ficava uma casa branca, com janelas largas azuladas. Na janela, uma senhorinha de lenço na cabeça observava a rua ainda molhada.

Papai acenou:

— Boa tarde!

Ela sorriu e devolveu o gesto com cordialidade. Aquela imagem ficou guardada em minha memória. Enquanto seguíamos, papai explicava quem ela era: seu nome era Aninha, a doceira poetisa de Goiás, conhecida por transformar a vida simples em versos, açúcar e lembrança.

Depois seguimos para a venda do seu Jeremias. Para mim, aquilo era um paraíso em forma de balcão. O balneário de vidro brilhava como um tesouro: balinha mole, balinha dura, chiclete, pirulito do Zorro, pirulito de hélice, chocolate de sombrinha. Fiquei parada, encantada, olhando tudo.

Papai encheu o peito e disse, orgulhoso:

— Arruma um pão com carne pra cada um desses meninos. Hoje é dia de festa.

Enquanto nos fartávamos, mamãe, com mãos experientes, já foi logo escolher as fazendas: chita colorida para as

meninas, brim marrom e tergal branco para os meninos. Seu Jeremias só vendia rolo fechado, mas mamãe sempre dava um jeito de transformar tudo em roupa bonita.

No fim, papai ainda falou:

— E embrulha um saco de balinha. Hoje essas crianças vão se faltar!

Voltamos na caminhonete, com o vento secando a roupa ainda úmida da chuva. Eu abraçava o saco de balas como quem segura um tesouro.

Foi, sem dúvida, um dos dias mais felizes daquele tempo na roça: família unida, barriga cheia, esperança acesa e a lembrança daquela senhorinha da janela, a dona Aninha.

Morávamos nas mesmas bandas, respirávamos o mesmo cheiro de pequi, poeira e coragem. Se ela era a poetisa da casa da ponte, eu era a Menina do Pequi, cheia de sonhos e com uma vontade teimosa de florescer.





Fé, Folia e Fartura

A semana ganhou outro brilho. Mamãe espalhou sobre a mesa as fazendas que compramos na cidade e, com os olhos apertadinhos de tanto esforço, passou os dias costurando. O barulho da máquina embalou nossas noites naquela semana.

Os meninos ganharam calças de brim marrom e camisas de tergal bem passadas. Nós, meninas, ganhamos vestidos de chita floral vermelha, rodados, coloridos, cheirando a tecido novo e felicidade.

Quando íamos provar as roupas, antes de mamãe finalizá-las, Lena e Zeca ficavam meio contrariados.

— Mas mãe, vamos ficar todos iguais com essas roupas, parecendo palhaço de folia! — resmungava Lena.

— E eu e o Bento vamos parecer que estamos de uniforme escolar — argumentava Zeca, emburrado.

Mamãe, que havia passado a semana costurando aquelas roupas com tanto esmero, apenas sorria e dizia:

— Meus filhos, com essas roupas vocês vão ser os mais bonitos da festa!

Tudo isso porque, no sábado, aconteceria o pouso da Folia de Reis na fazenda do seu Zé Alonso, a festa mais esperada da região.

Para nós, crianças, era como esperar o Natal duas vezes. Fomos a pé, como era de costume, por uns cinco quilômetros de poeira, riso e expectativa. De fato, mamãe tinha razão: estávamos lindos com aquelas roupas alegres e bem costuradas. O cerrado entardecia dourado, e cada passo parecia bater mais forte dentro do peito.

Quando chegamos, parecia que o mundo inteiro estava reunido ali. Os foliões estavam no alpendre, afinando os instrumentos e ajeitando as fitas coloridas do estandarte.

Eu observava tudo com encanto e um pouquinho de medo, principalmente dos palhaços mascarados. Só anos depois entendi melhor o que eles representavam na tradição da folia.

Eles dançavam com roupas floridas de chita e enfeitadas com fitas, e eu me escondia atrás da saia de mamãe.

— Não tenha medo, minha filha — dizia ela. — É só tradição da folia.

Foi então que reparei em Clara, filha do seu Divino e da dona Aurora, ali por perto. Era uma menina linda, de cabelos castanhos e pele clara como manhã de inverno. Enquan-

to meus irmãos e as outras crianças brincavam no terreiro, ela permanecia um pouco afastada, concentrada em juntar pedrinhas do chão, enfileirando-as com cuidado como se construísse um mundo só dela.

Quando os instrumentos tocaram mais alto e a cantoria dos foliões cresceu de uma vez, a menina levou as mãos aos ouvidos e começou a chorar. Dona Aurora logo a abraçou, tentando acalmá-la.

Mamãe olhou para a cena com compreensão e disse baixinho:

— Tem criança que sente o mundo de um jeito diferente.

Eu fiquei olhando, com o coração apertado, sem entender direito o que mamãe queria dizer com aquilo.

Quando a cantoria terminou, veio o jantar. Nunca vi tanta fartura junta.

Tinha arroz branquinho, macarronada, almôndegas com batata, carne de panela, carne de porco de lata e, o melhor de tudo, uma variedade de doces: doce de leite, de figo, de pau de mamão, de cidra, de banana e de goiaba. Mamãe sussurrou:

— Hoje é dia de fartura, filha. Mas não exagere pra não passar mal depois.

Enquanto eu e meus irmãos comíamos mais calmamente, sentados num banco de madeira, Bento já estava na fila outra vez, querendo repetir. Lena provocou:

— Assim não vai sobrar comida pros foliões, Bento!

Mamãe logo tratou de apaziguar:

— Deixa ele, minha filha. Fartura assim é só no ano que vem.

E eu segui com meu prato farto, apreciando o sabor de cada alimento, sentindo que meus olhos eram maiores que a barriga diante de tanta comida boa. Pela primeira vez, não precisei dividir o prato com ninguém.

Na mesa de doces, provei um pedaço de doce de goiaba e me lembrei da senhorinha da janela.

E eu pensei: Um dia, quero ser como ela: transformar as coisas simples da vida em algo doce e cheio de poesia.

Aquele dia me ensinou que fartura não é só ter comida. É também poder dividir, cantar, estar junto e agradecer. Foi ali que aprendi, mesmo sem perceber, o valor da cultura, da comida e da alegria compartilhada.

Eu ainda não sabia, mas logo após aqueles dias de tanta alegria, iríamos passar por uma grande mudança.



A despedida

Era uma tarde de domingo. Seu Divino chegou com dona Aurora, Clara e Alberto para nos visitar. Pirata foi o primeiro a recebê-los, dessa vez não estava tão saltitante, como se já soubesse que aquele encontro teria um desfecho diferente.

Dona Aurora trouxe uma matula e a entregou à minha mãe:

— Comadre, trouxe umas pamonhas. Tem de doce, de sal e de jiló.

Meus olhos brilharam e meu estômago até bateu palmas, ansioso para provar aquela merenda tão caprichada.

— Agradecida, comadre — respondeu mamãe —. Vamos pra cozinha. Vou coar um café e, enquanto isso, a gente proseia.

Meu pai perguntou ao seu Divino:

— Ao que devo a honra da visita, compadre?

— Pois, compadre, quero falar com o senhor sobre o Zeca.

Ao ouvir aquilo, meu coração apertou. O que será que Zeca tinha aprontado dessa vez? pensei, inquieta.

Mas logo Alberto nos chamou para o terreiro. Abriu um saco de chicletes e repartiu com a gente. Foi a maior festa! Chiclete com figurinha, com tatuagem, com anel... coisas que faziam a gente esquecer de tudo — até por um instante.

Enquanto os adultos conversavam, Alberto nos mostrou sua coleção de figurinhas. Clara, não quis interagir e logo correu para perto da mãe.

Nós ficamos ali, entre risos, brincadeiras e curiosidade.

Pouco tempo depois, mamãe nos chamou para a cozinha. A mesa estava farta: tinha pamonha, café e suco de groselha. Dona Aurora havia acertado a mão, e a pamonha estava divina.

Foi uma tarde de alegria simples, daquelas que a memória guarda feito retrato.

Quando a visita se foi, papai nos chamou. O rosto sério, o olhar pesado, como quem carrega uma notícia que não queria dar.

— Meus filhos, amanhã o Zeca vai pra cidade de Goiabeiras com seu Divino. Vai ajudar seu Sílvio no armazém e continuar os estudos na cidade. Aqui, na escola rural, não tem mais pra ele.

O mundo pareceu parar. Parecíamos não acreditar. Zeca nos abraçou. Seus olhos estavam cheios d'água.

— Maninhos... eu vou sentir muita saudade de vocês... das nossas brincadeiras... do Trovão... do Pirata... — a voz falhou

— mas é por um futuro melhor. Em breve será a vez de vocês.

Mamãe tentou ser forte, mas as lágrimas escapavam.

— É assim mesmo, meus filhos... — disse, com a voz embargada — nas férias ele vem...

Mas a gente já sabia: algumas partidas não voltam do mesmo jeito.

Naquela noite, ninguém falou muito. O silêncio parecia maior que a casa.

No outro dia, bem cedo, quando acordamos, Zeca já estava pronto. Um saco simples guardava tudo o que ele levava — tão pouco para quem deixava tanto.

Ele abraçou mamãe com força, como quem tentava ficar mais um pouco.

— Deus te proteja, meu filho — ela disse, passando a mão no rosto dele — cuidado com a cidade... ela tem muitas armadilhas.

Depois, veio até nós. Um por um. Abraço demorado. Olho no olho. Como se quisesse guardar cada rosto.

— Vamos comigo até a porteira?

E nós fomos.

Mamãe ficou na porta, olhando ele partir, tentando ser forte. Papai caminhava em silêncio ao nosso lado.

O tempo, naquele caminho, parecia ter aprendido a andar devagar.

A caminhonete surgiu levantando poeira — como se ti-

vesse pressa de levar embora o que a gente ainda não estava pronto para perder.

— Fiquem com Deus, maninhos... — disse Zeca, tentando sorrir — o futuro me espera... mas eu volto... eu prometo...

Depois, se ajoelhou na minha frente, segurou minha mão e disse:

— Duda, guarda isso no coração: um dia você também vai atravessar essa estrada, vai estudar, crescer e mudar a sua vida... e eu vou ter muito orgulho de você.— eu, que era só choro, guardei aquela mensagem comigo.

Ao se levantar, olhou para meu pai:

— Pai... vou honrar cada ensinamento seu. Gratidão por tudo.

—Vai em paz meu filho...o futuro é de quem se adianta — e se abraçaram forte. E aí não teve jeito.

Foi um chororô daqueles que nem a gente sabia que cabia dentro do peito.

Abraçamos Zeca mais uma vez. Forte. Demorado. Desesperado.

Ele passou a mão na cabeça do Pirata. O cachorro choramingou baixo, como se entendesse tudo.

Zeca subiu na boleia. A caminhonete partiu. E a gente ficou. Parado. Em silêncio. Vendo a poeira baixar devagar... como se o mundo também estivesse tentando entender o que tinha acabado de acontecer.

Ficamos ali, na porteira, sentindo que, junto com ele, também partia um pedaço de nós.

Já não éramos mais cinco.

A falta de Zeca ficou morando entre nós, mas a vida não parou. Continuávamos ali, dentro da nossa infância, entre o terreiro, os afazeres, as brincadeiras e a esperança.

Mas, pouco tempo depois, papai começou a adoecer e foi ficando mais fraco aos poucos. Mamãe tentava esconder a preocupação, mas o olhar dela dizia muita coisa.

— Vai melhorar, mãe? — perguntei um dia.

Ela passou a mão na minha cabeça e respondeu baixinho:

— Vai sim, minha filha. Deus há de cuidar do seu pai.

Mas papai precisou ir para a cidade grande para se tratar. A casa ficou mais quieta. Onde antes havia barulho e vida, ficou um vazio, e no coração de cada um morava o sentimento de que os dias tinham ficado diferentes e mais quietos.

Então, um dia, mamãe decidiu:

— Vamos pra casa do seu avô.

A mudança aconteceu depressa. Juntamos o pouco que tínhamos, fizemos umas trouxas e deixamos para trás a nossa casinha no sertão, o terreiro, o fogão a lenha, a gameleira, os pequizais e tudo o que fazia parte daquele pedaço da nossa vida.

Mas o mais difícil não foi só deixar a casa.

Foi deixar o Pirata.

Mamãe explicou que não dava para levá-lo conosco, pois nossa mudança teria que caber no bagageiro do ônibus. Seu Divino, que já gostava tanto dele, se ofereceu para ficar com o cachorro.

Quando ouvi aquilo, meu coração apertou.

— Mãe, mas ele faz parte da nossa família — eu disse, abraçando o Pirata pelo pescoço. — Não podemos deixá-lo aqui!

Consternado, seu Divino olhou pra mim e respondeu com mansidão:

— Nós vamos cuidar direitinho dele, Menina do Pequi. Ele vai ficar bem.

O Pirata, sem entender direito o que estava acontecendo, abanava o rabo e olhava para nós com aquele jeito de quem queria ir junto.

Meus irmãos o abraçaram na despedida, cada um tentando disfarçar as lágrimas que insistiam em brilhar nos olhos.

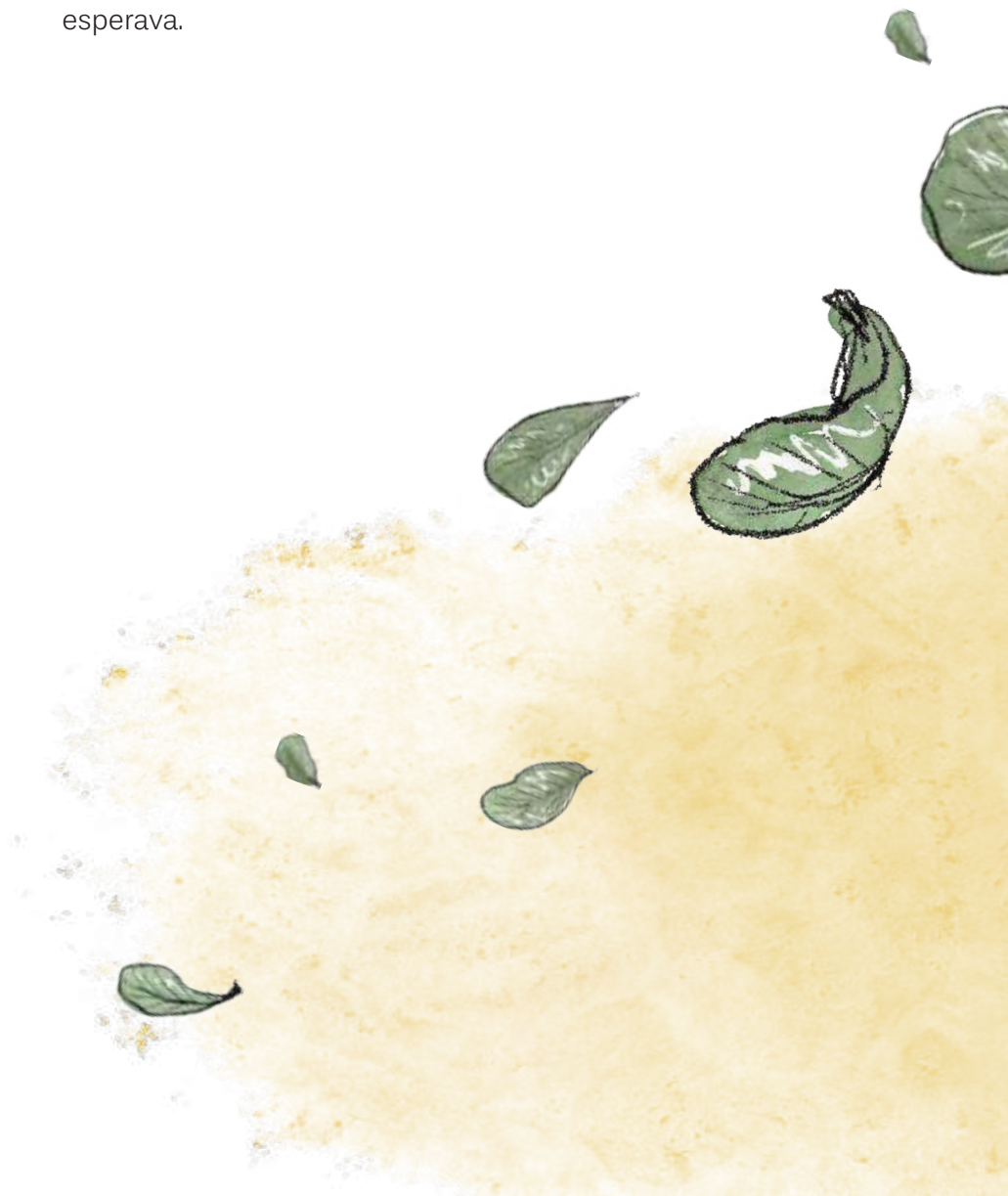
Eu me abaixei, segurei seu focinho com as duas mãos e falei baixinho:

— Vou sentir muita saudade de você, meu amigo.

Ele lambeu minha mão, e isso só fez a despedida doer mais.

Quando nos afastamos, rumo à estrada, ainda olhei para trás. Seu Divino, Alberto e o Pirata ficaram na porteira, vendo a gente ir embora. Aquela imagem nunca saiu de mim.

Seguimos no ônibus com o coração partido por termos deixado para trás, de forma tão abrupta, parte da nossa infância e o Pirata, nosso companheiro de tantas aventuras. Levávamos conosco também as incertezas do que ainda nos esperava.





05



O dindinho Pedro

Fomos então para a casa do meu avô, o dindinho Pedro, na região de Goiabeiras. A casa era antiga e pequena, com cheiro de café torrado e chão batido. Havia pouco tempo que vovó Chiquinha fizera morada no céu, e a nossa chegada trouxe um brilho novo para os dias dele. Dindinho Pedro era diferente de todos os avôs do mundo. Era alto, a pele cor parda e não tinha a ponta do nariz. Quando eu era pequena, aquilo me causava espanto e curiosidade.

— Mãe, porque o nariz do dindinho não tem ponta? — perguntei baixinho certa vez.

Mamãe então explicou:

— Um dia, seu avô caiu do cavalo e machucou muito o nariz. Naquele tempo não tinha hospital por perto, e a ferida sarou assim.

Para se proteger, ele usava um pedacinho de couro preto, preso com esparadrapo no lugar da ponta do nariz. No começo, eu achava aquilo muito estranho. Mas logo fui entendendo que, para ele, aquilo não era motivo para tristeza. Dindinho saía de casa todos os dias com alegria, como se nada pudesse impedir sua vida de seguir.

De manhã cedinho, ele montava a carroça e dizia:

— Vou pra cidade gambirar!

Todos conheciam a carroça dele, chamada Valente. Ela era bonita, bem cuidada, com madeira polida e bancos firmes. Mas a carroça não seria a mesma sem o cavalo Cedro, forte, bonito e companheiro de todas as manhãs.

Dindinho gostava de fazer trocas. Às vezes levava uma galinha e voltava com um chapéu. Outras vezes levava ovos e trazia salame. Levava mandioca e voltava com alguma coisa diferente.

Mamãe até dizia que, em algumas gambiras, ele saía perdendo. Mas ele parecia feliz assim mesmo.

No fim da tarde, a gente ia para a porteira esperar. Nós e os cachorros da fazenda. Eram cachorros caramelos, pretos, mesclados, grandes, pequenos, todos misturados numa algazarra feliz. Quando a carroça aparecia dobrando a curva, com Cedro trotando bonito e dindinho Pedro sentado lá em

cima, parecia até cena de história. E, para que aquela cena ficasse inteira, só faltava o nosso caramelo, o Pirata, cuja lembrança fazia meu coração doer de saudade.

Nessa época, todas as noites, o fazendeiro, que era parente e dono da terra onde meu avô morava, deixava a gente assistir à novela na casa-grande, numa televisão em preto e branco. Eu, meus irmãos e outras crianças da vizinhança sentávamos no chão, de olhos arregalados, encantados com aquela caixinha luminosa.

— Mãe, será que dá pra entrar lá dentro? — perguntei um dia.

Ela sorriu e respondeu:

— Só se for com o coração, minha filha.

Era tempo de Natal quando uns tios que moravam na cidade grande vieram nos visitar. Sensibilizados com a ausência do meu pai, trouxeram cesta de alimentos, roupas e brinquedos.

Mesmo com a alegria daquela ajuda, a falta do papai apertava o coração da gente.

Foi nessa época que ganhei minha primeira boneca de verdade. Era simples, carequinha, feita de plástico duro. Não chorava, não piscava, mas para mim era a boneca mais linda do mundo.

Ela veio sem roupa nenhuma, coitadinha, só no corpinho nu, precisando de cuidado.

Mamãe, com sua ternura de sempre, pegou um retalho de chita, costurou uma roupinha e disse:

— Agora você tem uma filha pra cuidar.

E eu cuidei mesmo. Dei a ela o nome de Isa.

Mas, antes de meus tios irem embora, mamãe nos deu uma missão muito importante: escrever uma carta ao papai, para que eles a levassem até o hospital.

Como ela não sabia ler nem escrever, pediu a Lena que colocasse no papel tudo o que a gente queria dizer. Eu, que ainda nem estudava, achava bonito aquilo de falar e, de repente, ver as palavras ganhando forma, como se o coração pudesse mesmo virar letra. Eu fui a primeira:

— Lena, escreve aí: Pai, por que está demorando tanto aí na cidade grande? Desde que o senhor foi embora, a vida perdeu um pouco da alegria. Volta logo. Te amo. — Cada palavra que eu dizia apertava o meu coração de saudade.

Depois de mim, cada um foi confiando à Lena um pedaço do que sentia. Bento falava ligeiro, tentando esconder a emoção nas palavras apressadas. Ritinha engolia o choro e disfarçava a emoção, antes mesmo de abrir a boca. Mamãe procurava se manter firme perante nós. Com a voz mansa, pedia:

— Escreve assim, minha filha: Joaquim, aqui estamos todos com saúde, não se preocupe. Cuide da sua recuperação — e depois, voltando os olhos ternos para nós, com meio sorriso no rosto, acrescentava: — E trate de sarar depressa, porque eu ando precisando da sua ajuda com esses meninos levados.

As palavras de mamãe aliviavam um pouco a dor, e, em meio à emoção, abria-se espaço para o riso.

Restava à Lena, com sua letra caprichada, transformar nossos sentimentos em palavras. No fundo, todos queríamos dizer a mesma coisa: que já não éramos os mesmos após a ausência dele.

Papai era nosso esteio, nosso abrigo, a força que parecia nunca faltar. Assim, junto da saudade, começava a nascer em nosso peito uma esperança miúda e teimosa: a de que, em breve, ele teria alta, e o vazio daqueles dias daria lugar ao alívio de tê-lo de volta entre nós.



A escola

Após alguns meses de morada com o dindinho Pedro, papai finalmente ganhou alta e a vida na roça já não era recomendada a ele. Então, nos mudamos para a cidade de Goiabeiras. Meu avô veio conosco. Fomos morar de aluguel, num cantinho simples, onde o vento entrava pela janela como quem faz visita.

Mamãe começou a lavar roupa para fora para ajudar nas despesas, enquanto papai, embora já estivesse curado, ainda precisava de repouso e de seguir as recomendações médicas, o que o impedia de trabalhar.

Naquele tempo, eu, por ser a mais nova, não compreendia a doença que havia acometido meu pai e nos deixado tantos meses sem sua presença. Só muitos anos depois, Lena me contou: era tuberculose, enfermidade que, naquele tempo, exigia cuidado e afastamento.

Foram tempos difíceis. Mas, assim que recuperou um pouco as forças, meu pai voltou para a lavoura, porque a fome não espera ninguém. O dinheiro continuava pouco, e cada um de nós passou a ajudar como podia.

Mas foi ali, naquela casa simples e de poucos recursos, que a esperança começou a ganhar contorno: chegou o dia em que eu finalmente iria para a escola, já prestes a completar oito anos. Naquele dia, a manhã pareceu demorar uma eternidade.

Mamãe havia saído cedo para a lida com a lavagem das roupas alheias. Por isso, deixou com Lena a tarefa de me arrumar para a escola. Depois da mudança, ela, aos catorze anos não voltou mais aos estudos e passou a ocupar os dias trabalhando em casas de família.

Ritinha, aos onze anos, também trabalhava em casas alheias, e Bento, aos treze, vendia picolés para ajudar no sustento da casa. Para ambos, os estudos tiveram de ficar

em suspenso. Só foram retomá-los quando já tinham idade apropriada para se matricular no noturno.

Zeca, cada vez ia para mais longe de nós. Suas visitas se tornaram raras, e o contato chegava quase sempre por meio de cartas. Ele já não morava mais em Goiabeiras, já rapaz, agora trabalhava em uma loja grande na Capital.

Como eu estudava no período da tarde, Lena preparou um escaldado de fubá para forrarmos o estômago. Naquele tempo, muitas vezes, o mingau ainda era o que sustentava o nosso dia. Enquanto me servia, ela me aconselhava:

— Guarda um espacinho pra merenda da escola, maninha. Quando vocês voltarem, vou ficar esperando pra saber qual foi o lanche do dia — disse ela, com um tom de nostalgia na voz. Parecia se lembrar do tempo da escola rural, de dona Genoveva e de nossa infância no cerrado, onde, embora tivéssemos vivido dias difíceis, também fomos muito felizes.

Lena sempre foi minha guardiã. Foi ela quem me ensinou as primeiras letras, ainda na roça.

Muitas vezes, enquanto mamãe cozinhava o mingau, Lena se sentava comigo no chão batido e dizia:

— O A parece uma casinha com chaminé...

— E o B é duas barriguinhas, uma em cima da outra...

Foi assim, entre poeira e imaginação, que comecei a conhecer o alfabeto antes mesmo de ter professora.

Naquele dia tão esperado, Lena me entregou meus primeiros tesouros dentro de uma capanga: um caderno e um lápis. e disse:

— Pronto. Agora você está parecendo uma estudante de verdade.

Eu os segurei com delicadeza, como quem segura uma coisa muito importante.

Enquanto outras crianças tinham brinquedos, vestidos e laços coloridos, eu tinha um caderno e um lápis. E era com eles que eu começaria a aprender a desenhar o meu caminho.

A escola se chamava João Lobo. Era linda, com as paredes pintadas de branco na parte de cima e marrom na de baixo, e o chão de cimento vermelho, sempre brilhando. Havia um corredor enorme que dava acesso às salas de aula. O pátio era grande, de terra batida, e, ao centro, uma árvore oferecia, no sol da tarde, uma sombra aconchegante.

Minha idealização de professora tinha a imagem de dona Genoveva: doce, acolhedora e paciente. Mas logo percebi que nem todas eram assim. Minha primeira professora foi dona Samira. Era séria e não deixava espaço para muitas brincadeiras.

E foi também no meu primeiro dia de aula que encontrei meus primeiros amigos: Júlia, Mateus e Lucas, com quem eu viveria muitas aventuras e aprenderia lições que a vida guardava pelo caminho. As carteiras eram duplas, e nos sentávamos de par em par. Desde o primeiro dia,

fiquei ao lado de Júlia, enquanto Mateus e Lucas se sentavam atrás de nós.

Mas eu estava mesmo era ansiosa para provar a merenda da escola, e esse momento finalmente chegou. A sirene tocou, anunciando a hora de irmos até a cantina buscar o lanche. Depois, voltávamos para a sala, onde comíamos sentados em nossas carteiras.

Lembro até hoje o nome da merendeira: dona Lourdes. Ela não era apenas a responsável pelo lanche; parecia uma segunda mãe. Tinha um sorriso acolhedor e um jeito de olhar que parecia enxergar além da gente.

Meus irmãos tinham razão: o lanche da escola era muito saboroso. Naquele dia, teve feijão-tropeiro e suco de caju. Comi tudinho, devagar, aproveitando cada colherada. Mas, ainda assim, fiquei com vontade de repetir. Então, criei coragem e perguntei:

— Professora, posso repetir?

— Que apetite é esse, menina? Até parece que não almoçou em casa. — disse a professora, me olhando por cima dos óculos.

Baixei os olhos, envergonhada. Ela, então, suavizou a voz e completou:

— Pode ir lá repetir, Maria Eduarda.

Naquele instante, eu não sabia, mas aquele pedido simples — feito com timidez e esperança — atravessaria o

tempo e ficaria guardado dentro de mim, como uma lembrança que nunca mais me deixou.

Pela primeira vez, ao chegar em casa, foram meus irmãos que me perguntaram como tinha sido a escola e qual havia sido o lanche naquele dia. E eu respondia quase sem respirar:

— A escola é linda, mas a professora é brava — completava logo em seguida. — A merendeira é uma candura, o lanche da escola... ah, esse é o melhor do mundo! E ainda conheci três novos amigos: Júlia, Mateus e Lucas.

Lena, Bento e Ritinha caíam na risada. E eu já mal via a hora de o outro dia chegar, para poder ir à escola de novo. Mamãe e papai, que observavam tudo em silêncio, trocaram olhares de carinho e cumplicidade, como se soubessem que ali, naquele instante, o futuro começava a se abrir diante de mim.

Ao me deitar, fiquei lembrando tudo o que havia vivido naquele dia na escola. Mas uma pergunta adormeceu comigo: o que seria o lanche amanhã?



Casas de Passagem

Morávamos em casas de aluguel, pequenas, apertadas, com paredes que rachavam e telhados que deixavam a chuva entrar como visita indesejada.

Às vezes faltava dinheiro para o aluguel, às vezes para a água, às vezes para a luz e às vezes para o gás.

Foi aí que a trempe virou nossa salvação.

Meu irmão ia até a serralheria da esquina e voltava com um saco de serragem nos ombros. Mamãe enchia uma lata grande até a boca, apertava bem, fazia um oco no meio e acendia o fogo. Na trempe só cabia uma panela por vez. Era um ritual: primeiro o feijão, depois o arroz e, por último, o molho de abóbora. Naquele tempo, carne na panela era só aos domingos — quando dava.

A serragem queimava devagar, o cheiro de fumaça entrava pela casa toda, e a panela de ferro gemia em cima daquele fogão improvisado. Bento, com os olhos fixos no fogo, não aguentava o desejo:

— Hummm... que cheirinho bom, mãe! Já está pronto? — perguntava ele, sentindo o estômago roncar.

Mamãe, mexendo a panela com a colher de pau calmamente, respondia:

— Calma, meu filho. O fogo da serragem é manso. O arroz e o feijão já estão prontos, agora falta só a abóbora para finalizar.

Eu ficava ali por perto, observando. Naquele dia, a fome apertava mais forte.

— Mãe, parece que hoje a fome veio dobrada — comentei, sentindo o cheirinho do refogado. — O lanche da escola foi bolacha doce com leite, mas parece que não sustentou nadinha.

Mamãe parou de mexer a panela por um instante e me olhou com doçura:

— Sabe o que é, minha filha? Comida muito doce dá uma energia que some depressa, por isso a fome volta correndo.

Eu olhei para a serragem queimando devagar na trempe e ela continuou:

— Agora, o feijão e o arroz são diferentes. Eles são como a madeira firme, que queima devagar e mantém o calor por muito tempo. Eles dão a sustança, aquela força que gruda no corpo e deixa a gente satisfeito até o dia seguinte.

— Então hoje pode caprichar na sustança do meu prato! — brinquei, fazendo Bento rir.

Era ali que mamãe fazia render cada refeição. Assim seguíamos em frente.

Meu pai, embora ainda trabalhasse em fazendas vizinhas para ganhar o dia, nunca mais teve a vitalidade e energia do tempo em que morávamos na roça.

Quando o dinheiro do aluguel faltava, a gente precisava mudar de novo. E foi assim que, ao longo dos anos, fomos cruzando a cidade, riscando o mapa com nossos passos: da Vila Operária à Vila Santa Terezinha, da Vila 31 de Março à Vila Marise, da Vila São Sebastião à Vila Santa Maria, do Setor Euradark ao Setor Central, do Setor Paraíso ao Parque Santa Rita.

Nossa vida cabia em poucas caixas, mas nossa esperança caminhava conosco por todos aqueles bairros.

Em cada mudança, a esperança caminhava junto. E, mesmo pequena, eu também já começava a ajudar como podia.







O Trabalho Precoce

Eu nem tinha completado oito anos, quando arrumei meu primeiro trabalho. Eu estudava à tarde e, de manhã, ia para a casa de dona Sabrina, mãe do dono da rádio da cidade.

Ela me recebia cedo, sempre com um sorriso, um pão com margarina e uma xícara de chá de funcho.

— Toma, menina. Chá de funcho esquento o corpo e acalma a alma.

O cheirinho quente subia da xícara como um abraço bom.

— Obrigada, dona Sabrina. Esse cheiro parece carinho.

Para mim, aquele pão quentinho e o chá de funcho já eram um presente. Alimentavam o corpo e também o

coração. Mesmo assim, a senhorinha separava uns trocados e entregava à minha mãe pelos meus serviços, como quem paga não só o trabalho, mas a esperança de uma menina.

Na casa de dona Sabrina, o trabalho parecia mais leve. Enquanto eu lavava louça e varria o chão, ouvia o rádio tocar modas antigas e sonhava baixinho:

Agora tenho um caderno...

Tenho um lápis...

Tenho a escola...

E, devagarzinho,

já começo a escrever

a minha história.

Certa vez, já com nove anos, fui trabalhar na casa de uma família rica, eu imaginava que seria como na casa de dona Sabrina: aconchegante, com alguma coisa quentinha me esperando na mesa. Mas não foi bem assim.

A casa era enorme, cheia de portas lustrosas, móveis pesados e cheiro de comida boa o dia inteiro. Era um cheiro que fazia meu estômago roncar de vontade. Eu limpava, varria, arrumava e via comida sobrando na mesa. Mas não podia me sentar com eles.

— Varra direitinho esse chão, menina — dizia a patroa, com olhar severo.

— Sim, senhora — eu respondia.

Depois ela mandava:

— Agora ajeite a mesa.

— Já vou ajeitar, senhora.

Quando a patroa me via olhando para a comida, dizia logo:

— Espera sua vez. A comida é para os da casa.

E a minha vez quase nunca chegava. Eu precisava esperar todos comerem primeiro. Enquanto isso, o cheiro da comida passava por mim, e eu tentava me distrair olhando pela janela. Mas não adiantava. A fome apertava, e eu sentia isso no corpo todo.

Mesmo sendo criança, eu pensava:

— Por que eles comem primeiro e eu só posso comer depois?

Um dia, a família viajou e me deixou sozinha na casa. Na geladeira havia uma travessa de doce de goiaba, linda e brilhante. Eu já tinha visto aquele doce outras vezes, mas nunca me era oferecido.

Fiquei olhando, olhando, até que pensei:

— Vou provar só um pouquinho...

Peguei um copo, coloquei um pouco do doce e comi devagar. Tinha um sabor inesquecível, como se fosse o melhor doce do mundo.

Mas, na hora de guardar, a travessa escorregou das minhas mãos. Caiu no chão.

— Plact!

Quebrou tudo.

O barulho ecoou pela cozinha, e eu fiquei tremendo. Juntei os pedaços, escondi o que pude e, quando a família voltou e perguntou pela travessa, eu menti. Disse que não sabia de nada.

Mas a mentira pesou mais do que a travessa quebrada.

No fim do dia, contei tudo para mamãe.

— Mãe, eu fiz uma coisa errada... — falei, quase chorando.

— O que foi, minha filha? — ela perguntou, me olhando com atenção.

— Eu comi o doce... e quebrei a travessa. Depois fiquei com medo e menti.

Mamãe limpou as mãos no avental, ajeitou o lenço na cabeça e disse:

— Então agora vamos resolver isso do jeito certo.

Chegamos à casa da patroa. Mamãe bateu palmas no portão e pediu para falar com ela. A mulher saiu com ar de poucos amigos. Então mamãe contou tudo: do doce, da travessa, da minha fome e do meu medo.

Eu fiquei atrás dela, com o coração apertado.

A patroa cruzou os braços, franziu a testa e disse que eu estava despedida. Saí de lá sem receber o pequeno salário daquele mês.

Mamãe segurou minha mão e disse baixinho:

— Dinheiro se ganha de novo, mas a verdade permanece.

Naquele dia, ainda pequena, aprendi uma lição que

nunca mais esqueci: a honestidade vale mais do que qualquer pagamento.

Sáímos daquela casa de mãos vazias, mas com a alma limpa e o coração leve, como se tivéssemos deixado um peso para trás.

Mas, eu ainda estava descobrindo o mundo e não sabia que nem todo mundo é o que parece ser.



O Lobo em Pele de Cordeiro

O tempo ia passando e eu seguia estudando e trabalhando em casas de família. Um dia, aos dez anos, numa dessas casas, senti um medo diferente.

O patrão se aproximou de um jeito que me assustou.

— Que cabelos bonitos você tem — disse ele, chegando perto demais.

Meu coração disparou. Senti vontade de gritar, mas as palavras ficaram presas.

Corri.

Corri sem olhar para trás.

Chegando em casa, mamãe me abraçou forte, e minha irmã Lena, tomada pela coragem que sempre tinha quando o assunto era proteger a família, foi com ela resolver a situação.

Nunca mais voltei àquela casa.

Naquele dia aprendi também o valor de ter por perto quem nos protege.



A Partida

O tempo seguia seu curso. Mas o meu pai adoeceu novamente, até que um dia ele precisou ser internado.

No hospital Mãe Maria, o médico foi claro:

— Seu Joaquim está com Chagas no coração.

Naquele instante, uma lembrança me atravessou: a nossa antiga casa de pau a pique, o colchão de palha de milho, as frestas escuras onde o barbeiro se escondia sem que a gente soubesse. Naquele tempo, achava que

era só um bichinho do mato. Só agora entendi o mal que ele podia trazer.

O hospital tinha cheiro de álcool, piso frio e um silêncio necessário. Eu e mamãe ficávamos ao lado da cama dele, tentando distraí-lo. Mamãe ia contando histórias de nossa época no sertão goiano. E ele ria mesmo na dor.

Tentando ser forte, eu segurava a mão dele. Eu tinha apenas onze anos, mas sentia que segurava ali mais do que uma mão. Segurava a nossa história, as lembranças da nossa união nos tempos da roça, o sorriso escondido quando ele trazia alimentos para casa, o jeito simples de agradecer pela vida.

Ele olhou pra mim, com os olhos cheios de carinho. E, com a voz já cansada, disse:

— Minha menina... seja forte. Cuida da sua mãe... e nunca deixe de estudar. É isso que vai te levar mais longe do que eu pude ir.

De repente, a respiração dele ficou mais lenta. Mais distante. Mamãe apertou o braço dele.

— Joaquim?... Meu Joaquim?...

E eu continuei segurando sua mão até o fim.

Foi assim que meu pai partiu. Sem barulho, sem aviso, só um suspiro leve e depois um silêncio tão grande que parecia encher o quarto inteiro.

Senti como se o chão tivesse sumido debaixo dos meus pés. Quis gritar, mas a voz não saía. Meu pai, o meu herói, o

homem que enfrentava a seca, o vento e a vida dura, não estava mais ali.

No meio de tanta dor, fiz uma promessa silenciosa:

— Pai, mesmo sem o senhor por perto, eu vou te dar orgulho e honrar tudo o que o senhor me ensinou.

E assim segui, com a herança mais valiosa que ele me deixou: a coragem para continuar.

Depois daquele dia, nada mais voltou a ser como antes.







07



A Força de uma Mãe

Depois que meu pai partiu, a vida pareceu mudar de vez. A casa ficou mais quieta, como se todo mundo precisasse aprender a viver de um jeito novo. Mamãe, agora sozinha à frente da família, passou a cuidar de tudo com ainda mais coragem. E, mesmo em meio à saudade e às mudanças, fomos aprendendo a seguir.

Restava também o cuidado com meu avô, dindinho Pedro. A idade já tinha chegado para ele. Já não havia mais a carroça Valente, nem o cavalo Cedro, que em outros tempos fizeram parte de sua vida. Na mudança para a cidade, gambirou os dois por uma bicicleta, que batizou de Ventania.

Ela passou a ser seu meio de condução, embora ele nem soubesse guiá-la. Quando queria ir ao mercado, dindinho montava na garupa, e Bento descia a ladeira rumo ao comércio, todo animado, gritando:

— Segura, dindinho, que a Ventania hoje está furiosa!

Meu avô ria e seguia confiante na habilidade do neto.

Aqueles momentos com o vovô eram cheios de risadas e o mundo parecia mais seguro. Mas, como o tempo que insiste em correr, as brincadeiras de criança logo deram lugar às responsabilidades de gente grande.

Foi então que um dia, sem querer, descobri que a rua guardava surpresas bem diferentes das nossas brincadeiras.



Os perigos da rua

Bento, pra ajudar em casa, vendia picolés para seu Tarlei e, um dia, chegou lá em casa com um carrinho cheio de laranjinhas, picolés e esperança.

Os sabores pareciam festa: milho verde, coco queimado, tamarindo, caju.

Eu adorava quando ele, aos sábados, me chamava:

— Vamos, maninha? Acho que hoje a gente vende tudo.

E lá íamos nós, caminhando pelos paralelepípedos da Rua Goiás, debaixo do sol quente e com o coração animado.

Andamos tanto que chegamos ao campinho do Zé Essado.

E foi ali, naquele campo de terra batida, que meu irmão bamburrou. Vendeu tudo. Até o último picolé.

Voltamos contentes, falando alto e fazendo planos. Bento dizia que entregaria todo o dinheiro à mamãe para ajudar no aluguel.

Mas a vida, às vezes, mudava depressa.

Perto da fábrica de picolé, três garotos apareceram na esquina. Um deles mostrou um canivete e perguntou:

— Cadê o dinheiro dos picolés?

Meu irmão tentou disfarçar:

— Não tem dinheiro nenhum. Não vendemos nada.

Mas eles abriram a tampa do carrinho e perceberam que ele estava vazio.

Meu coração gelou. Fiquei com medo e comecei a chorar.

— Passa logo o dinheiro — disse um deles.

Bento não pensou duas vezes. Tirou do bolso tudo o que tinha e entregou.

Voltamos para a fábrica calados, com a alegria desfeita.

Mas seu Tarlei, homem simples e de bom coração, passou a mão na cabeça do meu irmão e disse:

— Não se preocupe, Bento. O importante é que vocês voltaram bem.

Depois, falou que já desconfiava mais ou menos quem eram os malinhas e que avisaria a polícia.

Aquela fala trouxe um pouco de calma para o nosso coração.

Em casa, mamãe ouviu a história em silêncio. Depois, ajoelhou-se no chão de cimento frio e agradeceu a Deus pelo nosso livramento. Bento, com o semblante triste, disse que, infelizmente, o dinheiro para ajudar no aluguel não havia chegado. Ela, com a voz embargada, o consolou:

— Meu filho, dinheiro nenhum vale mais do que a vida. Quanto ao aluguel, Deus há de prover.

Naquele momento, o medo foi, aos poucos, dando lugar a um alívio silencioso.

Mas mamãe sabia que aqueles dias continuavam difíceis. O dinheiro já era pouco, e a vida ainda pediria de nós mais um recomeço.

Porque, naquele tempo, cada mudança era um jeito de seguir em frente, e cada dia vencido já era uma pequena vitória.



O pomar das Jabuticabas

Embora tivéssemos parentes reconhecidos na cidade, com trajetórias importantes em diferentes áreas, a vida nos colocou em caminhos muito distintos. Naquele tempo, eu ainda não compreendia bem essa distância social. Seguíamos nossa vida simples, trabalhando com honra para ajudar no sustento da casa.

A adolescência ia chegando devagar, e, cada vez mais, aquela diferença começava a me inquietar. Eu não entendia de política, de sociedade nem de classe social. Mas sentia. Sentia no estômago.

Foi então que fui trabalhar na casa de um desses parentes. Lá, eu arrumava camas, passava roupas, organizava salas grandes demais para o tamanho da minha infância. Mas, na hora das refeições, dona Ivana, professora esclarecida e uma verdadeira dama, gentilmente me convidava para sentar com eles à mesa.

— Sente-se e almoce conosco, Maria Eduarda!

Eu me sentava tímida, sem saber bem onde colocar as mãos. Não estava acostumada àquilo. Em outros trabalhos, quase sempre me davam a comida depois, ou o que sobrava.

Ali, naquela mesa, cercada por pai, mãe e filhos, senti uma coisa nova e boa: por alguns instantes, era como se a diferença entre a vida deles e a minha ficasse do lado de fora.

Durante esses momentos, vez ou outra, procuravam puxar algum assunto comigo. Foi num desses almoços que um dos filhos, Bernardo, ainda rapazinho, me olhou com curiosidade e perguntou:

— Você gosta de estudar, Maria Eduarda?

Respondi meio sem jeito:

— Gosto muito.

Ele sorriu de leve e disse:

— Então continue se dedicando. Meu pai diz que os estudos podem abrir portas que a gente nem imagina. Quem aprende a enxergar melhor o mundo também pode, um dia, ajudar a transformá-lo.

Guardei aquela frase comigo. Sem saber, eu estava sentada ao lado de um jovem que, anos depois, seguiria um caminho de grande destaque na vida pública.

Mas bastava atravessar a rua para encontrar um mundo que me enchia os olhos.

Do outro lado morava minha tia-avó Joviana, uma das figuras mais antigas e respeitadas da família. A casa era antiga, imponente, com janelas grandes de madeira, fotografias nas paredes e porcelanas brilhando na cristaleira.

Aquele lugar e aquelas fotografias nas paredes me fascinavam. Naquele tempo, nem todos tinham acesso a esse tipo de registro, e eu não tinha retratos da minha infância, nem dos meus avós, pais ou parentes. Por isso, olhava para aqueles rostos como quem procurava, em silêncio, um pedaço de minhas próprias raízes.

No entanto, a diferença social e econômica que nos separava fazia com que permanecêssemos mais à distância, sem muitas visitas de parte a parte. Mamãe, sempre muito reservada, dizia que não gostava de incomodar. Por isso, quase nunca ia visitá-la — e, quando ia, eu a acompanhava.

No quintal havia um pomar enorme. Jabuticabas pretinhas caíam no chão, e mangueiras, laranjeiras e limoeiros enchiam aquele espaço de sombra e fartura. Eu olhava as frutas maduras, quase me chamando.

Mas mamãe dizia baixinho:

— Não pega, minha filha, só se te oferecerem.

Enquanto eu apreciava aquele pomar farto, minha tia conversava com mamãe.

— Diomara, como estão as coisas?

Mamãe respondeu:

— Não têm sido fáceis, mas, com a graça de Deus, estamos vencendo.

No fim da conversa, tia Joviana pegou uma bacia de plástico e disse para mim:

— Menina, escolhe umas frutas e leva.

Era o momento mais esperado. Cheia de alegria, saí por aquele pomar. Queria pegar de tudo um pouco, mas mamãe me continha, dizendo para escolher apenas o que fosse comer naquele dia. Mesmo assim, ajuntei um pouco de jabuticaba e mangas, que depois dividiria com meus irmãos.

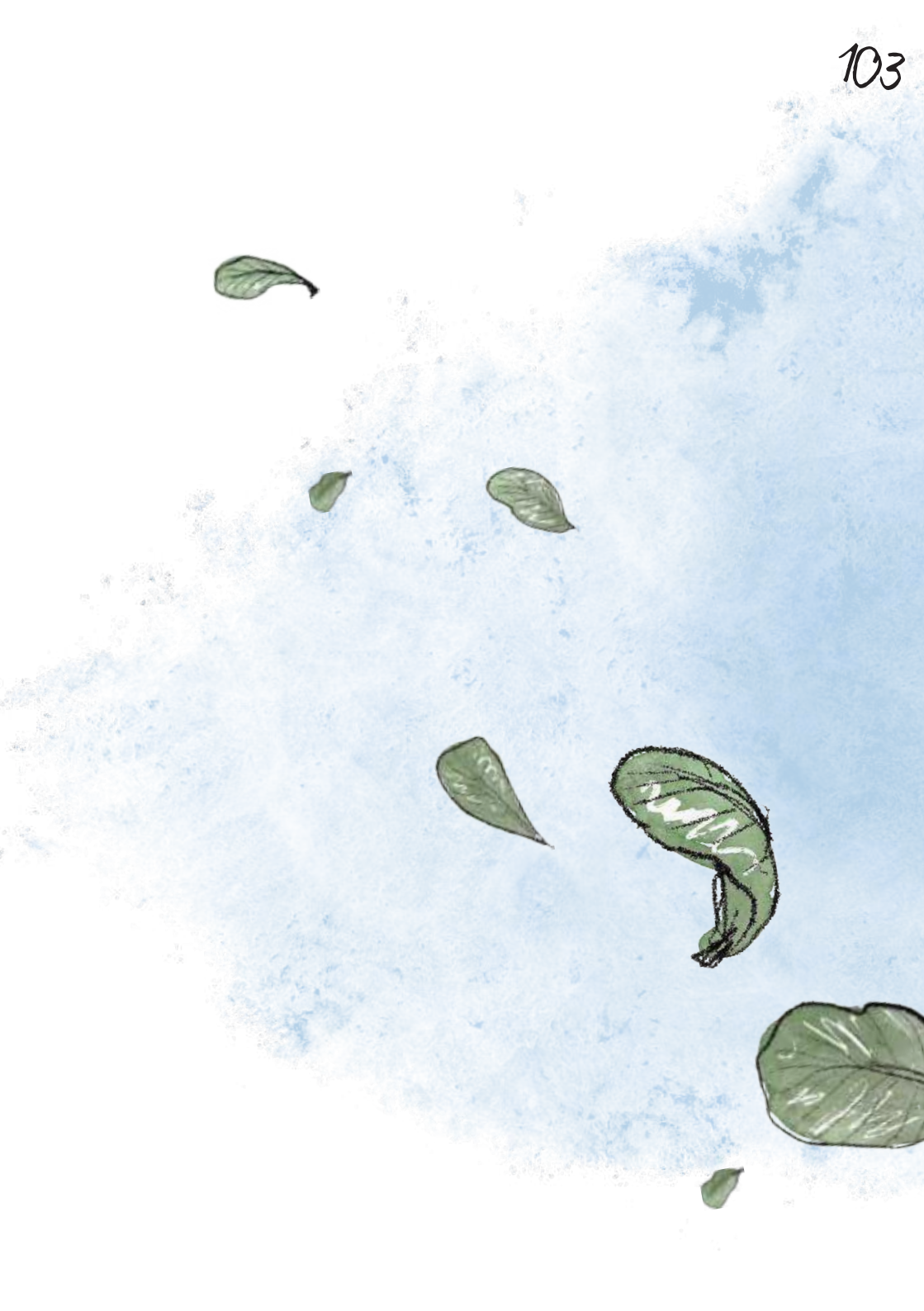
Minha tia era uma senhorinha miúda, de cabelos brancos, olhar terno e profundo. Antes de sairmos, olhou para mim e disse:

— Você tem um olhar curioso, menina. Continue assim. Quem observa o mundo aprende mais do que quem fala.

Agradecemos pelas frutas e partimos. No caminho, fiquei pensando naquela frase. Na verdade, eu observava muito. Via a comida sobrando na casa dos outros e pensava no quanto ela faria diferença na nossa. Via também coisas que eu ainda não sabia nomear, mas já sentia no coração.

Foi ali, entre jabuticabas e casas que eu ajudava a arrumar, que comecei a perceber melhor o mundo ao meu redor. Aquele contraste acendia ainda mais em mim a vontade silenciosa de seguir estudando e, um dia, mudar a história da minha vida.

Foi nesse tempo que a amizade também se tornou um lugar de grandes aprendizados.





08

*O choro de Júlia*

Minha amizade com Júlia, Mateus e Lucas crescia ano a ano. Entre cadernos, merendas, brincadeiras e segredos de criança, nos tornamos companheiros inseparáveis. Cada um tinha seu jeito, mas havia entre nós uma amizade bonita, dessas que fazem os dias parecerem mais leves e mais alegres.

Certo dia, já na terceira série, acordei animada, peguei minha capanga e passei na casa da Júlia, como fazia quase todos os dias.

A mãe dela abriu a porta, já com o avental amarrado na cintura.

— Bom dia, dona Rosa! Vim chamar a Júlia pra ir comigo.

Ela me olhou com um sorriso triste.

— A Júlia hoje não quer ir, minha filha. Tá trancada no quarto desde ontem.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei, preocupada.

— Não sei direito... ontem ela chegou da escola chorando e não quis nem jantar.

Pedi licença e fui até o quarto. Júlia estava sentada na beira da cama, abraçada à mochila, com o cabelo preso num coque apressado. Entrei devagar.

— Júlia... vem, amiga. Hoje tem aula.

Ela enxugou as lágrimas com o dorso da mão.

— Eu não quero ir.

— Por quê?

Ela demorou um pouco para responder.

— As meninas riram de mim... disseram que meu cabelo era feio e que eu era escura demais pra brincar com elas.

Senti um aperto no peito. Não entendia tudo sobre aquelas maldades, mas via o quanto tinham machucado minha amiga.

Sentei ao lado dela e falei baixinho:

— Júlia, não escuta isso, não. Seu cabelo é bonito. Você também é.

Ela abaixou a cabeça.

— Vamos comigo. Eu fico do seu lado.

Dona Rosa ouviu a conversa, respirou fundo e disse com firmeza:

— Isso não vai ficar assim.

Ela ajeitou o lenço no cabelo, pegou a bolsa e saiu conosco.

Na escola, foi direto falar com a diretora. Eu fiquei do lado de fora, esperando. Não ouvi tudo, mas deu para entender que dona Rosa estava magoada, e com razão.

No outro dia, Júlia voltou à escola. O semblante ainda era triste, e ela andava de cabeça baixa.

Quando entramos na sala, a professora, dona Terezinha, já estava de pé, com o olhar sério, mas doce.

— Crianças, hoje, antes da aula, precisamos conversar.

O silêncio tomou conta.

Ela escreveu no quadro, em letras grandes: RESPEITO.

— Vocês sabem o que essa palavra significa? — perguntou.

Alguns estudantes ficaram quietos.

Mateus levantou a mão:

— É tratar os outros do jeito que a gente quer ser tratado.

A professora sorriu.

— Muito bem, Mateus. E respeitar também é aceitar as diferenças. A cor da pele, o tipo do cabelo, o jeito de falar, o corpo... nada disso faz uma pessoa ser melhor ou pior do que a outra.

Depois ela olhou para Júlia e disse com carinho:

— O cabelo da Júlia é bonito do jeito que é. E, nesta sala, todo mundo aprende e todo mundo pertence.

A turma ficou em silêncio. Algumas meninas se entreolharam, envergonhadas.

A professora se aproximou, abraçou Júlia, e eu vi minha amiga respirar mais leve.

Júlia sorriu, e eu senti um orgulho enorme de ser sua amiga.

Aprendemos que palavra boa também ajuda a levantar o coração.

Na escola, eu ia entendendo que algumas dores moram no silêncio. Outras, no corpo. E outras no jeito como as pessoas nos olham.



Lucas e as moedinhas

Foi mais ou menos nessa época que comecei a prestar mais atenção nos fatos que ocorriam com nossa turma.

Lucas, por exemplo, era o mais brincalhão. Chegava sorrindo, com a camisa meio fora da calça, o cabelo bagunçado e a mochila cheia de guloseimas.

Quando a professora se virava para escrever no quadro, ele cochichava, todo animado:

— Ei, quer bolacha? Tenho chiclete também!

— Guarda isso, menino... a professora vai te pegar no pulo! — sussurrei. — Agorinha teremos a merenda.

Ele abria a mochila só um pouquinho, como quem mostrava um tesouro escondido.

Naquela escola, a merenda já parecia um banquete aos meus olhos, e naquele dia seria sopa de macarrão com legumes. Quem preparava o lanchinho continuava sendo a dona Lourdes, e ela sempre me deixava repetir. Parecia adivinhar, sem que eu dissesse nada, que lá em casa faltava quase tudo.

Na hora da merenda, Lucas comia até se faltar. No recreio, era sempre cercado de gente. Dividia tudo: balas, pirulitos, chicletes. Falava alto, ria de qualquer coisa. Mas, às vezes, quando ouvia alguns apelidos pelos corredores, o riso dele mudava. Continuava sorrindo, mas não do mesmo jeito.

Um dia, ouvi um menino chamar:

— Sai da frente, gordinho!

Lucas fingiu que não ligou. Pegou um salgadinho na mochila, deu de ombros e continuou andando. Mas eu vi que os olhos dele se encheram de lágrimas.

Um dia, curiosa, perguntei:

— Lucas, como é que você compra tanta coisa todo dia? Você é rico?

Ele deu uma risadinha.

— Rico? Eu? Que nada! Minha avó me dá umas moedinhas toda semana pra eu guardar no cofrinho... mas eu uso pra comprar guloseimas lá na venda do seu Osvaldo.

Franzi a testa, preocupada.

— Mas... sua avó não fica brava?

Ele deu de ombros.

— Ela nem sabe.

Aquilo me deixou quieta por um instante.

— Mas ela te deu pra guardar... — falei baixinho.

Ele riu, sem dar muita importância.

— Ah, depois eu coloco de novo.

Eu não respondi. Só fiquei pensando que isso ainda podia dar problema.

No dia seguinte, enquanto a professora explicava a lição, um cheiro forte de salgadinho tomou conta da sala.

Dona Terezinha parou de escrever. Olhou devagar para a turma.

— Que cheiro é esse? Tem alguém lanchando na hora errada?

Lucas congelou.

O pacote aberto estava na mão dele.

— Abri sem querer, professora...

Ela pediu que ele conversasse com ela depois da aula.

Júlia sussurrou:

— Agora complicou, Lucas...

Depois da aula, a professora chamou Lucas. Eu e Júlia ficamos esperando lá fora. Minutos depois, ele apareceu com o semblante mais calmo, embora os olhos ainda estivessem vermelhos.

— Como foi? — perguntei logo.

— Pra minha sorte, não teve bronca — disse ele, aliviado.

— A professora só conversou comigo.

— E o que ela falou? — quis saber Júlia.

— Falou que eu precisava guardar melhor as moedinhas da minha avó... e cuidar mais do que eu andava comendo.

No dia seguinte, Lucas chegou na escola acompanhado dos pais e foi com eles para a sala da diretora.

Mais tarde, antes da aula começar, a professora chamou todo mundo para uma roda de conversa.

— Crianças, vocês sabiam que muitas palavras podem machucar as pessoas?

Lucas abaixou a cabeça.

A professora continuou:

— Ninguém tem o direito de rir do corpo de ninguém. Cada pessoa tem seu jeito, seu tempo e seu tamanho. E todos merecem respeito.

A sala ficou quieta. Daquele silêncio que entra dentro da gente.

No outro dia, Lucas chegou diferente.

Só com os materiais escolares na mochila — e um sorriso.

— Acabou o estoque, Lucas? — brincou Júlia.

Ele sorriu:

— De guloseimas, sim! Agora estou guardando as moedas da minha avó no cofrinho.

— Que legal! Vai comprar o que com elas? — perguntei.

— Quero juntar pra comprar meu videogame! — respondeu ele, erguendo a tigelinha da merenda como se fosse um troféu.

Naquele dia, pareceu que Lucas tinha entendido duas coisas importantes: que o corpo da gente merece cuidado e que moeda guardada também pode realizar sonhos.

Foi na quarta série que a vida me mostrou outro aprendizado — daqueles que nascem da convivência, da comida partilhada e da amizade.



O Sítio do Mateus

O tempo foi passando. Era um sábado de sol, e a professora tinha pedido um trabalho de Ciências sobre alimen-

tação saudável. Eu, Júlia, Lucas e Mateus combinamos de fazer juntos. Foi Mateus quem deu a ideia:

— Podem ir lá em casa! A gente planta de tudo. Assim vocês conhecem a hortinha do meu pai.

O sítio ficava quase dentro da cidade. Rapidinho chegamos lá. Seu Raimundo, pai de Mateus, nos esperava na porteira. Ao lado dele, um cachorrinho caramelo, todo saltitante, latia de alegria e girava em volta das nossas pernas, como se nos convidasse para entrar.

— Que coisinha mais linda! — eu disse, baixando para fazer um carinho. — Como é o nome dele, Mateus?

— É o Paçoca! — respondeu Mateus, rindo da bagunça do bicho.

Naquele momento, meu coração se encheu de uma saudade apertada. Lembrei do Pirata, o meu cachorro que havia ficado lá no sertão de Goiás. Senti um nó na garganta ao lembrar do rabo abanando e das nossas brincadeiras na terra seca, mas o Paçoca me deu uma lambida no rosto que logo me trouxe um sorriso de volta.

No caminho até a casa, o cheiro do mato me lembrou o tempo em que eu morava no cerrado goiano.

Quando chegamos, dona Bete, mãe de Mateus, veio nos receber com um sorriso largo e o avental molhado na barriga.

— Sejam bem-vindos, crianças! Sintam-se em casa.

E a casa era mesmo um encanto: simples, mas cheia de vida.

— Raimundo, leva as crianças para conhecer o quintal e, na volta, traz os legumes para o almoço — disse dona Bete.

— Bora, meninada! — respondeu seu Raimundo, animado.

Nos fundos da casa havia um pomar espalhado de dar gosto: goiabeiras, pés de manga, abacate, jabuticaba, mamão, e uma horta verdinha.

Júlia olhou em volta, encantada:

— Parece uma feira dentro do quintal!

— É mesmo — respondeu Mateus, rindo. — Aqui a gente planta o que come e come o que planta.

Seu Raimundo nos guiou pela horta como quem mostra um tesouro. Tinha alface, couve, cebolinha, cenoura, abóbora, jiló, quiabo e, bem perto, um milharal. Eu olhava cada folha, cada fruto, cada alimento, e meus olhos se encheram de água.

— O que foi, menina? — perguntou seu Raimundo, preocupado.

Respirei fundo e respondi:

— Eu... eu nunca tinha visto um quintal tão cheio de comida e vida.

Ele sorriu com carinho.

— Pois hoje você vai se fartar.

Naquele instante, pensei em meus pais. Desejei, bem no fundo do coração, que eles estivessem ali comigo vendo aquilo tudo.

Enquanto colhíamos, perguntei:

— Seu Raimundo, o senhor não compra nada na cidade?

Ele deu uma risada boa.

— Comprar pra quê? Aqui a gente planta o que precisa. A terra ajuda quem cuida dela.

Todos rimos, e ele continuou andando entre os canteiros, orgulhoso daquilo tudo.

Passamos a manhã colhendo. Júlia ajudava a regar a horta, e eu ia ajudando Mateus a pegar os legumes para o almoço. Seu Raimundo também enchia uma bacia grande de legumes e verduras. Eu olhava pra ele e pensava se tudo aquilo seria para o almoço. Foi quando ele olhou para mim e disse:

— Leve pra sua mãe, menina. Fartura é coisa boa quando se reparte. — e foi logo me entregando aquela bacia transbordando de alimentos que meus braços curtos, mal davam para abraçar, ele completou — e antes de ir embora o Mateus vai pegar umas frutas pra você levar também.

Então, enquanto ele me ajudava a carregar a bacia, eu pensava nela. Minha mãe, que sempre dividia tudo, agora receberia um pouco daquela abundância. Só de imaginar o sorriso dela, meu coração já se enchia de alegria.

Mateus, com dois pés de alface nas mãos, comentou:

— Cada alimento tem seu tempo. Igual gente.

Eu sorri. Era verdade.

Quando voltamos para a cozinha, a mesa parecia um

desenho bonito: arroz soltinho, feijão fresquinho, frango de caldo na panela, salada colorida, legumes refogados e suco natural de laranja.

— Está tudo delicioso, dona Bete — eu disse.

Ela sorriu com ternura.

— O segredo é tempero simples e amor. E daqui a pouco tem sobremesa: goiabada com queijo.

Ao ouvir falar daquele doce, me vieram lembranças antigas e outras recentes. E então descobri que a comida também carrega memórias — umas doces, outras nem tanto.

Enquanto almoçávamos, a conversa foi parar nos sonhos.

— Eu quero ser advogada — disse Júlia, decidida.

— Eu quero ser bombeiro — falou Mateus.

— Eu quero ser engenheiro — explicou Lucas.

Quando chegou a minha vez, falei sem pensar muito:

— Eu quero ser professora.

Seu Raimundo assentiu com a cabeça, como quem aprovava. E eu guardei aquilo comigo.

Depois do almoço, fizemos o trabalho da escola. Pela primeira vez, falar de alimentação saudável fez sentido pra mim. Júlia e Mateus deram várias ideias. Eu cuidei da parte artística do cartaz. Lucas também ficou ali com a gente, acompanhando tudo, mas parecia mais interessado em colocar seu nome na tarefa. No fim, nosso trabalho ficou uma beleza.

Ali, entre o cheiro da terra, a mesa farta e as risadas dos meus amigos, eu entendi uma coisa importante: a vida também ensinava fora da escola.

Ao final do dia, antes do sol se esconder por completo, Mateus me tocou o ombro e deu um sorriso conspirador, estendendo o convite para todos: — Turma, venha cá. Quero mostrar uma coisa para vocês lá no paiol.

Fiquei curiosa e o acompanhei, com Júlia e Lucas logo atrás. O paiol tinha aquele cheiro bom de milho seco, palha e madeira antiga. A luz do final de tarde entrava pelas frestas, criando fachos dourados no ar. Num cantinho bem aconchegante, forrado com sacos de estopa, Mateus parou e apontou.

— Psiu... — ele pediu.

Eu fui a primeira a ver e fiquei maravilhada. Uma cadela de pelagem escura estava deitada, tranquila, amamentando seus filhotes. Eram cinco bolinhas de pelo; um pretinho retinto e quatro caramelos, todos amassadinhos uns nos outros.

— Ai, meu Deus! Que coisinha mais linda! — sussurrou Júlia, levando as mãos à boca, com os olhos brilhando.

— São muitos! — exclamou Lucas, tentando contar. — e rápidos pra mamar, né?

— São filhos do Paçoca e da Shitara — disse Mateus, orgulhoso da ninhada. — Meu pai disse que, se você quiser, Duda, pode escolher um para você. Eles já estão em fase de desmame e precisam de um bom lar.

Aquela frase foi como música para os meus ouvidos. Meus amigos sabiam o quanto eu sentia falta do Pirata; virava e mexia eu contava das travessuras dele lá no sertão goiano. Eu não titubiei. Senti um calorzinho no peito e me agachei perto daquela família.

— Escolhe um caramelo, Duda! Pra combinar com o Paçoca — sugeriu Júlia, agachando-se ao meu lado.

— O pretinho é invocado, olha lá — comentou Lucas, observando o filhote que lutava pelo melhor lugar.

Fechei os olhos por um instante, respirei fundo e estendi a mão, deixando o coração guiar. Toquei um filhotinho que se aninhou na minha palma e o levei para perto do meu rosto. Ao abrir os olhos, me deparei com o cachorrinho mais lindo do mundo. Ele era caramelo e tinha uma manchinha branca no focinho e olhos que brilhavam como jabuticabas.

— Olha só, Mateus! Ele me escolheu — eu disse, sentindo uma lambida minúscula no meu queixo. — E como vai se chamar? — perguntou Mateus, agachando-se ao meu lado.

— Pirata — respondi sem hesitar, sentindo que um pedacinho da minha história estava voltando para mim. — Ele vai ser o meu novo companheiro de aventuras.

Saímos do paiol com o Pirata no meu colo, todos falando e rindo ao mesmo tempo, saudando o mais novo integrante do grupo.

Seu Raimundo e Mateus foram nos levar até nossas casas numa caminhonete. Mamãe veio à porta, e ele lhe entregou

a bacia repleta de alimentos e um saco farto de frutas. Ela agradeceu imensamente, com o olhar cheio de gratidão.

Eu, ainda segurando o segredo, mantinha o filhotinho escondido dentro da capanga — só a cabecinha dele ficava de fora, tentando respirar e entender aquele mundo novo. Chamei meus irmãos e, com um sorriso que já não cabia no rosto, contei da surpresa.

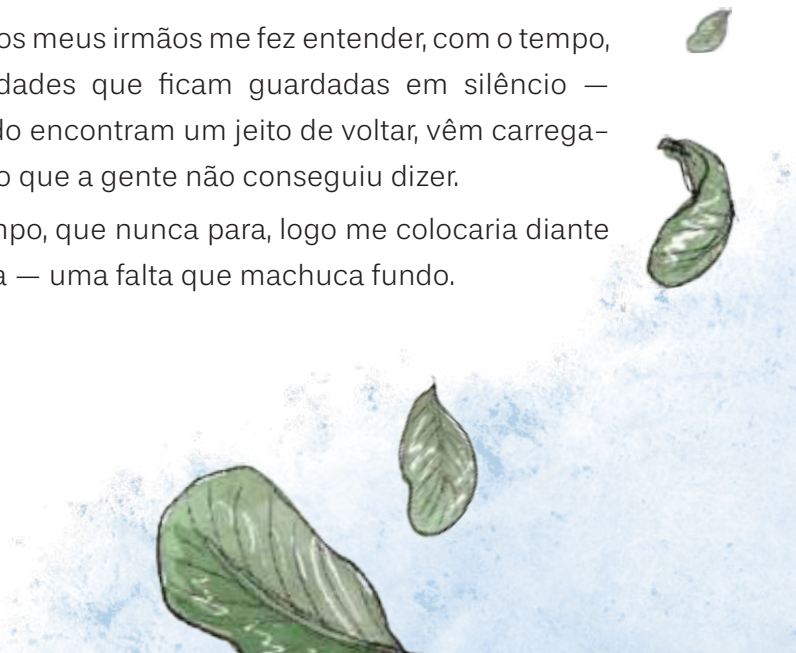
Eles se aproximaram curiosos. Então, com cuidado, tirei o Pirata de dentro da capanga.

Foi uma mistura de choro e alegria.

Meus irmãos, que sempre tentavam parecer fortes, deixaram a emoção tomar conta. Choraram como se todos aqueles anos longe do nosso Pirata agora encontrassem caminho em forma de lágrimas. Choramos juntos. Mas também rimos, encantados com as travessuras do mais novo membro da família.

O choro dos meus irmãos me fez entender, com o tempo, que há saudades que ficam guardadas em silêncio — e que, quando encontram um jeito de voltar, vêm carregadas de tudo o que a gente não conseguiu dizer.

Mas o tempo, que nunca para, logo me colocaria diante de outra falta — uma falta que machuca fundo.





09



O sonho interrompido

Aos doze anos, uma criança devia brincar, correr e sonhar. Mas eu já conhecia bem a palavra falta. Faltava dinheiro, faltava comida, faltava meu pai, que tinha partido um ano antes, e deixou em casa um silêncio difícil de explicar.

Mesmo assim, eu guardava um sonho com muito cuidado: seguir estudando para vida melhorar.

Todos os dias, no caminho de volta para casa, eu passava em frente ao colégio grande da cidade. Chamava-se Instituto Lucca Paciollo. Até o nome era imponente, embora eu nunca soubesse quem era esse senhor Lucca. O prédio era alto, vistoso, de dois andares. Para mim, era como um castelo.

Os alunos passavam pela rua com seus uniformes bonitos. As meninas iam de saia de brim marrom preguada e camisa branca. Os meninos usavam calça alinhada, sapato preto e camisa branca.

Eu olhava aquilo tudo e pensava comigo que, um dia, ainda estudaria ali.

Quando terminei o quarto ano, mamãe me levou para fazer a matrícula naquele tão sonhado colégio. Era escola pública, e saí de lá me sentindo quase aluna de verdade. Passei as férias imaginando a sala, os livros, o uniforme e o cheiro do giz.

Mas a vida, mais uma vez, tinha outros planos.

Em janeiro, voltei de um dia de trabalho e encontrei mamãe sentada no sofá, com um papel na mão e o rosto abatido.

— O que foi, mãe?

Ela apenas me entregou a lista de materiais escolares. Eu nem consegui ler tudo direito, mas bastou olhar para entender: era impossível. A lista era grande demais para a nossa realidade de aluguel atrasado, gás faltando, água cortada e panelas quase vazias.

Mamãe tentou sorrir e, com a voz quebrada, disse:

— Filha... está chegando o dia das aulas... e eu ainda não consegui comprar nada.

Minhas lágrimas vieram sem pedir licença.

— Mãe... eles vão me deixar estudar assim mesmo, não vão? É só conversar com a diretora...

Eu acreditava nas conversas. Acreditava nos adultos. Acreditava que o mundo podia ter compaixão.

Chegou o primeiro dia de aula. Eu me arrumei com o que tinha: um caderno usado do ano anterior, um estojo quebrado e uma vontade enorme de aprender.

Quando cheguei à escola, parecia um desfile. Mochilas novas, lancheiras de personagens, estojos coloridos, canetinhas, cadernos bonitos... As meninas exibiam seus lápis de cor com trinta e seis cores como se fossem verdadeiros tesouros.

E eu ali, quieta na fila, atrás de Júlia, Mateus e Lucas, segurando meu caderninho usado e a esperança que trazia comigo desde os tempos do cerrado.

Cada professor que entrava na sala ensinava uma disciplina diferente e, ao final, avisava que para a próxima semana já iria exigir o caderno e o livro de sua matéria. Embora eu seguisse encantada com aquele novo mundo de conhecimentos, ao mesmo tempo, sentia que meu sonho corria um risco silencioso.

Passei a semana assim.

Até que, na sexta-feira, a diretora entrou na sala e entregou um bilhete. Quando chegou perto de mim e disse:

— Leva pra sua mãe.

Li o recado que dizia: "A partir da próxima semana, todos os alunos deverão vir de uniforme e com todos os materiais da lista".

Senti o chão escapar debaixo dos meus pés. Meus olhos se encheram de água, mas eu engoli o choro. Queria ser forte. Queria continuar ali.

No recreio, meus amigos vieram falar comigo.

— Não fica assim, Duda. Vai dar certo — disse Júlia, tentando me animar.

— Segunda-feira a gente vai estar aqui junto — falou Mateus.

— Nosso quarteto é inseparável — completou Lucas.

Mas a próxima semana não chegou pra mim naquela escola.

Quando voltei para casa, o Pirata veio me receber. Parecia querer me consolar. Ele estava crescendo sadio e arteiro. Li o bilhete pra minha mãe. O olhar dela era triste, como se carregasse uma culpa que não era dela.

— Filha... eu fui lá no colégio. Falei com a diretora. Pedi que deixasse você estudar lá até eu conseguir o dinheiro...

Ela fez uma pausa antes de continuar.

— Mas ela disse que todos têm de seguir as regras da escola e que, sem o uniforme e os materiais, você não pode ficar.

Naquela hora, eu desabei. Eu, que já tinha conhecido a fome e tantas faltas e dificuldades, enfrentava mais uma barreira: ser impedida de estudar por causa de um uniforme e material escolar.

Foi uma dor difícil de entender. Para mim, a escola era lugar de aprender, de sonhar, de tentar construir um futuro diferente. Mas, naquele instante, descobri que, às vezes, até o sonho precisava pagar entrada.

Por um tempo, o sonho da escola teve que ficar guardado, esperando uma nova chance.



O domingo da feira

Era um domingo de verão. O sol estava escaldante. Mamãe me chamou e disse:

— Minha filha, vá ali na feira buscar as verduras para o almoço.

Colocou o dinheiro na minha mão, como quem entrega uma responsabilidade, e eu fui. A feira ficava ali pertinho, a dois quarteirões de casa.

Eu já conhecia aquele lugar. Aos domingos, ia sempre com mamãe. Era um encontro de gente: uns iam comprar, outros iam só passear, conversar, ver o movimento. E havia comida por todos os lados — cores, cheiros, vozes misturadas.

Logo na entrada ficavam as bancas de carne. A do seu Alaor era sempre a mais cheia. Ele vendia carne de porco caipira, e os fregueses disputavam lugar. Mas naquele dia eu nem olhei muito. O dinheiro que eu levava era contado, e minha parada era outra.

Mais adiante, vinha a barraca do Chicão, com sua garapa gelada de abacaxi e hortelã. O cheiro doce e fresco parecia abraçar a gente no meio do calor. Ao lado tinha a barraca do pastel. Os recheios eram à escolha do freguês: pastel de queijo, presunto, carne moída, guariroba, frango e de vento.

Embora estivesse com fome, segui andando até as bancas de verduras. Era ali. Sete pacotes por um único preço.

Fui direto na banca do seu Osmiro. O filho dele, Antônio, estudava na mesma escola que eu. Tinha uns quinze anos e, de longe, já se ouvia a voz dele chamando os clientes.

— Vamos chegar, freguesa! Aqui é tudo barato... o marido da barata!

Quando me viu, abriu um sorriso e brincou:

— Moça bonita não paga... mas também não leva!

Eu ri, como sempre.

— Vamos escolher, Duda. São sete pacotes por dez.

Ele me entregou a sacola, e fui colocando o que dava: jiló, quiabo, abóbora, tomate, cenoura, beterraba, chuchu... e pronto. Era o que o dinheiro alcançava.

— Sua mãe não veio hoje, Duda? — perguntou ele.

— Ficou em casa, vigiando o feijão cozinhar — respondi.

— E a Ritinha? — perguntou com um brilho nos olhos e um sorriso no rosto — fala pra ela que, quando aparece por aqui, até minhas vendas melhoram...

Eu sorri, porque, aos poucos, já começava a entender as coisas do coração.

Então, ele olhou para a sacola e disse:

— Tá pesada. Você consegue levar? Se quiser, depois passo lá de bicicleta e entrego.

Eu, querendo parecer forte, respondi:

— Dou conta.

E fui.

O sol batia forte. A sacola pesava nas mãos. Eu não tinha tomado café da manhã e a fome apertava.

Foi então que vi a banca de doces do seu Manoel.

Eram doces de todos os tipos, de todas as cores e sabores. Tinha doce mole e de pedaço. Cocada, pé-de-mo-leque, goiabada, mamão em calda, doce de queijo e de leite. Quando eu ia com mamãe, ela sempre comprava pra mim. Eu escolhia o doce de leite em pedaços, um dos meus preferidos.

Fiquei olhando.

Ali, debaixo daquele sol quente, com fome, segurando as sacolas pesadas, vendo o movimento das pessoas indo e vindo, conversando, vivendo...



E, de repente... tudo foi sumindo.

— Ei, menina! Acorda! — ouvi uma voz, distante, como se viesse de muito longe.

Quando abri os olhos, havia um monte de gente ao meu redor.

— Qual é o seu nome? Onde você mora? — alguém perguntava.

— Eu conheço essa menina. É filha da dona Diomara — dizia outro.

Um casal que estava ali me ajudou. Com cuidado, me colocaram em um carro e me levaram até em casa.

Quando mamãe me viu chegar daquele jeito, correu ao meu encontro, assustada.

— Minha filha!

O casal explicou o que havia acontecido. Mamãe me abraçou forte, como se quisesse me trazer de volta para perto do seu coração.

E eu me permiti chorar: pelo medo, pela fraqueza do corpo e pelas dificuldades que a vida nos apresentava havia tanto tempo — desde a infância no sertão goiano, entre mingaus, taibas e a coragem silenciosa de seguir em frente.

Então, mamãe preparou o almoço com todo o carinho. Lena me serviu com cuidado, enquanto Ritinha tentava me consolar. Então, com a voz firme e o coração cheio, ela disse:

— Maninha, um dia, vou melhorar de vida e quando precisar, eu estarei sempre por perto para cuidar de você também.

E a vida foi me mostrando que Deus me havia dado, de presente, três guardiãs e protetoras — um tesouro que valia mais do que qualquer dinheiro.

No outro dia, mamãe me levou ao hospital. O médico decidiu me internar para fazer um tratamento. Foram dias de soro, vitaminas e remédios. Desde então, nunca mais tive aqueles desmaios.

Mas aquela tarde de sol, fome e doce de leite ficou guardada em mim — como uma lembrança que o corpo nunca esquece.

Foi depois daqueles dias de tratamento, que a vida acendeu uma pequena luz no caminho.



As fadas madrinhas

Foi nessa fase difícil da minha vida, cujos sonhos de estudar tiveram que ser interrompidos que, aos catorze anos, surgiu alguém capaz de enxergar em mim aquilo que eu mesma ainda não sabia dizer. Seu nome era Sueli.

Ela trabalhava numa grande loja da cidade e, enquanto eu cuidava de sua pequena filha, me observava com atenção e carinho. Parecia perceber que meus sonhos eram maiores do que os muros das casas de família onde eu trabalhava. No fim da tarde, quando chegava do serviço, gostava de conversar comigo.

— Qual é o seu maior sonho, Duda?

Aquela pergunta me surpreendeu. Ninguém nunca tinha me perguntado isso daquele jeito. Respondi com sinceridade:

— Quero estudar, me formar e dar orgulho pra minha mãe.

Ela me olhou com ternura, como se tivesse entendido tudo.

Um dia, chegou sorrindo e disse:

— Duda, estão precisando de uma mocinha como você numa loja de aviamentos lá no centro. Amanhã cedo eu te levo pra conhecer os donos.

Aquilo foi como se alguém tivesse aberto uma porta diante de mim. Eu não sabia se ria, se chorava ou se agradecia. Só pensava na responsabilidade que vinha junto com aquela oportunidade.

— Mas quem vai cuidar da Mariana? — perguntei, olhando com ternura para a criança dormindo.

— Minha mãe vai cuidar. O seu futuro não pode esperar.

Corri para casa levando a notícia. Naquele tempo, em casa já éramos só eu, Ritinha, mamãe e vovô. Lena tinha ido para a Capital trabalhar em casa de família e só voltava

nos fins de semana. Bento viajava vendendo tecidos e, às vezes, demorava até um mês para retornar.

Ritinha, que tão cedo havia deixado de lado o sonho de estudar para ajudar nas despesas da casa, vibrou com a notícia. Mamãe sorriu ao ver a minha alegria. Pirata, que havia se transformado num bonito cão de porte médio, também parecia festejar, saltitando ao meu redor. Naquela noite, quase não dormi de tanta ansiedade.

No dia seguinte, cheguei à porta da loja antes mesmo de o sol esquentar o céu. Sueli já estava me esperando. Ela me apresentou ao dono, que olhou para mim e perguntou:

— Pode começar agora?

E eu comecei.

A partir daquele "agora", muita coisa mudou.

Aprendi a fazer contas, cortar tecidos, embrulhar botões, contar dinheiro, cuidar do caixa, vender linhas, atender bem e fazer novas amizades. Descobri que quando alguém acredita na gente, o destino encontra um jeito de se abrir.

Mas, um dia, a fiscalização chegou e multou os patrões por manterem funcionários sem carteira assinada. Com isso, perdi o emprego. Foi então que Ritinha, que trabalhava em uma casa de família cujos patrões tinham uma loja de material de construção, pediu a eles uma oportunidade para mim.

E assim, graças a ela, continuei atendendo nos balcões. Agora, vendendo canos, britas, cerâmicas, tijolos, janelas e

portas. E foram justamente esses últimos que passaram a ter outro sentido para mim: os tijolos representavam cada degrau que eu subia lentamente; as janelas anunciavam novos horizontes; e as portas, que por tanto tempo pareceram fechadas, enfim começavam a se abrir.

Então, retornei à escola, após aquela pausa forçada nos estudos. Trabalhava o dia inteiro no comércio e estudava à noite. Havia cansaço, sim, mas a vontade de aprender falava mais alto.

Às vezes, a saudade apertava, e eu me encontrava com meus grandes amigos — Júlia, Mateus e Lucas — na praça São Sebastião, no centro da cidade, simplesmente para jogar conversa fora e tomar sorvete.

Eles me contavam sobre a escola e diziam o quanto sentiam minha falta. Aqueles momentos enchiam meu coração de alegria e me faziam lembrar que, apesar das pausas e dos desvios, alguns laços verdadeiros permanecem.





10



Novos rumos

Aos poucos, a vida foi melhorando. Mamãe começou a receber a pensão de viúva do papai. Era só um salário mínimo, mas, para nós, parecia um tesouro.

Conseguimos construir um barraco no quintal do Bento, que havia se casado, e, pela primeira vez em muito tempo, deixamos de pagar aluguel e de viver mudando de um lugar para outro.

Meus irmãos também foram encontrando seus caminhos.

Lena cansou de cuidar da casa dos outros e decidiu, enfim, cuidar da própria. Casou-se jovem, com o coração

cheio de esperança, e nos deu sobrinhos que carregam seu mesmo coração forte. Mas, depois dos filhos já crescidos, seu grande amor foi fazer morada no céu.

Ritinha, que sempre teve o dom de liderar e de ser forte, conseguiu emprego na usina de álcool da cidade, onde também encontrou o grande amor de sua vida. Retomou os estudos, formou-se professora e, depois, casou-se. Teve dois filhos, que herdaram seu brilho firme. Mais tarde, tornou-se uma grande empresária do ramo têxtil. Anos depois, ela e o marido seguiram suas vidas por caminhos diferentes.

Bento cresceu como quem sempre soube que proteger era sua vocação. Virou vigilante, já casado, ergueu sua casa, e trouxe ao mundo dois belos filhos.

Zeca, meu irmão mais velho, aquele que deixou nossa casa ainda jovem, virou motorista, desbravador de estradas, colecionador de horizontes. Nas viagens, encontrou seu grande amor. Fez seu lar, plantou sua família e concebeu dois filhos lindos, que carregam no olhar o brilho dele.

Anos depois, Zeca partiu para uma viagem num caminho de luz e agora segue cruzando as estradas do céu. Sempre que o vento passa rápido demais, parece que é ele, dizendo com ternura:

— Não se esqueçam de mim... apenas estou em outro caminho.

Nossa lenda, o dindinho Pedro, também foi fazer morada no céu, montado na sua carroça Ventania, guiando o cavalo

Cedro pelas estradinhas de nuvens, espalhando poeira de estrelas por onde passa.

E eu segui junto com minha mãe. Na casa antes cheia, ficamos só nós duas: eu e ela, ela e eu. Dentro de mim a certeza de que, mesmo quando o destino separa caminhos, o amor continua nos mantendo unidos.

Com o tempo, novos sonhos floresceram, trazendo comigo a responsabilidade de construir a minha própria história.

Já moça, eu continuava trabalhando no comércio, agora cercada de tecidos coloridos — chita, brim, linho, viscose, tergal e filó. Enquanto isso, seguia estudando à noite, cursando o Magistério, com o sonho de me tornar professora.

Foi assim, entre trabalho e estudos, que conheci o meu primeiro amor.

Éramos dois jovens sonhadores, com os bolsos vazios, mas com o coração cheio de planos.

Algum tempo depois, nos casamos. Dessa união chegaram os dois tesouros da minha vida: meus filhos.

Cresceram entre cadernos, livros e meus passos apressados de mãe e agora, professora.

Mas a vida, às vezes, não segue o roteiro que imaginamos. Anos depois, o casamento se desfez. E coube a mim ensinar meus filhos a seguir em frente sem deixar que a ausência do pai apagasse o amor que existia ao redor deles.

Na escola, chegava o Dia dos Pais. As salas se enchiam de cartões coloridos e expectativa.

Benício, o mais velho, sempre tentava ser forte antes da hora. Guardava o cartão na mochila, respirava fundo e dizia que estava tudo bem.

Benjamin, o mais novo, era esperança pura. Vinha com o cartãozinho apertado na mão, os olhos brilhando, como quem ainda acreditava.

E quando as apresentações terminavam, ele perguntava baixinho:

— O papai não vem de novo?

Com a voz embargada, eu disfarçava e dizia:

— Ele está trabalhando muito longe e não conseguiu vir.

Era nesse momento que, com mãos pequenas e corações enormes, eles entregavam os cartões para mim e para minha mãe.

Nós duas os recebíamos com um sorriso tecido na coragem das mulheres que sustentam uma família inteira.

Foi assim, ano após ano, que eles foram entendendo que aquela data tinha, para nós, um significado diferente. Cada cartãozinho já não era feito para quem se ausentava, mas para quem, de fato, cuidava, zelava e permanecia.

Com o tempo, o olhar deles deixou de carregar tristeza. No lugar dela, foi nascendo um orgulho bonito: o de saber que também eram cercados por amor, presença e cuidado. E a cada dia dos pais, eles esperavam ansiosos nossa presença, minha e da minha mãe.

E assim eles seguiram.

Honraram cada esforço meu, da vovó Diomara e dos tios maternos, que sempre estiveram por perto.

Meu filho mais velho, desde pequeno, se destacava pela inteligência e pela responsabilidade. Era medalha, troféu, destaque na escola.

O mais novo, desde a infância, gostava de desmontar coisas, de entender o porquê de cada engrenagem. Parecia ter nascido para decifrar o mundo.

Eu nunca me senti sozinha. Cada conquista deles era também uma vitória minha.

Mas o destino ainda reservava uma surpresa grandiosa para a mulher que foi a base de tudo.



A casa da Rainha

E então chegou um dos momentos mais bonitos da nossa história.

Ritinha, aquela menina forte, nascida no coração do cerrado, que se tornara uma grande empresária, realizou um sonho antigo: comprou para nossa mãe uma casa ampla,

bonita e imponente — daquelas que, aos nossos olhos, pareciam uma verdadeira mansão.

Era aniversário dela, e decidimos preparar uma surpresa inesquecível. Reunimos os irmãos e, com muito amor, compramos tudo novo para mobiliar a casa.

Cada detalhe foi pensado com carinho, como forma de agradecer por toda uma vida de luta, cuidado e renúncia.

Chegado o grande dia, estávamos todos escondidos dentro da nova moradia — filhos, genros, noras, netos e amigos próximos — tomados pela ansiedade e pela emoção.

Enquanto isso, Ritinha que trazia minha mãe de carro, parou na porta daquela grande casa e a convidou a entrar. Ao entrar pelo portão, ela ainda não imaginava o que a esperava.

Então saímos para recebê-la. Foi um momento de profunda emoção.

Minha mãe olhava ao redor sem conseguir entender o que estava acontecendo. A casa era tão grande que ela parecia até se perder lá dentro. Seus olhos passeavam por cada canto, ainda sem compreender que tudo aquilo agora lhe pertencia.

Foi quando Ritinha lhe entregou a chave da casa e, emocionada, disse:

— A partir de hoje, esta será a sua casa, mãe.

Dominada pela emoção, mamãe deixou as lágrimas escorrerem pelo rosto.

— Meu Deus... eu nem sei se mereço tanto... — sussurrou.
— Nunca pensei que um dia fosse ganhar um presente desse.

— Não é presente, mãe — disse Ritinha, enquanto a abraçávamos com ternura. — É justiça. A senhora passou a vida inteira cuidando dos outros. Agora chegou a nossa vez de cuidar da senhora.

Mamãe nos envolveu no abraço, ainda com a voz embargada:

— Eu só precisava de um cantinho... e Deus me deu muito mais...

Naquele instante, mais do que uma casa, ela recebia a prova de que todo amor semeado ao longo da vida, um dia, floresce.

Depois de tantas lutas, parecia que a vida enfim nos concedia um tempo de beleza.

A casa de mamãe se tornou o centro de tudo: aniversários, Dias das Mães, rezas e encontros de família. Tudo acontecia ali, ao redor dela. Agora, o alimento já não faltava à nossa mesa. Com o passar do tempo, mamãe viu a família crescer: depois dos netos, chegaram também os bisnetos.

Mas o tempo, mais uma vez, ainda nos reservava uma prova dura demais.



O adeus

E o tempo seguiu.

O ano era 2020. Um vírus chegou como um ladrão na madrugada. Entrou sem pedir licença, sem bater à porta, sem dar aviso.

Muita gente adoeceu: irmãos, filhos, cunhadas, sobrinhos, amigos, vizinhos, a cidade, o mundo... E, no meio de tudo isso, adoecemos também eu e ela — minha mãe, minha fortaleza.

E então o destino fez um gesto estranho: fomos internadas no mesmo hospital e no mesmo quarto. Eu, filha; ela, mãe. Uma cuidando da outra. Uma rezando pela outra.

Mamãe se esforçava para parecer forte, mas seus olhos a denunciavam.

— Minha filha, isso logo vai passar, tá? — dizia ela, com a voz fraca, tentando me consolar.

— Vai sim. Em breve sairemos juntas daqui e estaremos em casa.

Ela deu um sorriso cansado, mas cheio de fé.

Mas os dias no hospital foram ficando pesados demais para ela. Pesavam os oitenta e quatro anos, pesavam as saudades acumuladas, pesava o corpo já cansado de tanta luta.

Numa tarde cinzenta, o médico entrou no quarto.

— Filha... precisamos transferir sua mãe para a UTI da capital.

Meu corpo gelou. Mamãe ouviu e, com a voz trêmula, disse:

— Filha, não quero te deixar aqui sozinha...

Segurei as mãos dela com toda a força que ainda me restava.

— Mãe... eu vou ficar bem. Agora é a nossa vez de cuidar da senhora, viu?

Ela me olhou com os olhos cheios de lágrimas.

— Mas, filha, promete que vai melhorar logo... O Benício e o Benjamin ainda precisam muito de você — dizia ela, com a voz embargada.

—Eu prometo mãe— disse com a voz trêmula, enquanto apertava sua mão contra o meu peito, tentando segurar ali o que a vida já começava a levar.

Quando a ambulância chegou, algo dentro de mim se apertou de um jeito que eu nunca esqueci.

Com o olhar sereno de quem cumpriu sua missão, minha mãe segurando a minha mão, sussurrou:

— Diga ao Bento que se lembre de mim em cada refeição que ele celebrar. Agradeça a ele, minha filha, por todo

cuidado e preocupação que sempre teve comigo.

Ela fez uma pausa, buscando fôlego, mas não desviou o olhar.

— Diga à Ritinha que sou grata por tudo o que ela fez por mim. E que siga sendo o elo de união entre a família. Meu maior desejo é que ela encontre um amor que a faça feliz de verdade. E à Lena... entregue minha gratidão por ter me ajudado a cuidar de todos vocês com tanto amor.

Ela apertou meus dedos um pouco mais forte, e com os olhos cheios de ternura, seguiu:

— Aos meus netos, diga que eles me fizeram a avó mais feliz e orgulhosa do mundo. E você, minha filha... obrigada por sua presença e por cuidar tão bem de mim. Vocês foram minha maior alegria. Nunca se esqueçam disso.

Tentei não soltar a mão dela, querendo segurar aquele calor ali comigo. Mas a porta se fechou.

Três dias intermináveis se passaram, eu já havia recebido alta hospitalar, quando chegou a notícia que eu mais temia. Meu filho, que já era médico, encarregou-se de me contar, com a voz trêmula:

— A vovó não resistiu...

Aquelas palavras atravessaram meu coração.

Eu caí de joelhos. Não era possível. Ela era tão forte. Tão guerreira. Tão tudo.

O vírus não nos deixou despedir dela. Roubou-nos o adeus.

Tudo foi lacrado, selado, fechado.

E a dor permaneceu aberta dentro de mim e dos meus irmãos, e de todos que a amavam.

Até hoje permanece.

A mãe que virou eternidade

Mas, ao mesmo tempo, ela nunca se foi por inteiro. De alguma forma, continua presente.

Porque eu sinto que minha mãe vive em cada mãe que habita este mundo.

Por isso, sempre que posso, compro uma quitanda, preparo a matula com todo carinho, e digo às minhas amigas, conhecidas e desconhecidas:

— Leva para sua mãe... é como se fosse para a minha.

É o meu jeito de continuar amando-a.

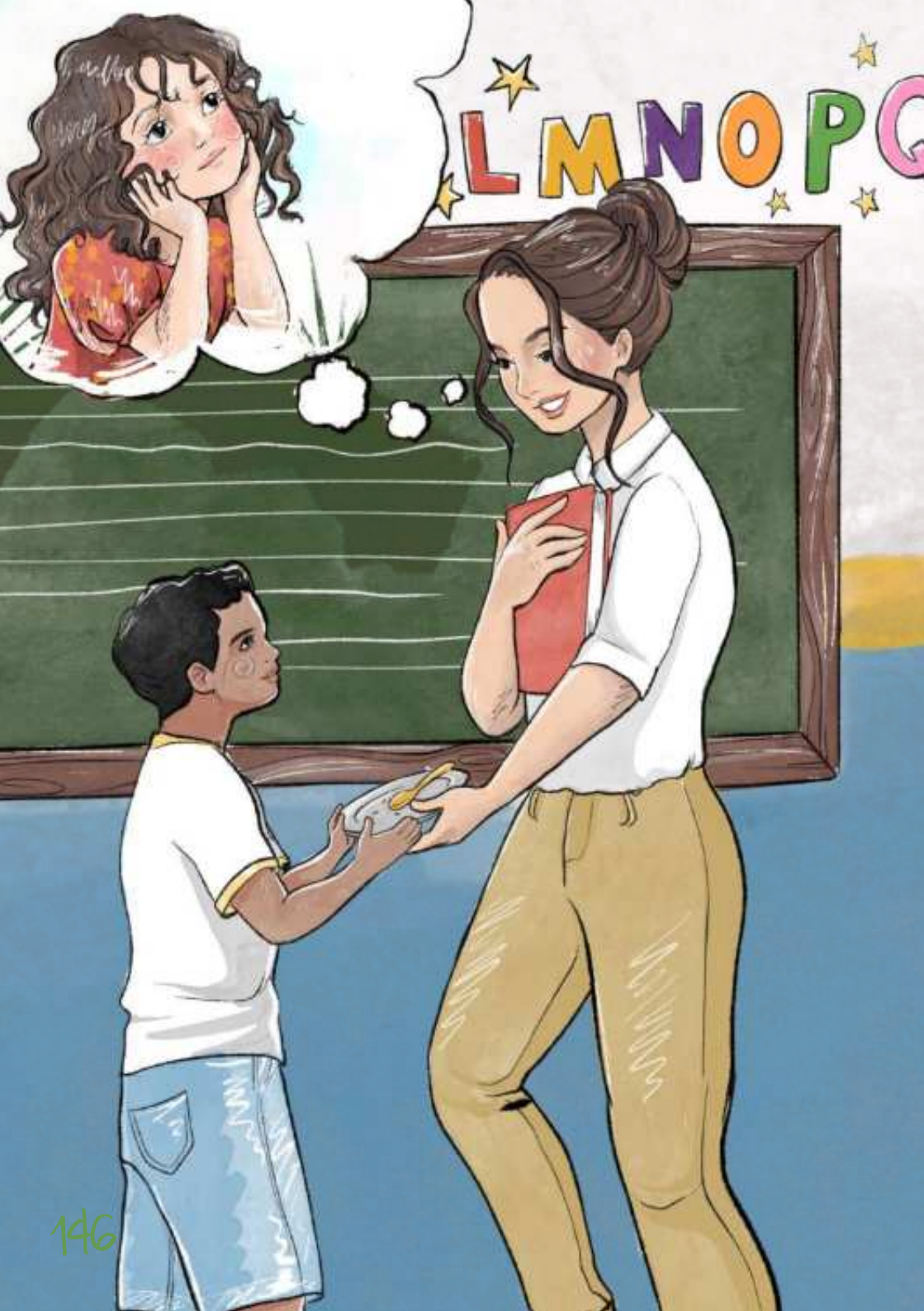
De tocar, ainda que de longe, o que a pandemia me arrancou.

De oferecer o carinho que ficou preso na garganta.

Mamãe nunca aprendeu a ler. Mas me ensinou o mais difícil: respeito, força e dignidade.

Ela foi a minha professora. A primeira. A maior de todas.

E, por tudo isso, não importa quanto tempo passe, eu continuarei sendo a filha de Diomara — a mulher mais forte que já pisou neste mundo.



Epílogo



A sala de aula

A sala de aula está cheia de vida. Há risos, vozes misturadas e o barulho das cadeiras sendo arrastadas, enquanto as crianças esperam a hora do lanche, que é sempre um dos momentos mais aguardados do dia.

Quando as merendeiras chegam com as bandejas, os olhos dos alunos brilham. Basta o cheiro da comida se espalhar para a agitação crescer ainda mais. Mal começam a comer, ouço uma vozinha apressada que já conheço bem:

— Professora, posso repetir?

É Lázaro, com o olhar ansioso e faminto.

Olho para ele e, por um instante, sinto como se o tempo se dobrasse dentro de mim.

— Pode sim, Lázaro — respondo, tentando esconder a emoção.

É sempre assim: cada vez que vejo um aluno com fome, segurando a tigela vazia, a menina que fui desperta dentro de mim. Então compreendo que, em cada pedido para repetir, não há apenas fome de alimento, mas também um silencioso pedido de dignidade.

Faz trinta anos que exerço a função de professora, de alma, de vocação e de destino. E, às vezes, paro para pensar nas voltas que a vida dá: a mesma escola que um dia me barrou por falta de uniforme e material foi, mais tarde, a que me abriu caminhos e me deu a profissão que ajudou a transformar a minha história.

Hoje percebo que a professora que me tornei nasceu muito antes do diploma.

Nasceu nas ausências que vivi e na esperança que nunca deixei morrer.

Por isso, procuro olhar para cada criança para além do caderno, da tarefa e da nota.

Pois sei que o que parece desatenção pode ser fome.

O que parece silêncio pode ser dor.

O que parece indisciplina pode ser um pedido de socorro.

Algumas precisam aprender a ler.

Outras precisam, antes de tudo, ser vistas.



Igualdade nas Diferenças

Foi então que passei a compreender melhor as lembranças que guardava desde menina.

Lembrei-me de Clara, que gostava de brincar sozinha e se assustava com ruídos. Passei a compreender que há crianças que sentem o mundo de maneira diferente, como tantas crianças que hoje reconhecemos dentro do espectro do autismo, e que, por isso, precisam ainda mais de cuidado, respeito e acolhimento.

Lembrei-me de Júlia, tantas vezes ferida pelo racismo — marcas que, naquele tempo, eu ainda não sabia nomear. Hoje entendo que esse tipo de preconceito precisa ser enfrentado desde a escola, com diálogo, respeito e educação, assim como fez nossa professora, dona Terezinha, ao nos ensinar que nenhuma criança deve ser diminuída pela cor da pele ou pelo seu cabelo.

Lembrei-me de Lucas, que sorria para disfarçar a dor das zombarias e dos apelidos que hoje sei nomear como bullying. Eu, ao contrário, chorava. Foi assim que aprendi que cada criança tem um jeito de mostrar suas dores: umas se calam, outras sorriem para escondê-las, outras choram. Mas todas, sem exceção, merecem atenção.

E foi convivendo com meus alunos que compreendi algo que a minha própria história já havia ensinado: ninguém aprende de verdade quando está ferido por dentro.

Uma criança que se sente respeitada aprende melhor.

Uma criança que se sente acolhida respira melhor.

Uma criança que encontra afeto consegue, aos poucos, acreditar em si mesma.



A menina do Pequê permanece

Hoje, quando olho para a nossa história, vejo que somos uma família de vencedores. Aprendemos com nosso pai e nossa mãe, ainda pequenos, que, mesmo em um lar de fal-

tas, quando há amor, sonhos e esperança, há também força para seguir, resistir e vencer.

Seguimos mantendo acesa a união que herdamos deles. A cada mês, nos reunimos na casa de um dos irmãos, em volta de uma mesa farta, como se, em cada encontro, um pedaço daqueles domingos felizes do sertão goiano voltasse a respirar entre nós.

E, ao olhar para esse caminho, também me lembro daqueles que caminharam ao meu lado desde a infância.

Meus amigos Júlia, Mateus e Lucas seguiram seus próprios caminhos e constituíram família. Júlia tornou-se enfermeira, cuidando da vida com as mãos e o coração.

Mateus permaneceu no sítio, cultivando a terra, fazendo das hortas e das feiras o seu sustento e sua forma de viver.

Lucas se formou engenheiro e hoje trabalha com energia, ajudando a iluminar caminhos que vão muito além dos fios.

Seu Divino e dona Aurora continuam na fazenda, agora com os cabelos brancinhos. Em uma das últimas postagens nas redes sociais, vi uma foto linda dos dois ao centro, rodeados pela família. Ao olhar para seu Divino, reconheci aquele mesmo sorriso de quem, um dia, me presenteou com um apelido cheio de significado.

Alberto também continua por lá. Casou-se, teve três filhos, e Clara, sua irmã, que nunca se casou, segue morando com eles.

Mas o que mais me chamou atenção naquela foto foram os quatro cachorros sentados no chão, com os olhares atentos; um deles parecia muito com o Pirata. Alberto me contou que eles pertenciam à quarta geração da linhagem dele.

Embora, ao longo da vida, eu tenha tido outros cachorros, inclusive o Pirata que ganhei do seu Raimundo e do Mateus, a imagem daquele primeiro companheiro correndo pelo terreiro do cerrado, com o rabo abanando, nunca me saiu da lembrança — e eu sempre me emociono ao recordá-lo.

Porque há presenças que o tempo não leva. Apenas se transformam, atravessam gerações e continuam habitando a memória, como quem insiste em ficar.

E eu sigo sendo mãe, professora, mulher de luta.

A vida recomeçou para mim, agora com um novo relacionamento, feito de companheirismo.

Meus filhos cresceram e se formaram em profissões distintas, mas igualmente importantes: um escolheu cuidar da saúde humana; o outro, zelar pela saúde das engrenagens tecnológicas que movem o nosso tempo.

Sigo estudando, licenciada, bacharelada, mestra — porque o estudo foi e sempre será o meu instrumento de libertação.

E eu voltei a abrir os livros para realizar outro sonho: tornar-me nutricionista. Depois de uma vida atravessada pela fome, pelas panelas vazias, pelo mingau e pela taio-

ba, passei a me dedicar a pesquisar sobre o alimento, o corpo, os nutrientes que me faltaram ao longo da minha infância e adolescência.

Foi assim que compreendi que muitas das "amarelas" que eu sentia podiam estar relacionadas à desnutrição que vivi na infância. A fome deixa marcas, e acredito que algumas delas acompanham ao longo da vida, refletindo, por vezes, em dificuldades de memória, concentração e aprendizagem.

Por isso, a formação em Nutrição se tornou, para mim, mais do que uma segunda profissão: uma forma de ensinar às pessoas o que aprendi do jeito mais duro: que comer bem é um ato de dignidade, de saúde, de sobrevivência — e, sobretudo, um direito.

E, ao olhar para a estrada que percorri e para aquela menina de pés descalços no cerrado goiano, que acreditava que estudar podia mudar destinos, eu reconheço:

Eu venci.

Eu floresci onde quase nada florescia.

Eu sou — e sempre serei — a Menina do Pequi.



Glossário

À meia: Sistema de trabalho rural em que a produção é dividida entre o trabalhador e o proprietário da terra.

Agregado: Pessoa que vive ou trabalha na propriedade de outra, geralmente em troca de moradia e/ou sustento, sem vínculo formal de trabalho.

Alpendre: Espaço coberto na parte externa da casa, comum em áreas rurais, usado para descanso, conversa e convivência.

Aninha, a doceira poetisa de Goiás: Forma afetuosa de se referir a Cora Coralina, nome literário de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, escritora goiana que também ficou conhecida por sua atuação como doceira na Cidade de Goiás.

Apear: Descer de um animal (como cavalo) ou de um meio de transporte.

Autismo: condição do neurodesenvolvimento em que a pessoa percebe, sente e interage com o mundo de maneira própria. Pode envolver diferenças na comunicação, no com-

portamento e na forma de se relacionar. Cada pessoa autista é única e precisa de respeito, compreensão e acolhimento.

Bamburrar: Expressão popular que significa ter sorte ou ganhar dinheiro de forma inesperada.

Barbeiro: Inseto conhecido cientificamente como triatômíneo. Pode transmitir o protozoário causador da Doença de Chagas ao picar seres humanos, especialmente em casas de pau a pique.

Boleia: Parte frontal de caminhões ou caminhonetes onde ficam o motorista e os passageiros.

Brim: Tecido grosso e resistente, muito usado na confecção de calças, uniformes e roupas de trabalho.

Cabreiros: Desconfiados, ressabiados ou com medo de que alguma coisa ruim aconteça.

Capanga: Sacola simples de tecido, usada para carregar objetos, especialmente material escolar.

Candura: Qualidade de quem é puro, ingênuo e de coração simples; doçura e inocência no modo de ser.

Capinar: Ato de retirar o mato ou limpar o solo com instrumentos agrícolas. "Carpir" é uma forma popular de dizer "capinar".

Carne de porco de lata: Carne de porco frita e guardada na própria gordura, dentro de lata ou vasilha, para conservação por mais tempo.

Casebre: Habitação pequena, simples e com poucos recursos.

Catar: Ato de recolher, juntar ou escolher manualmente alguma coisa, como frutos, grãos ou objetos espalhados.

Cerrado: Bioma brasileiro caracterizado por vegetação adaptada ao clima seco, com árvores de troncos retorcidos e grande biodiversidade.

Chá de funcho: Bebida preparada com as sementes ou folhas do funcho, planta muito usada popularmente para aliviar cólicas e desconfortos digestivos.

Chão batido: Piso de terra compactada, comum em moradias rurais.

Chita: Tecido de algodão, geralmente estampado e colorido, muito usado em roupas simples e populares.

Cidra: Fruto cítrico semelhante ao limão, de casca grossa, muito usado no preparo de doces caseiros.

Costela de vaca: Expressão popular usada para descrever estrada de terra com ondulações irregulares, parecidas com os ossos salientes de uma costela.

Cozinhadinha: Brincadeira infantil de faz de conta em que as crianças fingem cozinhar, usando panelinhas, barro, folhas e outros elementos do cotidiano.

Dar amarela: Expressão popular usada para descrever um mal-estar repentino, com tontura, fraqueza e palidez, geralmente associado à fome ou queda de pressão.

Doce de pau-de-mamão: Doce caseiro feito com o miolo do mamoeiro verde, preparado com açúcar e muito comum em receitas tradicionais do interior.

Doença de Chagas: Doença causada pelo protozoário *Trypanosoma cruzi*, transmitido principalmente pelo inseto barbeiro. Pode afetar o coração e outros órgãos, sendo mais comum em áreas com moradias precárias.

Esmero: Cuidado, capricho e dedicação ao fazer alguma coisa.

Estandarte: Bandeira ou símbolo ornamentado que representa um grupo, festa ou manifestação religiosa, como na Folia de Reis.

Fartura: Abundância de alimentos ou recursos.

Fazenda (tecido): Termo popular usado para designar tecido empregado na confecção de roupas.

Folia de Reis: Manifestação da cultura popular e religiosa brasileira, de origem ibérica, que celebra a visita dos Reis

Magos ao menino Jesus por meio de cantos, instrumentos, bandeiras, orações e visitas às casas.

Forrar o estômago: Expressão popular que significa comer alguma coisa antes, para sustentar o corpo e aguentar melhor o restante do dia.

Fusquinha: Forma popular de se referir ao automóvel Volkswagen Fusca.

Gambirar / Gambira: Realizar trocas de produtos ou objetos sem uso de dinheiro.

Goiás Velho: Forma popular e afetiva de se referir à Cidade de Goiás, antiga capital do estado de Goiás.

Malinhas: Expressão popular para se referir a pessoas jovens que fazem pequenas maldades ou roubos.

Matriarca: Mulher que ocupa posição de referência e liderança dentro da família, geralmente a mãe ou avó.

Matula: Recipiente, embrulho ou bolsa usada para transportar alimentos.

Merenda: Alimentação oferecida aos estudantes no ambiente escolar.

Nostalgia: Sentimento de saudade ou lembrança afetiva de um tempo vivido.

Paioi: Construção ou depósito usado para guardar milho, feijão, ferramentas ou outros mantimentos da roça.

Palhaços mascarados da Folia de Reis: Personagens da Folia de Reis que usam máscaras e roupas coloridas. Em muitas tradições, representam figuras que animam o cortejo, ajudam a proteger a bandeira e dão movimento, humor e teatralidade à festa.

Parentes de posses: Expressão usada para se referir a parentes com melhores condições financeiras ou mais bens materiais.

Pau a pique: Técnica de construção com madeira entrelaçada e barro, comum em áreas rurais.

Pequi: Fruto típico do cerrado brasileiro, de sabor marcante, muito usado na culinária regional.

Porteira: Portão de madeira usado em propriedades rurais.

Pouso de Folia: Parada ou acolhida feita a um grupo de Folia de Reis em determinada casa ou fazenda, geralmente com comida, oração e festa.

Preconceito: julgamento ou ideia formada sobre alguém antes de conhecê-lo de verdade. Pode gerar atitudes injustas e exclusão. O preconceito deve ser superado por meio do respeito às diferenças e da convivência com o outro.

Prosas: Conversas, causos ou bate-papos, geralmente tranquilos e demorados.

Racismo: forma de discriminação baseada na cor da pele, na origem ou em características físicas de uma pessoa. O racismo fere a dignidade humana e precisa ser combatido com respeito, educação e igualdade.

Roça: Área rural destinada ao cultivo ou ao trabalho agrícola.

Sustança: Alimento que sustenta o corpo por mais tempo, fornecendo energia.

Taioba: Planta comestível comum no Brasil, de folhas grandes e verdes, muito utilizada na culinária tradicional; quando bem preparada, é nutritiva e rica em ferro.

Tergal: Tecido sintético, muito usado antigamente em roupas e uniformes por ser resistente e fácil de passar.

Terreiro: Espaço ao redor da casa, geralmente de terra, usado para atividades domésticas e convivência.

Trem (regionalismo): Palavra usada no Centro-Oeste e Sudeste do Brasil para designar qualquer objeto, situação ou acontecimento. Exemplo: "Ô trem bom!"

Trempe: Estrutura improvisada para cozinhar, geralmente feita de metal, lata ou tijolos, sobre a qual se apoia a panela.

Tuberculose: Doença infecciosa, geralmente pulmonar, causada por bactéria e transmitida pelo ar. No passado, exigia afastamento por causa do risco de contágio.

Vacas magras: Expressão que indica período de escassez, dificuldades ou aperto financeiro.



ILUSTRAÇÕES POR:
LANNDER CUNHA
@LANNCREATIONS

No coração do Cerrado goiano, nasce a história de Duda, a Menina do Pequi, baseada em fatos reais e nas memórias da autora. Entre o cheiro do pequi, a poeira da estrada e os dias de fome, ela descobre na escola um motivo para continuar. Ao lado de sua família, do fiel Pirata e de seus amigos, Duda vive aventuras marcadas por afeto, coragem e descobertas.

A merenda escolar, simples para muitos, torna-se esperança para quem quase não tem nada. Cada página convida você a sentir, lembrar e refletir sobre realidades que ainda insistem em existir. É impossível não se emocionar com a coragem de quem transforma escassez em esperança.

Venha percorrer esse caminho de sonhos, perdas e descobertas. Permita-se conhecer — e nunca mais esquecer — a Menina do Pequi.



A Menina
do Pequê



GUIA Pedagógico

IVANI JACINTO DA COSTA
NÍLIA OLIVEIRA SANTOS



Universidade
Estadual de Goiás

**MESTRADO PROFISSIONAL EM
ENSINO DE CIÊNCIAS**

MATERIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO

Este Guia Pedagógico integra a coleção pedagógica da obra literária infantojuvenil A MENINA DO PEQUI: UMA HISTÓRIA DE FOME, SONHOS E ESPERANÇA NO CERRADO GOIANO. Juntamente com o livro literário, compõe o Produto Educacional desenvolvido no Mestrado em Ensino de Ciências da Universidade Estadual de Goiás, vinculado à dissertação intitulada HISTÓRIAS À MESA NO ENSINO DE CIÊNCIAS: CONEXÕES ENTRE LITERATURA INFANTOJUVENIL, ALIMENTAÇÃO E EDUCAÇÃO CTSA.

**IVANI JACINTO DA COSTA
NÍLIA OLIVEIRA SANTOS**

ANO - 2026

IVANI JACINTO
&
NÍLIA OLIVEIRA

GUIA Pedagógico

A Menina do Pegui

**UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA
SOBRE FOME, SONHOS E ESPERANÇA
NO CERRADO GOIANO.**

PÚBLICO-ALVO: ESTUDANTES DO 4º E 5º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL I, ENSINO FUNDAMENTAL II,
ENSINO MÉDIO E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS,
PROFESSORES E MEDIADORES DE LEITURA.

Autoras:

Ivani Jacinto da Costa

Nília Oliveira Santos

Projeto gráfico, diagramação e ilustrações:

Lannder Cunha de Freitas

Catalogação na Fonte
Universidade Estadual de Goiás
Biblioteca do Câmpus Central – Sede: Anápolis – CET

C837g Costa, Ivani Jacinto.

Guia pedagógico / Ivani Jacinto da Costa; Nília Oliveira Santos .– Anápolis-GO, 2026.

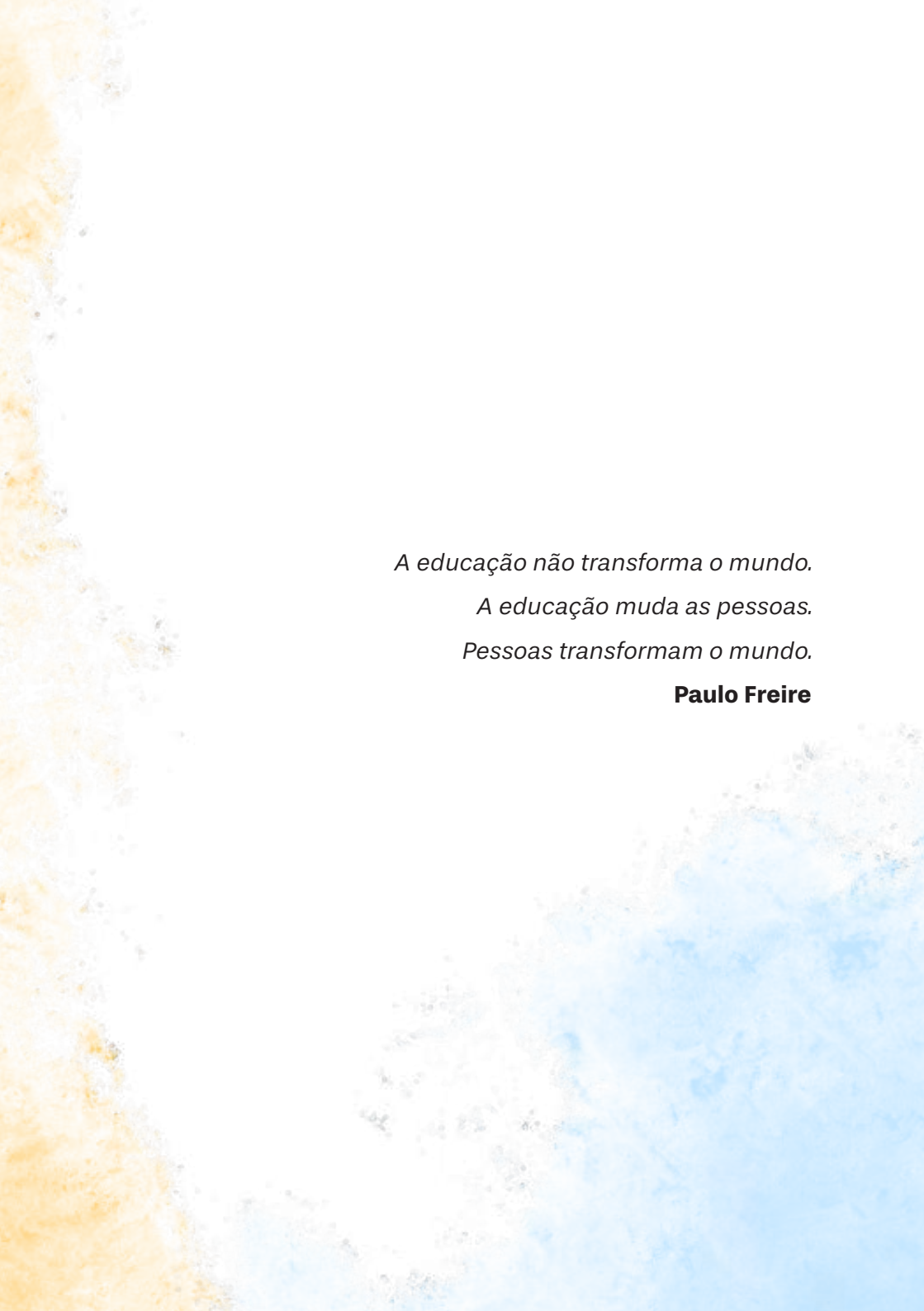
70 p. il (Material didático-pedagógico: Coleção pedagógica a menina do pequi).

Produto Educacional integrante da Dissertação: História à mesa no Ensino de Ciências: conexões entre literatura infantojuvenil, alimentação e educação CTSA. Mestrado Profissional em Ensino de Ciências - Câmpus Central – Sede: Anápolis – CET, Universidade Estadual de Goiás – UEG, 2026.

Orientadora: Profa. Dr^a. Nília Oliveira Santos.

1.Educação CTSA. 2. Cerrado (Brasil). - Estudo e ensino. 3. Formação docente. I. Costa, Ivani Jacinto da. II. Santos, Nília Oliveira. Título.

CDU 37



A educação não transforma o mundo.

A educação muda as pessoas.

Pessoas transformam o mundo.

Paulo Freire

Quem apresenta este guia pedagógico?

Olá, eu sou **Ivani Jacinto da Costa**, autora do livro *A Menina do Pequi*. A obra literária que inspira este guia é baseada em minhas memórias de infância no cerrado goiano, marcadas por situações de fome, vulnerabilidade social, dificuldades de acesso à escola e pelo desejo profundo de estudar — experiências que se aproximam da realidade de tantos estudantes brasileiros. Hoje, essas vivências se transformam em narrativa, reflexão e possibilidades pedagógicas para a sala de aula.

Sou professora da rede pública, nutricionista e mestre em Ensino de Ciências pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Figura 1 – Foto da autora Ivani Jacinto da Costa.

Fonte: Arquivo Pessoal





Figura 2 – Foto da autora Nília Oliveira Santos.

Fonte: Arquivo pessoal.

E eu sou **Nília Oliveira Santos**, professora do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e orientadora acadêmica da autora.

Neste guia, acompanhei a construção da proposta pedagógica com a intencionalidade de orientar a autora na apresentação dos temas da obra ao professor, para contemplar os pressupostos teórico-metodológicos da Educação em Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente (CTSA). Assim, com esse material buscamos aproximar a leitura literária de práticas pedagógicas críticas, contextualizadas e conectadas à realidade dos estudantes.

Su-
ma-
rio



APRESENTAÇÃO	10
CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA A MENINA DO PEQUI	14
Capítulo 01. A PERGUNTA	18
Capítulo 02. O BICHINHO DO MATO	22
Capítulo 03. A MENINA DO PEQUI	26
Capítulo 04. CHUVA, DOCES E POESIA	30
Capítulo 05. O DINDINHO PEDRO	34
Capítulo 06. O TRABALHO PRECOCE	38
Capítulo 07. A FORÇA DE UMA MÃE	42
Capítulo 08. O CHORO DE JÚLIA	46
Capítulo 09. O SONHO INTERROMPIDO	50
Capítulo 10. NOVOS RUMOS	54
Epílogo- A SALA DE AULA	58
EDUCAÇÃO CTSA	62
REFERÊNCIAS	67
NOSSOS AGRADECIMENTOS	67



➔ **VAMOS PROSEAR?**

Professor(a), este Guia Pedagógico é um material de apoio elaborado para apresentar a obra literária *A Menina do Pequeno* e oferecer caminhos para sua exploração em sala de aula. Ele foi pensado para te acompanhar na prática docente, e utiliza uma história baseada em fatos reais como ponto de partida para integrar a literatura ao ensino de Ciências e a outras áreas do saber.

➔ **COMO O GUIA PEDAGÓGICO ESTÁ ORGANIZADO?**

Estruturamos este guia com sugestões de atividades organizadas por capítulos para direcionar seu trabalho docente. Em cada capítulo, você encontrará:

- ➔ Resumo da história e objetivo.
- ➔ Sugestões de atividades interdisciplinares (Ciências, Geografia, História, etc.).
- ➔ Referencial teórico ao final do guia para aprofundamento.



COMO ESSE MATERIAL PODE SER USADO EM SEU PLANEJAMENTO?

A forma como o guia está organizado pode contribuir para a sua prática porque ajuda você a perceber a intencionalidade de cada proposta e como a obra pode dialogar com diferentes áreas do conhecimento. Ao longo dos capítulos, você poderá propor rodas de conversa, problematizações, projetos, atividades de leitura, jogos, gincanas, júris simulados, pesquisas, produções coletivas, uso de slides, exibição de vídeos, experimentos demonstrativos ou investigativos.

Essas possibilidades podem ser combinadas, adaptadas, ampliadas ou recriadas conforme o capítulo trabalhado, a faixa etária da turma, os recursos disponíveis e os objetivos da aula.



QUAL FUNDAMENTAÇÃO DIRECIONA ESSE GUIA?

Neste guia, fundamentamos nosso trabalho nos pressupostos teórico-metodológicos da Educação CTSA. Essa concepção de Educação nos mostra como os conteúdos escolares não podem ser vistos isoladamente, mas sim, em constante diálogo com o desenvolvimento tecnológico, as necessidades da sociedade e o cuidado com o ambiente.

Dessa forma, essa conexão se concretiza quando os temas da obra literária *A Menina do Pequi* passam a ser relacionados à vida real, às experiências dos estudantes e às questões sociais, culturais e ambientais presentes no cotidiano.

Nesse movimento, a interdisciplinaridade torna-se essencial, pois permite articular diferentes áreas do conhecimento em torno de um mesmo tema, superando o isolamento entre as disciplinas. Conforme Japiassu (1976), retomado em estudos mais recentes, a interdisciplinaridade pressupõe diálogo, cooperação e integração entre os saberes, favorecendo uma compreensão mais ampla dos fenômenos estudados

➔ **NUNCA OUVIU FALAR EM EDUCAÇÃO CTSA?**

Talvez você ainda não conheça essa concepção de Educação. No entanto, e se dissermos que muitas das ações que você já realiza em sala de aula dialogam com a Educação CTSA?

Isso acontece quando você aproxima o conteúdo da realidade dos estudantes, parte de situações concretas, propõe perguntas, escuta a turma e apoia os estudantes a perceberem que o que aprendem na escola também está presente no mundo em que vivem.

Ao trabalhar com a obra *A Menina do Pequi*, essa articulação aparece em diferentes dimensões da concepção de ensino Educação CTSA e se relacionam o tempo todo.

➔ **NA PRÁTICA, COMO ACONTECE ESSA ARTICULAÇÃO COM A EDUCAÇÃO CTSA?**

Essa integração se manifesta no cotidiano da sala de aula quando deixamos de fragmentar o conhecimento e passamos a observar o mundo em sua complexidade. No Guia,

essa articulação ganha vida ao conectarmos o enredo da obra literária a quatro dimensões essenciais que se entrelaçam constantemente:

- **A Ciência** aparece quando você discute alimentação, saúde, corpo humano e a biodiversidade do Cerrado.
- **A Tecnologia** entra ao observar como os alimentos são produzidos, conservados e como esses processos se transformam no tempo.
- **A Sociedade** se revela nas relações humanas, nas desigualdades, no trabalho e no acesso aos direitos básicos.
- **E o Ambiente** está presente no território, na natureza e na forma como as pessoas se relacionam com o espaço onde vivem.

Essas dimensões não ocorrem isoladas; elas se relacionam, se complementam, e não podemos entender que essas relações caminham de forma linear e sem as devidas interpretações e com um posicionamento crítico, para que os conhecimentos científicos estejam mais conectados à realidade.



ACEITA O NOSSO CONVITE?

Professor(a), este guia não é um roteiro fechado. Ele é um convite para olhar a leitura como experiência viva, conectada com a realidade dos estudantes — e como possibilidade de formar sujeitos que compreendem o mundo e se reconhecem nele.

Contextualização da Obra

A menina do Pequê



VAMOS CONHECER O RESUMO DA HISTÓRIA?

A obra narra a trajetória de Duda (Maria Eduarda), desde a infância no cerrado goiano até a vida adulta, em uma história marcada pela insegurança alimentar, pela vulnerabilidade social e pelo desejo persistente de estudar.

Nesse resumo, é importante perceber que a narrativa apresenta uma infância vivida em meio a privações, mas também sustentada por afeto, vínculos familiares, cultura local e esperança.



Entre os personagens centrais, destacam-se a mãe, figura de cuidado, firmeza e resistência; o pai, trabalhador da roça; e os irmãos, que compartilham experiências marcadas pela fome, pelas brincadeiras e pelos aprendizados da infância.

Dona Genoveva representa a escola como espaço de acolhimento e possibilidade. Seu Divino e Alberto reforçam valores como solidariedade e apoio mútuo. O cachorro Pirata aparece como símbolo de pertencimento e memória afetiva.

Outros personagens ampliam a narrativa ao trazer temas como inclusão, diferenças individuais e desafios da infância, permitindo discutir questões como desigualdade social, bullying, autismo, trabalho infantil e permanência escolar.

Ao final, já adulta, Duda reconhece na educação um caminho de transformação.



COMO A OBRA ESTÁ ORGANIZADA?

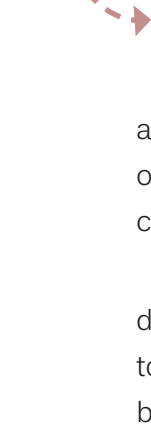
A obra literária é estruturada em capítulos que acompanham cronologicamente o crescimento da personagem Duda (Maria Eduarda), da infância à vida adulta. Essa organização conta com subtítulos que funcionam como recortes da narrativa, facilitando a leitura e permitindo o trabalho com partes específicas da história sem perder o sentido do todo.

Desse modo, a estrutura da obra amplia as possibilidades em sala de aula, pois cada parte pode ser explorada como um momento de reflexão, discussão e desenvolvimento de atividades críticas e contextualizadas.



POR QUE ESTA OBRA PODE FAZER SENTIDO PARA SEUS ESTUDANTES?

A obra *A Menina do Pequeno* nasce de experiências reais e nos leva ao coração do Cerrado, onde a trajetória da personagem é marcada por desafios, afeto e resistência. Ela faz sentido porque traz o protagonismo de sujeitos que refletem a nossa gente — que conhecem o bioma, enfrentam a insegurança alimentar e acreditam na educação. Ao verem sua própria realidade representada e valorizada, estudantes de diferentes idades encontram um solo fértil para o diálogo e para a construção de um conhecimento que realmente lhes pertence.



PARA QUEM ESSA OBRA É DESTINADA?

Com mediação adequada, você pode trabalhar essa obra a partir do 4º ano do Ensino Fundamental, e ampliar para outras etapas, como os anos finais, o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Essa destinação ampliada se justifica porque os temas da narrativa permitem diferentes níveis de aprofundamento, conforme a maturidade da turma e os objetivos do trabalho pedagógico.



DE QUE MANEIRA A OBRA INTEGRA CIÊNCIAS E OUTRAS DISCIPLINAS?

Os temas apresentados em cada capítulo podem ser trabalhados em Ciências e também de forma interdisciplinar,

dialogando com diferentes componentes curriculares. A alimentação, a cultura, o trabalho, o território, a desigualdade social e as relações familiares podem gerar propostas em Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática, Artes e outras áreas. Assim, você pode adaptar as sugestões conforme seu planejamento, ampliando as possibilidades de leitura, diálogo e aprendizagem.



QUAIS JANELAS DE APRENDIZAGEM ESTA HISTÓRIA NOS ABRE?

A centralidade da fome na trajetória de Duda permite explorar a alimentação sob a concepção de Educação CTSA, ao enfatizar o ato de comer como um direito social, tecnológico e ambiental. Esse pressuposto se expande para temas como trabalho precoce, saneamento e transformações tecnológicas, percorrendo de forma interdisciplinar as áreas de Ciências, Geografia, História e Língua Portuguesa, entre outras.

Assim, o livro torna-se um recurso valioso para conectar a biodiversidade do Cerrado ao conhecimento científico e cultural. Ao propor a análise das desigualdades no acesso ao saber, a narrativa oferece caminhos para uma educação crítica, contribuindo para que a leitura se transforme em um exercício de cidadania e de compreensão do mundo.

PREPARADO(A) PARA MERGULHAR NESSA HISTÓRIA?



Capítulo 01.

A PERGUNTA

O QUE O ENREDO NOS REVELA? ←

Professor(a), o primeiro capítulo nos apresenta uma situação simples, mas profundamente significativa: **o momento em que um aluno pede para repetir a merenda.**

Você já viveu algo parecido em sala?

Esse episódio, tão comum no cotidiano escolar, conduz a narradora a revisitar sua própria infância — marcada por dificuldades, pela insegurança alimentar e, ao mesmo tempo, por sonhos e esperanças.

Ao longo do capítulo, conhecemos Duda ainda criança, sua família, o cotidiano no campo e o cachorro Pirata. Entre carências e afetos, a narrativa nos mostra algo essencial: a escola como espaço de aprendizagem, acolhimento e também de acesso à alimentação.

Aqui, temas importantes começam a se revelar: **fome, vínculos familiares, acesso à educação e o papel transformador da escola.**

O QUE PODEMOS TRABALHAR A PARTIR DESTE CAPÍTULO?

Ao explorar esse capítulo com sua turma, você pode conduzir os estudantes a refletirem sobre a importância da alimentação escolar para o desenvolvimento e a aprendizagem.

Mais do que isso, é possível relacionar essa temática às condições de vida dos estudantes, ao acesso à escola e às práticas culturais que fazem parte do cotidiano.

E A INTERDISCIPLINARIDADE, ONDE ENTRA?

Professor(a), perceba que este capítulo abre diversas possibilidades de diálogo entre áreas do conhecimento.

Ao trabalhar com essa proposta, você estará articulando saberes de forma integrada, em sintonia com os pressupostos teórico-metodológicos da Educação CTSA e com outras disciplinas.

Se desejar, essas conexões podem ser ampliadas conforme sua realidade, sua turma e seus objetivos pedagógicos.

COMO DESENVOLVER ESSE TRABALHO COM A TURMA?

A partir da história de Duda, você pode propor reflexões sobre alimentação, escola, passado e presente.

Também é possível investigar a origem dos alimentos, comparar contextos e estimular os estudantes a perceberem como esses temas se relacionam com suas próprias experiências.

A seguir, organizamos algumas sugestões que podem apoiar esse percurso.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Sobre educação CTSA







Capítulo 02.

O BICHINHO DO MATO

O QUE O ENREDO NOS REVELA?

Professor(a), neste capítulo, a história nos aproxima do cotidiano de uma família no cerrado goiano, marcado pela escassez, pelo trabalho no campo e pelas estratégias de sobrevivência.

A figura do pai trabalhador, que troca seu esforço por alimentos, revela uma realidade vivida por muitas famílias rurais. A casa simples, o colchão de palha e a presença de insetos, como o barbeiro, também nos ajudam a refletir sobre moradia, saúde e vulnerabilidade social.

Ao mesmo tempo, o capítulo apresenta momentos de afeto, partilha e cultura alimentar, especialmente nos domingos, quando a família se reúne em torno do frango com pequi, alimento simbólico do cerrado.

A personagem Clara amplia a reflexão sobre as diferenças entre as crianças e seus modos de interação. Já a presença da professora Dona Genoveva reforça a escola como espaço de cuidado, aprendizagem e acesso à alimentação.

Assim, o enredo permite discutir alimentação, saúde, cultura, trabalho, moradia, políticas públicas e respeito às diferenças.

O QUE PODEMOS DESENVOLVER COM A TURMA?

A partir deste capítulo, você pode trabalhar com os estudantes as relações entre alimentação, condições de vida, saúde e cultura.

Que tal provocar reflexões como:

- ➔ De onde vem o alimento que chega até nós?
- ➔ Como as condições de moradia influenciam a saúde?
- ➔ O que a cultura tem a ver com o que comemos?

Essas discussões ajudam os estudantes a compreenderem que a alimentação vai muito além do prato — ela envolve história, trabalho, ambiente e sociedade.

E A INTERDISCIPLINARIDADE, COMO APARECE AQUI?

Professor(a), este capítulo é um convite potente para o trabalho interdisciplinar.

Ao explorá-lo, você estará articulando saberes que dialogam com os pressupostos teórico-metodológicos da Educação CTSA, integrando diferentes áreas do conhecimento de forma significativa.

As propostas podem ser adaptadas conforme sua turma, sua realidade e seus objetivos.

COMO CONDUZIR ESSE TRABALHO EM SALA?

A partir das vivências da personagem, você pode estimular a turma a refletir sobre:

- alimentação e saúde
- cultura alimentar
- condições de moradia
- trabalho e sobrevivência
- convivência e respeito às diferenças

Esses temas podem ser explorados por meio de conversas, investigações, registros e produções coletivas.

A seguir, organizamos algumas sugestões para apoiar esse percurso.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO Sobre educação CTSA



C

Ciência

ALIMENTAÇÃO E SAÚDE

Que tal começar investigando os alimentos presentes no capítulo?

Converse com a turma sobre o mingau, o frango, o pequi, o arroz-doce.

Pergunte:

- *Para que servem esses alimentos no nosso corpo?*

Os estudantes podem identificar quais alimentos ajudam a dar energia, fortalecer o organismo e prevenir doenças. Como registro, você pode propor a construção de um quadro simples relacionando alimento e função no corpo.

T

Tecnologia

COMO SE PREPARA O ALIMENTO?

No capítulo, aparecem formas tradicionais de preparo, como o fogão a lenha.

E hoje, como isso acontece?

Convide os estudantes a comparar o preparo dos alimentos no passado e no presente. Você pode organizar um registro com duas colunas ou promover uma roda de conversa sobre mudanças e permanências.

TEMA CTSA

Alimentação, saúde e condições de vida no cotidiano familiar.

S

Sociedade

TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA

A história nos apresenta o trabalho do pai da personagem.

- Como ele é remunerado?
- Isso ainda acontece hoje?

Proponha uma conversa sobre diferentes formas de trabalho no campo e na cidade. Como atividade, os estudantes podem entrevistar familiares sobre suas profissões e compartilhar com a turma.

A

Ambiente

O CERRADO E SEUS ALIMENTOS

O pequi aparece como elemento central da cultura alimentar.

Você pode explorar com a turma:

- De onde vem o pequi
- Quais outros frutos do cerrado conhecemos?

Os estudantes podem pesquisar e construir um painel coletivo com imagens, nomes e características desses alimentos.



Capítulo 03.

A MENINA DO PEQUI

O QUE O ENREDO NOS REVELA?

Professor(a), neste capítulo, a narrativa apresenta a coleta e venda do pequi como estratégia de sobrevivência da família, evidenciando o trabalho infantil em um contexto de vulnerabilidade social.

Apesar das dificuldades, essa vivência também é marcada por afeto, brincadeiras e aprendizagens entre os irmãos. A presença de seu Divino ganha destaque como figura solidária, pois, ao nomear a personagem como "Menina do Pequi", reforça sua identidade, seu pertencimento e sua esperança.

O capítulo também aborda o medo na infância, as experiências de adoecimento ligadas à fome e os impactos dessas condições no corpo e nas emoções. A gameleira surge como espaço simbólico de imaginação, resistência e construção de sonhos.

Assim, o enredo permite refletir sobre trabalho infantil, cultura local, identidade, saúde, condições de vida e ambiente.

O QUE PODEMOS DESENVOLVER COM A TURMA?

A partir deste capítulo, você pode conduzir reflexões sobre trabalho infantil, cultura alimentar, saúde, identidade e direitos das crianças.

A turma poderá perceber que o pequi, além de alimento típico do cerrado, também aparece na história como fonte de sobrevivência, memória e pertencimento.

E A INTERDISCIPLINARIDADE, COMO APARECE AQUI?

Professor(a), este capítulo possibilita diálogos com Ciências, Geografia, História, Língua Portuguesa, Arte e Ensino Religioso, caso deseje ampliar as discussões.

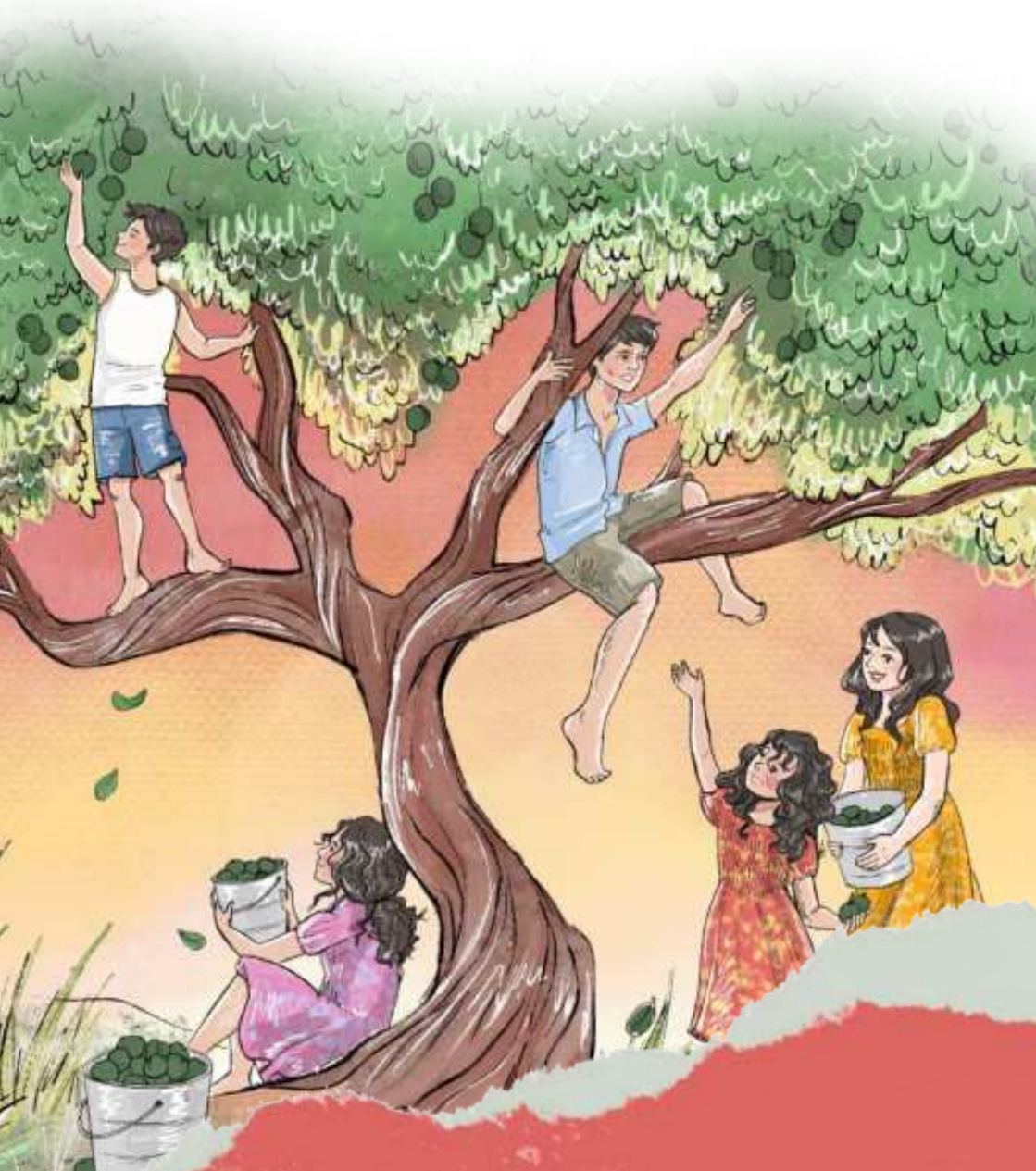
As propostas dialogam com os pressupostos teórico-metodológicos da Educação CTSA ao relacionar alimentação, trabalho, ambiente, cultura e sociedade.

COMO CONDUZIR ESSE TRABALHO EM SALA?

Neste capítulo, os estudantes podem refletir sobre trabalho, cultura, identidade, medo, saúde e imaginação, relacionando as vivências da personagem com o cotidiano das crianças e com os direitos da infância.

A seguir, apresentamos algumas sugestões.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO
Sobre educação CTSA



C

Ciência

CORPO E ALIMENTAÇÃO

A partir dos episódios de fraqueza da personagem, converse com a turma sobre a relação entre alimentação e funcionamento do corpo.

Pergunte:

- *Como o corpo mostra que precisa de energia e cuidados?*

Os estudantes podem identificar sinais como fome, cansaço, tontura e fraqueza, relacionando alimentação, saúde e bem-estar.

T

Tecnologia

DO CAMPO À VENDA

Convide a turma a observar o percurso do pequi: coleta, transporte e venda.

Os estudantes podem representar esse caminho por meio de desenho, esquema ou sequência ilustrada, identificando as etapas e as formas de organização do trabalho.

TEMA CTSA

Trabalho infantil,
cultura alimentar e saúde

S

Sociedade

TRABALHO NA INFÂNCIA

Retome com a turma o trabalho realizado pelas crianças no capítulo. Pergunte:

- *Toda criança deve trabalhar?*
- *Quais são os direitos das crianças?*

A atividade pode culminar na produção de cartazes sobre os direitos da infância.

A

Ambiente

FRUTOS DO CERRADO

O pequi pode ser o ponto de partida para uma pesquisa sobre os frutos do cerrado.

Os estudantes podem investigar sua importância ambiental e cultural e, depois, construir um mural coletivo com imagens, nomes e características dos frutos pesquisados.



Capítulo 04.

CHUVA, DOCES E POESIA

O QUE O ENREDO NOS REVELA?

Professor(a), neste capítulo, a narrativa apresenta uma mudança importante na rotina da família, marcada pela ida à cidade e pelo contato com novos espaços, experiências e modos de viver.

A chegada da chuva simboliza renovação e esperança após o período de seca, mostrando sua importância para a vida no cerrado.

Na cidade de Goiás, a personagem entra em contato com a cultura, a arte e a literatura, em um encontro simbólico com Cora Coralina, ampliando seu olhar para o mundo e despertando sensibilidade poética.

A participação na Folia de Reis evidencia a cultura popular, a religiosidade e a partilha coletiva, fortalecendo vínculos e identidades.

Ao mesmo tempo, o capítulo apresenta contrastes entre campo e cidade e situações de convivência que permitem refletir sobre respeito, inclusão e diferenças entre as pessoas.

Assim, o enredo possibilita discutir cultura, alimentação, religiosidade, ambiente, identidade e convivência social.

O QUE PODEMOS DESENVOLVER COM A TURMA?

A partir deste capítulo, você pode trabalhar com os estudantes as relações entre cultura, alimentação, religiosidade e identidade.

Que tal provocar reflexões como:

- ➔ Qual a importância da chuva para a vida?
- ➔ Que tradições fazem parte da nossa comunidade?
- ➔ O que podemos aprender com diferentes culturas?

Essas discussões ajudam os estudantes a compreenderem que o conhecimento também se constrói nas experiências culturais e sociais.

E A INTERDISCIPLINARIDADE, COMO APARECE AQUI?

Professor(a), este capítulo favorece o diálogo entre Ciências, Geografia, História, Língua Portuguesa e Arte.

As propostas se articulam aos pressupostos teórico-metodológicos da Educação CTSA ao integrar cultura, ambiente, sociedade e práticas alimentares.

COMO CONDUZIR ESSE TRABALHO EM SALA?

Neste capítulo, a turma pode refletir sobre cultura, tradição, alimentação, arte e convivência social, relacionando as vivências da personagem com suas próprias experiências.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO
Sobre educação CTSA



C

Ciência

A CHUVA E O AMBIENTE

Retome a chegada da chuva no capítulo e converse sobre sua importância para o cerrado, para os seres vivos e para a produção de alimentos.

Explique, de forma acessível, o *ciclo da água*.

Atividade: os estudantes podem representar o ciclo da água por meio de desenho ou esquema, relacionando com períodos de seca e chuva em sua realidade.

T

Tecnologia

PRODUÇÃO DE ALIMENTOS E DOCES

A partir dos doces e comidas típicas, converse sobre como esses alimentos são preparados e conservados.

Compare modos tradicionais, como o fogão a lenha, com práticas atuais.

Atividade: os estudantes podem registrar, por desenho ou escrita, o preparo de um alimento típico de sua casa ou comunidade.

TEMA CTSA

Cultura, alimentação
e meio ambiente

S

Sociedade

CULTURA, TRADIÇÃO E CONVIVÊNCIA

Explore a *Folia de Reis* e outras manifestações culturais.

Converse sobre o respeito às crenças, às tradições e às diferenças.

Atividade: os estudantes podem desenhar ou relatar uma tradição de sua família ou comunidade e compartilhar com a turma.

A

Ambiente

O CERRADO E SUAS TRANSFORMAÇÕES

A partir do deslocamento entre campo e cidade, proponha uma reflexão sobre as mudanças no ambiente.

Atividade: os estudantes podem desenhar dois cenários (campo e cidade), identificando elementos naturais e transformações provocadas pela ação humana.



Capítulo 05.

O DINDINHO PEDRO

O QUE O ENREDO NOS REVELA?

Professor(a), neste capítulo, a narrativa apresenta uma mudança importante na vida da família: a ida para a casa do avô, motivada pelo adoecimento do pai.

Você já observou como situações de saúde podem transformar toda a rotina familiar?

A figura do dindinho Pedro ganha destaque como alguém que representa sabedoria popular, resiliência e estratégias de sobrevivência, como as "gambiras", revelando práticas de troca e adaptação diante das dificuldades.

A ausência do pai é sentida, mas os vínculos afetivos se mantêm por meio da escrita de cartas, mostrando como a linguagem pode aproximar, acolher e expressar sentimentos.

O capítulo também evidencia desigualdades no acesso a bens materiais e culturais, como televisão, brinquedos e alimentação, permitindo refletir sobre diferentes realidades.

A chegada à cidade e o retorno à escola marcam uma nova etapa na trajetória da personagem, trazendo possibi-

lidades, mas também desafios relacionados à permanência escolar.

Assim, o enredo permite discutir família, saúde, comunicação, condições de vida e acesso à educação.

O QUE PODEMOS DESENVOLVER COM A TURMA?

A partir deste capítulo, você pode trabalhar com os estudantes as relações entre família, saúde, comunicação e educação.

Que tal propor reflexões como:

- Como a saúde influencia a vida da família?
- De que formas podemos nos comunicar com quem está distante?
- Todas as famílias são iguais?

Essas questões ajudam a turma a compreender a diversidade de experiências e a importância dos vínculos afetivos.

E A INTERDISCIPLINARIDADE, COMO APARECE AQUI?

Professor(a), este capítulo possibilita o diálogo entre Ciências, Língua Portuguesa, História e Geografia.

As propostas se articulam aos pressupostos teórico-metodológicos da Educação CTSA ao integrar saúde, comunicação, sociedade e condições de vida.

▶ COMO CONDUZIR ESSE TRABALHO EM SALA?

Neste capítulo, a turma pode refletir sobre família, saúde, comunicação, mudanças de vida e acesso à escola, relacionando a história da personagem com suas próprias vivências.

▶ ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Sobre educação CTSA



C

Ciência

DOENÇA E CUIDADO COM O CORPO

Converse com a turma sobre a importância dos cuidados com a saúde.

Pergunte:

- *O que precisamos fazer para cuidar do nosso corpo?*

Relacione alimentação, repouso e tratamento, explicando que algumas doenças exigem mudanças na rotina familiar.

T

Tecnologia

FORMAS DE COMUNICAÇÃO

A partir da carta escrita para o pai, explore diferentes formas de comunicação.

Como as pessoas se comunicavam antes? E hoje?

Atividade: os estudantes podem escrever uma carta, bilhete ou mensagem para alguém especial.

TEMA CTSA

Saúde, família
e condições de vida

S

Sociedade

ORGANIZAÇÃO FAMILIAR

Proponha uma conversa sobre diferentes formas de organização familiar.

Explique que cada família tem sua maneira de cuidar e se organizar.

Atividade: os estudantes podem compartilhar, de forma respeitosa, aspectos de sua convivência familiar.

A

Ambiente

VIDA NO CAMPO E NA CIDADE

Convide a turma a comparar os modos de vida no campo e na cidade.

- *Quais são as diferenças? E as semelhanças?*

Atividade: os estudantes podem registrar essas comparações por meio de desenhos ou esquemas.



Capítulo 06.

O TRABALHO PRECOCE

O QUE O ENREDO NOS REVELA?

Professor(a), neste capítulo, a narrativa evidencia o trabalho precoce das crianças como estratégia de sobrevivência familiar, revelando situações de vulnerabilidade e desigualdade social.

Você já refletiu sobre como o trabalho pode interferir na infância e na vida escolar?

A saída dos irmãos da escola para trabalhar mostra, de forma direta, como as condições socioeconômicas impactam a permanência escolar e o direito à educação.

O capítulo também apresenta riscos sociais enfrentados por crianças e adolescentes, simbolizados na ideia do "lobo em pele de cordeiro", indicando situações de perigo e a necessidade de proteção.

Além disso, a partida de personagens e a fragmentação da família reforçam como as desigualdades influenciam as trajetórias de vida.

Assim, o enredo permite discutir trabalho infantil, direitos da criança, desigualdade social e acesso à educação.

O QUE PODEMOS DESENVOLVER COM A TURMA? ◀

A partir deste capítulo, você pode conduzir reflexões sobre trabalho precoce, direitos das crianças e permanência na escola.

Que tal propor perguntas como:

- ➔ Criança deve trabalhar?
- ➔ O que toda criança precisa para crescer com saúde?
- ➔ Por que algumas crianças deixam a escola?

Essas reflexões ajudam a turma a compreender a importância da proteção, do cuidado e do direito à educação.

E A INTERDISCIPLINARIDADE, COMO APARECE AQUI? ◀

Professor(a), este capítulo favorece o diálogo entre Ciências, História, Geografia e Língua Portuguesa.

As propostas se articulam aos pressupostos teórico-metodológicos da Educação CTSA ao integrar trabalho, sociedade, saúde e ambiente.

▶ COMO CONDUZIR ESSE TRABALHO EM SALA?

Neste capítulo, os estudantes podem refletir sobre trabalho precoce, desigualdade social e seus impactos na infância, relacionando a narrativa com situações do cotidiano.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO
Sobre educação CTSA



C

Ciência

CORPO, CANSAÇO E LIMITES

Retome as situações de trabalho vividas pelas crianças.

Pergunte:

→ *O que o corpo precisa para crescer com saúde?*

Construa com a turma um quadro relacionando descanso, alimentação, tempo de brincar e estudar.

T

Tecnologia

FERRAMENTAS E FORMAS DE TRABALHO

Peça que os estudantes identifiquem os tipos de trabalho apresentados no capítulo e os instrumentos utilizados.

Atividade: *representar, por desenho ou esquema, como as ferramentas podem tornar o trabalho mais leve ou mais pesado.*

TEMA CTSA

Trabalho infantil, direitos da criança e desigualdade social

S

Sociedade

INFÂNCIA, TRABALHO E DIREITO À ESCOLA

Conduza a pergunta:

Criança deve trabalhar?

Promova uma roda de conversa respeitosa e apresente a ideia de que toda criança tem direito à proteção, ao estudo e ao brincar.

Atividade: *produção de frases com o tema "Toda criança tem direito a..."*

A

Ambiente

TRABALHO E MEIO AMBIENTE

Converse sobre os espaços onde o trabalho acontece: roça, casa, rua, comércio.

Atividade: *os estudantes podem desenhar um desses ambientes, identificando elementos como sol, chuva, terra e plantas, relacionando-os às condições de trabalho.*



Capítulo 07.

A FORÇA DE UMA MÃE

O QUE O ENREDO NOS REVELA?

Professor(a), neste capítulo, a narrativa destaca a mãe como eixo de sustentação da família em um contexto de vulnerabilidade social.

Você já percebeu como, em muitas realidades, a figura materna assume múltiplas funções para garantir o cuidado e a proteção dos filhos?

Aqui, a mãe organiza a casa, cuida da alimentação e protege as crianças diante das adversidades, mostrando força, responsabilidade e afeto.

Ao mesmo tempo, o capítulo apresenta os desafios da vida urbana, especialmente os riscos presentes nas ruas, contrastando com espaços de convivência e brincadeira.

O pomar das jabuticabas surge como lugar de encontro, imaginação e aprendizagem, revelando que, mesmo em meio às dificuldades, a infância encontra formas de existir.

Assim, o enredo permite refletir sobre família, cuidado, proteção, condições de vida e o papel das redes de apoio no desenvolvimento das crianças.

O QUE PODEMOS DESENVOLVER COM A TURMA? ←

A partir deste capítulo, você pode promover reflexões sobre o cuidado, a proteção e o papel da família e da comunidade na vida das crianças.

Que tal conversar com a turma sobre:

- Quem cuida de nós no dia a dia?
- O que precisamos para crescer com segurança?
- Onde nos sentimos protegidos?

Essas discussões ajudam os estudantes a reconhecerem vínculos, perceberem a importância do cuidado e valorizarem diferentes formas de organização familiar.

→ E A INTERDISCIPLINARIDADE, COMO APARECE AQUI?

Professor(a), este capítulo possibilita o diálogo entre Ciências, Geografia, História e Língua Portuguesa.

As propostas se articulam aos pressupostos teórico-metodológicos da Educação CTSA ao integrar cuidado, sociedade, ambiente e condições de vida.

→ COMO CONDUZIR ESSE TRABALHO EM SALA?

Neste capítulo, você pode convidar a turma a refletir sobre a força da mãe de Duda, os cuidados com os filhos, os perigos da rua e os espaços de convivência da infância.

As atividades a seguir são sugestões e podem ser adaptadas conforme sua realidade.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO**Sobre educação CTSA**

C Ciência

CUIDADO, SEGURANÇA E BEM-ESTAR

Retome com a turma as situações em que a mãe protege e orienta os filhos.

Você pode conversar sobre cuidados importantes no dia a dia, como alimentação, higiene, sono e prevenção de acidentes.

Como sugestão, os estudantes podem construir um quadro com o tema:

- "Cuidados que ajudam uma criança a viver melhor"

T Tecnologia

COMO AS FAMÍLIAS ORGANIZAM A ROTINA?

Você pode propor uma conversa sobre como as famílias organizam o cotidiano: *horários, tarefas, preparo dos alimentos e cuidados*.

Como sugestão, cada estudante pode registrar, por desenho ou pequeno texto, uma rotina importante de sua casa.

TEMA CTSA

Cuidado, proteção, família e condições de vida.

S Sociedade

QUEM PROTEGE AS CRIANÇAS?

A partir dos perigos apresentados no capítulo, você pode realizar uma roda de conversa sobre proteção e segurança.

Pergunte:

- Em quem uma criança pode confiar quando precisa de ajuda?

Como sugestão, a turma pode produzir um painel com o título:

"Pessoas e lugares que protegem as crianças"

A Ambiente

O POMAR E OS ESPAÇOS DA INFÂNCIA

Retome o pomar das jabuticabas e converse sobre a importância dos espaços naturais para brincar e conviver.

Como sugestão, os estudantes podem desenhar um espaço da natureza que faça parte de sua vida ou que gostariam de ter próximo à escola.



Capítulo 08.

O CHORO DE JÚLIA

O QUE O ENREDO NOS REVELA?

Professor(a), neste capítulo, a história amplia as relações no espaço escolar e destaca a convivência entre as crianças, suas diferenças e suas emoções.

O choro de Júlia revela que algumas situações vividas na escola exigem escuta, empatia e sensibilidade. As experiências de Lucas e Mateus também ajudam a perceber que cada criança enfrenta desafios próprios, sejam eles emocionais, familiares ou financeiros.

A narrativa mostra que a escola pode ser espaço de acolhimento, mas também lugar onde conflitos, preconceitos e desigualdades aparecem.

Assim, o enredo permite refletir sobre emoções, inclusão, respeito às diferenças e construção de relações mais solidárias no cotidiano escolar.

O QUE PODEMOS DESENVOLVER COM A TURMA?

A partir deste capítulo, você pode conversar com os estudantes sobre emoções, convivência, amizade, respeito e acolhimento.

Que tal propor perguntas como:

- ➔ Como percebemos quando alguém está triste?
- ➔ O que podemos fazer para acolher um colega?
- ➔ Por que o respeito às diferenças é importante?

Essas reflexões ajudam a turma a reconhecer sentimentos e fortalecer atitudes de cuidado no espaço escolar.

E A INTERDISCIPLINARIDADE, COMO APARECE AQUI?

Professor(a), este capítulo possibilita diálogo com Ciências, Língua Portuguesa, Arte, História e Ensino Religioso, conforme os objetivos da aula.

As propostas se articulam à concepção de ensino CTSA ao relacionar corpo, emoções, convivência, comunicação, inclusão e cuidado no espaço escolar.

COMO CONDUZIR ESSE TRABALHO EM SALA?

Neste capítulo, você pode convidar a turma a refletir sobre emoções, convivência, respeito às diferenças e inclusão, a partir das situações vividas por Júlia, Lucas e Mateus.

As atividades a seguir são sugestões e podem ser adaptadas conforme sua realidade.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO
Sobre educação CTSA



C

Ciência

CORPO, EMOÇÕES E CUIDADO

Retome com a turma a situação vivida por Júlia e converse sobre como o corpo manifesta emoções, como tristeza, medo, vergonha, alegria e ansiedade.

Como sugestão, os estudantes podem construir um quadro com duas colunas: "O que eu sinto" e "Como meu corpo reage".

T

Tecnologia

COMO COMUNICAMOS O QUE SENTIMOS?

Você pode conversar com a turma sobre diferentes formas de expressar sentimentos: fala, escrita, gestos, desenhos, bilhetes, mensagens e imagens.

Como sugestão, os estudantes podem produzir um bilhete, desenho ou pequeno texto com o tema: "Quando alguém está triste, eu posso ajudar..."

TEMA CTSA

Emoções, convivência, inclusão e cuidado no espaço escolar

S

Sociedade

RESPEITO ÀS DIFERENÇAS

A partir das situações vividas pelos personagens, você pode propor uma roda de conversa sobre apelidos, exclusão, bullying, amizade e acolhimento.

Como sugestão, a turma pode construir combinados de convivência com o título:

"Na nossa turma, respeito é..."

A

Ambiente

O ESPAÇO ESCOLAR TAMBÉM ACOLHE

Convide os estudantes a observar a sala, o pátio, a cantina e outros espaços da escola, pensando se são ambientes acolhedores, seguros e respeitosos para todos.

Como sugestão, eles podem propor pequenas melhorias para tornar a escola um lugar mais cuidadoso e inclusivo.



Capítulo 09.

O SONHO INTERROMPIDO

O QUE O ENREDO NOS REVELA?

Professor(a), neste capítulo, a narrativa evidencia como muitos sonhos e trajetórias escolares podem ser interrompidos pelas condições sociais, econômicas e familiares.

A saída da escola, as dificuldades enfrentadas e a necessidade de trabalhar mostram que a desigualdade impacta diretamente a permanência escolar.

Ao mesmo tempo, a presença de figuras de apoio, simbolizadas como "fada madrinha", revela que a retomada dos estudos pode acontecer quando há incentivo, acolhimento e oportunidades.

Assim, o enredo permite refletir sobre permanência escolar, desigualdade social, interrupção dos estudos e importância das redes de apoio.

O QUE PODEMOS DESENVOLVER COM A TURMA?

A partir deste capítulo, você pode conversar com os estudantes sobre sonhos, escola, dificuldades e apoio.

Que tal propor perguntas como:

- Por que algumas pessoas precisam parar de estudar?
- O que ajuda um estudante a permanecer na escola?
- Quem pode apoiar uma criança ou jovem em seus estudos?

Essas reflexões ajudam a turma a compreender que a educação nem sempre acontece de forma linear, mas pode ser retomada com apoio, cuidado e oportunidades.

E A INTERDISCIPLINARIDADE, COMO APARECE AQUI?

Professor(a), este capítulo permite diálogo com Ciências, Geografia, História, Língua Portuguesa e Matemática.

As propostas se articulam à concepção de ensino CTSA ao relacionar trabalho, acesso ao conhecimento, desigualdade social, ambiente e permanência escolar.

COMO CONDUZIR ESSE TRABALHO EM SALA? ←

Neste capítulo, você pode convidar a turma a refletir sobre permanência escolar, desigualdade social e redes de apoio na continuidade dos estudos.

As atividades a seguir são sugestões e podem ser adaptadas conforme sua realidade.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO
Sobre educação CTSA







Capítulo 10.

NOVOS RUMOS

O QUE O ENREDO NOS REVELA?

Professor(a), neste capítulo, a narrativa apresenta Duda já adulta, construindo sua trajetória por meio do trabalho, dos estudos e da formação no magistério.

Ao longo desse caminho, ela se casa, torna-se mãe e assume a responsabilidade de cuidar dos filhos, conciliando diferentes papéis e enfrentando desafios cotidianos.

A maternidade ganha centralidade, marcada pelo cuidado, pela dedicação e pelas dificuldades, especialmente diante da separação conjugal e da ausência paterna em momentos importantes da vida escolar das crianças.

A "casa da Rainha" surge como símbolo de reconhecimento da trajetória de sua mãe, revelando que o cuidado, o esforço e a dedicação ao longo da vida produzem frutos.

O capítulo também aborda a perda da mãe, conectando memória, afeto e continuidade entre gerações.

Assim, o enredo permite refletir sobre maternidade, família, cuidado, projeto de vida, memória e relações intergeracionais.

O QUE PODEMOS DESENVOLVER COM A TURMA?

A partir deste capítulo, você pode promover reflexões sobre família, cuidado, sonhos e projetos de vida.

Que tal propor perguntas como:

- Quem são as pessoas que cuidam de nós?
- O que queremos ser no futuro?
- Como nossa história influencia nossas escolhas?

Essas reflexões ajudam os estudantes a compreenderem que suas trajetórias são construídas ao longo do tempo, com base nas experiências e nos vínculos que estabelecem.

E A INTERDISCIPLINARIDADE, COMO APARECE AQUI?

Professor(a), este capítulo possibilita o diálogo entre Ciências, Língua Portuguesa, História, Geografia e Arte.

As propostas se articulam à concepção de ensino CTSA ao integrar cuidado, saúde, memória, relações familiares e projeto de vida.

COMO CONDUZIR ESSE TRABALHO EM SALA?

Neste capítulo, você pode convidar a turma a refletir sobre maternidade, família, cuidado e continuidade da vida, relacionando a história da personagem com suas próprias experiências.

As atividades a seguir são sugestões e podem ser adaptadas conforme sua realidade.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO
Sobre educação CTSA



C

Ciência

CUIDADO, DESENVOLVIMENTO E RESPONSABILIDADE

Retome com a turma os momentos em que Duda cuida dos filhos.

Você pode conduzir uma conversa sobre o que uma criança precisa para crescer com saúde, considerando o corpo e as emoções.

Como sugestão, os estudantes podem construir um quadro coletivo com o título: *"O que uma criança precisa para crescer bem?"*

T

Tecnologia

MEMÓRIAS, REGISTROS E HISTÓRIAS DE VIDA

Você pode conversar com a turma sobre como as pessoas registram suas histórias ao longo do tempo.

Como sugestão, os estudantes podem produzir um texto, desenho ou relato sobre uma pessoa importante em sua vida.

Se desejar, organize um *"mural de memórias da turma"*.

TEMA CTSA

Maternidade, cuidado, saúde e projeto de vida

S

Sociedade

FAMÍLIA, AUSÊNCIA E CUIDADO

A partir das situações vividas no capítulo, você pode propor uma reflexão sobre quem exerce o cuidado na vida das crianças.

Como sugestão, desenvolva a atividade: *"Quem cuida de mim?"*, em que os estudantes representem, por desenho ou escrita, sua rede de apoio.

Valorize a diversidade das famílias e das formas de cuidado.

A

Ambiente

A CASA COMO ESPAÇO DE VIDA E MEMÓRIA

Retome a ideia da *"casa da Rainha"* e converse sobre o significado da casa na vida das pessoas.

Como sugestão, os estudantes podem desenhar ou descrever um espaço importante em sua vida, identificando elementos do ambiente e sua relação com o bem-estar e os estudos.



Epílogo

A SALA DE AULA

O QUE O ENREDO NOS REVELA?

Professor(a), neste momento final, a narrativa nos apresenta Duda já adulta, agora professora, retomando sua própria história e conectando passado e presente.

Você já pensou como nossas experiências de vida influenciam a forma como ensinamos?

A infância marcada pela fome, pela exclusão e pelas dificuldades transforma-se, aqui, em compromisso com uma prática pedagógica mais sensível, acolhedora e atenta às realidades dos estudantes.

A sala de aula passa a ser compreendida como espaço de transformação — lugar onde ensinar vai além do conteúdo e se torna cuidado, escuta e responsabilidade social.

Assim, o enredo nos convida a refletir sobre o papel da educação na construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e equitativa.

O QUE PODEMOS DESENVOLVER COM A TURMA?

A partir do epílogo, você pode retomar com a turma toda a trajetória de Duda e refletir sobre como as experiências vividas ao longo da vida influenciam escolhas e atitudes.

Que tal propor perguntas como:

- ➔ O que aprendemos com a história de Duda?
- ➔ Como a escola pode ajudar a transformar vidas?
- ➔ Que tipo de escola queremos construir?

Essas reflexões favorecem a síntese dos temas trabalhados ao longo da obra e fortalecem o sentido da educação na vida dos estudantes.

E A INTERDISCIPLINARIDADE, COMO APARECE AQUI?

Professor(a), o epílogo é um momento de integração.

Aqui, você pode articular diferentes áreas do conhecimento, retomando temas como alimentação, saúde, cultura, família, desigualdade, ambiente e educação, em diálogo com os pressupostos teórico-metodológicos da Educação CTSA.

COMO CONDUZIR ESSE TRABALHO EM SALA?

Neste momento, você pode convidar a turma a revisitar a trajetória da personagem e compreender como experiências de fome, exclusão, estudo e resistência se transformam em compromisso com uma educação mais humana e inclusiva.

As atividades a seguir são sugestões e podem ser adaptadas conforme sua realidade.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO
Sobre educação CTSA







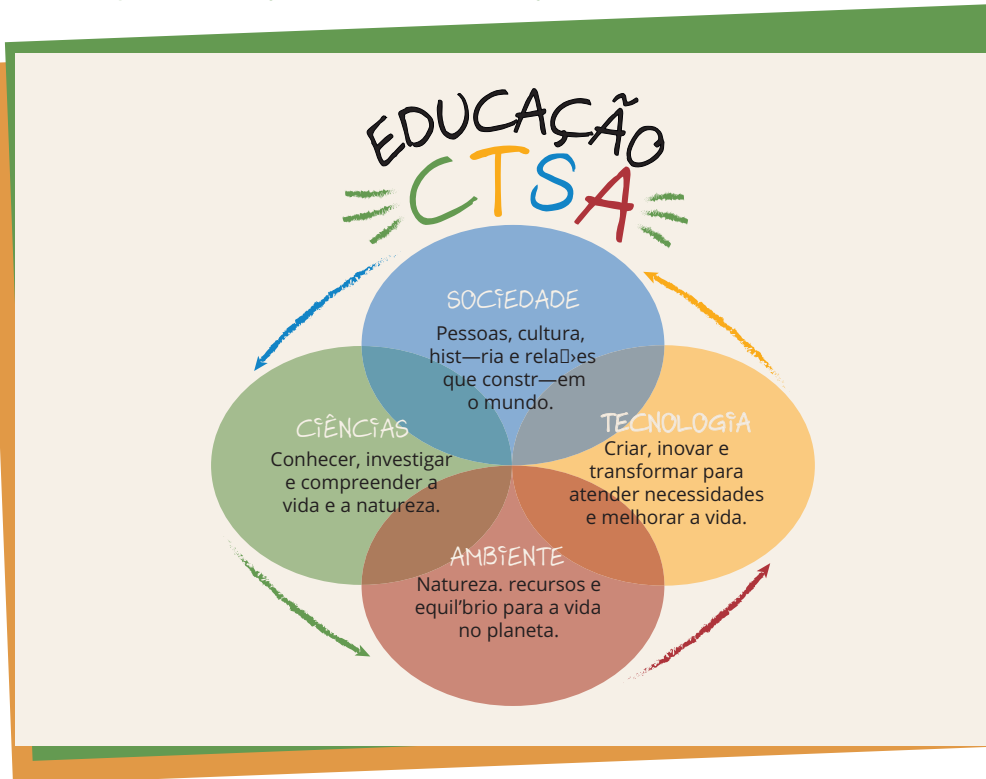
Antes de finalizar,
que tal conhecer
um pouco mais sobre a
Educação CTSA?

➔ Depois de percorrer os capítulos e suas possibilidades de trabalho, este é um convite para aprofundar um pouco mais os pressupostos teórico-metodológicos da Educação CTSA.

A seguir, apresentamos uma síntese clara e acessível dessa concepção de ensino, para ampliar a compreensão das propostas deste guia e fortalecer seus caminhos de atuação em sala de aula.

EDUCAÇÃO CTSA E SUAS ARTICULAÇÕES

Figura 5. Educação CTSA e suas articulações.



Fonte: Elaborada pela autora e criada pelo ilustrador da coleção.

A EDUCAÇÃO CTSA TEM HISTÓRIA

Professor(a), a Educação CTSA não surgiu por acaso. Ela se constitui de uma preocupação importante: ajudar a escola a olhar para a ciência e a tecnologia como conhecimentos

que fazem parte da vida, que impactam a sociedade e que se relacionam diretamente com o ambiente em que vivemos.

A partir da segunda metade do século XX, essas relações passaram a ser mais discutidas. O desenvolvimento científico e tecnológico trouxe avanços, mas também gerou impactos sociais e ambientais, o que levou pesquisadores a questionarem seus efeitos. Nesse contexto, fortaleceu-se a compreensão de que a ciência não é neutra, pois está ligada a interesses, valores e contextos históricos e sociais (AULER, 2002; SANTOS, 2007).

Essas discussões deram origem ao campo denominado CTS — Ciência, Tecnologia e Sociedade. Com o tempo, as questões ambientais passaram a ocupar um lugar central, e o "A", de Ambiente, foi incorporado, dando origem à Educação CTSA. Essa ampliação reforça a necessidade de compreender as relações entre sociedade e natureza no ensino.

De forma prática, trabalhar com a Educação CTSA significa ajudar o estudante a perceber que o conteúdo escolar tem relação com sua vida. Significa discutir temas como alimentação, saúde, meio ambiente, cultura, trabalho e desigualdade social, conectando esses assuntos ao que se aprende na escola.

Strieder (2012) aponta que essa concepção contribui para a formação de sujeitos capazes de compreender e se posicionar diante de problemas reais. Lacerda (2019) destaca que a Educação CTSA favorece práticas pedagógicas contextualizadas, nas quais os conteúdos ganham sentido ao dialogar com questões do cotidiano dos estudantes.

Essa compreensão também se aproxima das ideias de Freire (1996), ao reconhecer a educação como prática social comprometida com a leitura crítica do mundo e com o diálogo com a realidade dos sujeitos.

Nesse contexto, a obra *A Menina do Pequi* foi escrita para narrar memórias de infância marcadas pela fome, pelos vínculos familiares, pela cultura do cerrado goiano e pelo desejo de estudar, constituindo-se como parte do produto educacional. Este guia, por sua vez, foi elaborado para oferecer condições ao professor de relacionar a narrativa ao cotidiano dos estudantes, articulando os temas da obra aos pressupostos teórico-metodológicos da Educação CTSA.

A partir dessa articulação, experiências presentes na história — como insegurança alimentar, cultura, trabalho infantil, inclusão e permanência escolar — podem ser problematizadas em sala de aula de forma crítica, sensível e contextualizada.

Assim, ao integrar literatura e ensino de Ciências, este guia busca contribuir para práticas pedagógicas que valorizem o contexto dos estudantes, promovam o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento e ampliem as possibilidades de compreensão e atuação no mundo em que vivem.



PARA AVANÇAR NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Ao longo deste guia, apresentamos a obra *A Menina do Pequi*, sua organização em capítulos e subtítulos, os temas centrais de cada parte da narrativa e sugestões de atividades articuladas à concepção de ensino CTSA.

As propostas foram pensadas para subsidiar o trabalho docente com a leitura literária de maneira crítica, contextualizada e interdisciplinar, sem limitar a autonomia do professor. Cada atividade pode ser adaptada conforme a realidade da turma, os objetivos da aula e os recursos disponíveis.

Esperamos, de verdade, que a obra ***A Menina do Pequê*** tenha sido uma experiência enriquecedora para você e que este guia pedagógico cumpra seu propósito de ampliar possibilidades de leitura, reflexão e aprendizagem com os estudantes. Que as propostas aqui apresentadas possam seguir semeando diálogos, sentidos e novas experiências em sala de aula.





→ REFERÊNCIAS

AULER, D. **Interações entre ciência-tecnologia-sociedade no contexto da formação de professores de Ciências**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/82610>. Acesso em: 10 abr. 2026.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 24 abr. 2026.

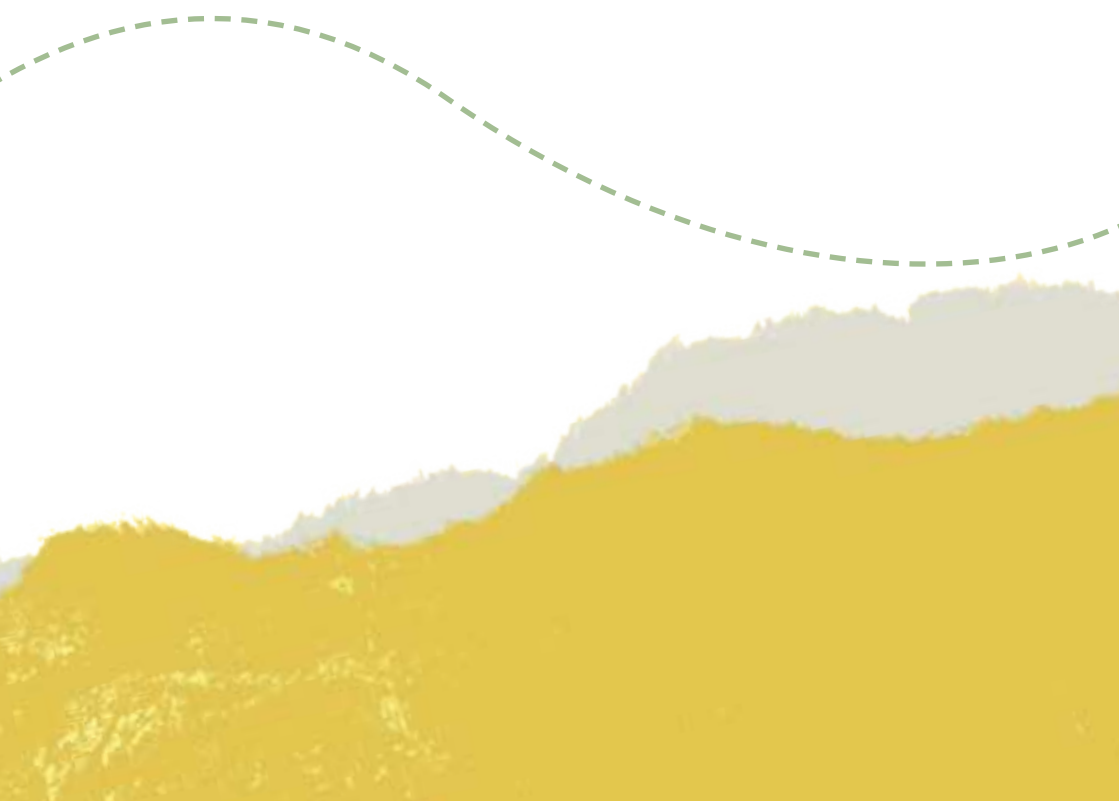
FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

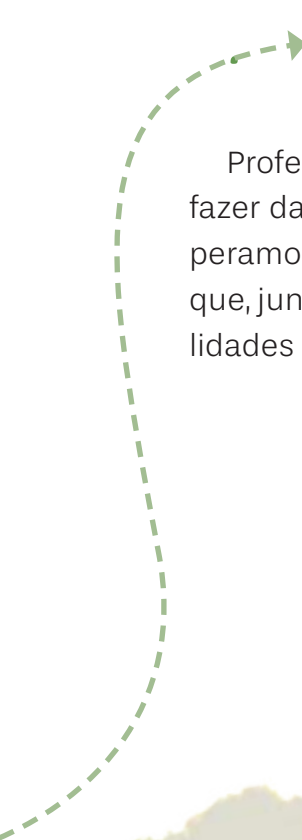
LACERDA, N. O. S. **Educação CTS e autonomia: dimensões para a formação de professores de ciências**. 2019. 220 f., il. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/38351/1/2019_NiliaOliveiraSantosLacerda.pdf. Acesso em: 15 abr. 2026.

SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos. Contextualização no ensino de ciências por meio de temas CTS em uma perspectiva crítica. **Ciência & Ensino**, v. 1, nú-

mero especial, 2007. Disponível em: <https://recursos-defisica.com.br/files/149-530-1-PB.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2026.

STRIEDER, R. B. **Abordagens CTS na educação científica no Brasil: sentidos e perspectivas**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências e Ensino de Física) – Instituto de biociências e Faculdade de educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/81/81131/tde-13062012112417/pt-br.php>>. Acesso em: 09 abr. 2026.





Nossos agradecimentos

Professor(a), agradecemos por chegar até aqui e por fazer da educação um caminho de transformação. Esperamos que este guia seja um aliado em sua prática e que, juntos, possamos semear novos sonhos e possibilidades em sala de aula.



A Menina do Pequê

Este Guia Pedagógico integra a coleção pedagógica da obra literária infantojuvenil **A Menina do Pequê: uma história de fome, sonhos e esperança no Cerrado Goiano**. Juntamente com o livro literário, compõe o Produto Educacional desenvolvido no Mestrado em Ensino de Ciências da Universidade Estadual de Goiás, vinculado à dissertação intitulada **Histórias à mesa no Ensino de Ciências: conexões entre literatura infantojuvenil, alimentação e Educação CTSA**.

Fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da Educação CTSA, este material apresenta sugestões de atividades para o Ensino de Ciências e propostas interdisciplinares que articulam Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente a partir da trajetória de Duda, protagonista da narrativa.

Ao problematizar temas como insegurança alimentar, vulnerabilidade social, cultura, desigualdade, inclusão, permanência escolar e o papel transformador da educação, o guia amplia as possibilidades pedagógicas da obra e oferece ao professor caminhos críticos, reflexivos e contextualizados para diferentes áreas do conhecimento.